

**REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE GOIÁS**

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GOIÁS

Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

Número 17, ago/dez 2002

Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

**Revista do Instituto Histórico
e Geográfico de Goiás**

de Goiás

Volume 17, número 1, 2017

Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

**Revista do Instituto
Histórico e Geográfico
de Goiás**

Número 17, ago/dez 2002

Goiânia, Goiás
2002.

Diretoria do Instituto
Histórico e Geográfico de Goiás
Biênio 2001/2002

Presidente:	JOSÉ MENDONÇA TELES
1ª Vice-Presidente:	BELKISS SPENCIERE CARNEIRO DE MENDONÇA
2º Vice-Presidente:	GERALDO COELHO VAZ
3º Vice-Presidente:	NEY TELES DE PAULA
Secretário Geral:	JACY SIQUEIRA
1º Secretário Geral:	MARY JOSÉ YAZIGI
Tesoureiro:	WALDOMIRO BARIANI ORTENCIO
Rel. de Admissão de Sócios:	MARIA AUGUSTA CALADO
Diretor da Revista:	LENA CASTELLO BRANCO F. DE FREITAS
Chefe de Gabinete:	ELIZABETH ABREU CALDEIRA BRITO
Sec. Administrativa:	NEUZA SOARES DE MELO
Bibliotecária:	VÂNIA BRAGA FARIA

APRESENTAÇÃO

Edita-se o número 17 da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás ao ensejo do 70º aniversário dessa instituição, que tantos e tão relevantes serviços tem prestado ao estado de Goiás.

Idéia longamente acalentada pelos intelectuais goianos, somente em 10 de outubro de 1932 foi formalmente criado o IHGG, durante histórica reunião realizada por iniciativa do Diretor Geral do Interior, dr. José Honorato da Silva e Souza, no Palácio da Instrução da Cidade de Goiás, então capital do estado. Nessa oportunidade, elegeu-se a diretoria provisória do Instituto, que foi instalado quase um ano depois, em 17 de setembro de 1933. Aprovados os seus estatutos - inspirados em diploma similar do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - tomou posse a primeira diretoria eleita, sendo presidente Colemar Natal e Silva, que haveria de presidir os destinos da instituição por mais de 40 anos, em dois mandatos não consecutivos.

Transferindo-se a capital do estado para Goiânia, poucos anos depois o IHGG recebeu em doação os terrenos situados na confluência das ruas 82 e 85; em 26 de julho de 1938, deu-se o lançamento da pedra fundamental de sua sede, que viria a ser a primeira edificação - em estilo *art déco* - do nascente Setor Sul. A este, somou-se recentemente moderno prédio, erguido na profícua presidência do historiador e cronista José Mendonça Teles e inaugurado no governo Marconi Perilo.

O número 1 da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás circulou em 1940; chega-se, hoje, ao seu 17º número - e não será descabido dizer que Diretoria e colaboradores rejubilam-se com o IHGG pela passagem do seu 70º aniversário. De igual modo,

alegram-se com a presença, em Goiânia, dos presidentes e dos representantes do Instituto Histórico Brasileiro e das demais unidades da Federação, a quem dirigem calorosos votos de boas vindas e de boa estada, nesta terra que é generosa e hospitaleira. Que o Encontro de Institutos Históricos e Geográficos em Goiânia tenha pleno êxito, resultando em produção científica relevante e estreitando os laços de colaboração e amizade entre colegas.

No presente número da Revista, privilegiou-se como *Tema Central* a Cidade de Goiás e sua inscrição na lista de Patrimônio Mundial da UNESCO. O reconhecimento internacional das credenciais da vetusta ex-Vila Boa de Goiás, como bem cultural de valor e de interesse mundial, calou fundo na alma goiana e suscitou justificadas manifestações de alegria. A tragédia, porém, espreitava a velha cidade, nas águas transbordantes do rio Vermelho, que a inundaram, afetando parcialmente o Centro Histórico. Tendo como fulcro tais fatos e as aparentes dicotomias que neles se encerram, algumas reflexões são feitas sobre a Cidade de Goiás.

Nos *Temas Gerais*, incluem-se estudos de natureza variada, que bem indicam o amplo espectro de interesses dos nossos associados. Esperamos com tão diversificados trabalhos trazer contribuição significativa para a História e a Geografia - como desejado, há 70 anos, pelos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

Goiânia, outubro de 2002.

Lena Castello Branco Ferreira de Freitas
Diretora da Revista - cadeira 03 do IHGG

RESUMOS

EVENTOS

70^o Aniversário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - 1972

Exposições dos Institutos Histórico e Geográfico Brasileiro e do Conselho de Cultura

Tela: Cidades do Gênero Literário - Maria Helena de Moraes

Dados sobre São Paulo - 1972 - História

(Bibliografia)

Zona do Saco Histórico - An. e Mem. Hist. Geogr. Br.

(Bibliografia)

Quilombos de São Paulo - An. e Mem. Hist. Geogr. Br.

(Bibliografia)

Diário de um viajante - An. e Mem. Hist. Geogr. Br.

TRF - CENTRAL

Trabalho de História - História

Trabalho de História - História

Trabalho de História - História

(Bibliografia)

Trabalho de História - História

(Bibliografia)

Trabalho de História - História

(Bibliografia)

RESUMOS

EVENTOS

70º ANIVERSÁRIO DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GOIÁS. 1932-2002

ENCONTRO DOS INSTITUTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DO BRASIL EM GOIÂNIA.

TEMA: CIDADE DE GOIÁS. PATRIMÔNIO MUNDIAL DA HUMANIDADE

DISCURSO DE SAUDAÇÃO AOS SÓCIOS HONORÁRIOS

GERALDO COELHO VAZ

POSSE DO SÓCIO HONORÁRIO ABÍLIO MARANHÃO GONÇALVES

DISCURSO DE RECEPÇÃO - *ANA BRAGA*

DISCURSO DE POSSE - *ABÍLIO MARANHÃO GONÇALVES*

POSSE DA SÓCIA HONORÁRIA ARMÊNIA PINTO DE SOUZA

DISCURSO DE RECEPÇÃO - *AUGUSTA FARO FLEURY DE MELO*

TEMA CENTRAL

CIDADE DE GOIÁS: PATRIMÔNIO MUNDIAL

LENA CASTELLO BRANCO FERREIRA DE FREITAS

GOIÁS: BERÇO DE CULTURA E TRADIÇÃO

MOEMA DE CASTRO E SILVA OLIVAL

CHÁCARA BAUMANN

AUGUSTA FARO FLEURY DE MELO

CORA CORALINA - ARTISTA VERBAL

JERÔNIMO GERALDO DE QUEIROZ

TEMAS GERAIS

MOMENTOS FUNDADORES DA FORMAÇÃO NACIONAL

GOIÁS: O PROCESSO CULTURAL

JOSÉ MENDONÇA TELES

O DIÁRIO DE HENRY KOSTER

GETÚLIO ARAÚJO

MIHAI EMINESCU NO BRASIL

ÁTICO VILAS BOAS MOTA

A HISTÓRIA ORAL

GILKA VASCONCELOS FERREIRA DE SALLES

HISTÓRICO DA IGREJA MATRIZ DE ITABERAÍ

ANTÔNIO CÉSAR CALDAS PINHEIRO

ALGUMAS LIGAÇÕES FAMILIARES GOIÁS/CUIABÁ

JOÃO ALBERTO NOVIS GOMES MONTEIRO

COMO SE CHAMA HOJE?

MARY JOSÉ YAZIGI

SAUDOSAS CARTAS DE ACHILES

WALDIR CASTRO QUINTA

DOCUMENTAÇÃO

ADMISSÃO DE CÂMARA CASCU DO COMO SÓCIO HONORÁRIO DO INSTITUTO
HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GOIÁS

PARECER DA COMISSÃO DE ADMISSÃO DE SÓCIOS

SÓCIOS DO IHGG

FOTOGRAFIAS

RESUMOS

ABSTRACTS

Cidade de Goiás: Patrimônio da Humanidade

Lena Castello Branco Ferreira de Freitas

A inclusão da Cidade de Goiás na lista do Patrimônio Mundial da UNESCO leva à reflexão sobre o significado dessa distinção, o que a motivou, como decorreu o processo que a fundamentou e quais as suas conseqüências.

Goiás: berço da cultura e da tradição

Moema de Castro e Silva Olival

A Cidade de Goiás, símbolo do estado de Goiás, guarda sua história e tradição, porque alimenta e amalgama a cultura expressa na goianidade. No presente estudo, discute-se o perfil do goiano, bem como alguns dos registros literários da Cidade de Goiás e contribuições de seus filhos às artes plásticas e à música.

Chácara Baumann

Augusta Faro Fleury de Melo

Situada nos arredores da Cidade de Goiás, é local privilegiado pela natureza e pela herança cultural e familiar de que é depositária. O presente estudo relata a história, as origens, as personalidades e o estilo de vida evocados pela aprazível vivenda.

Cora Coralina: artista verbal
Jerônimo Geraldo de Queiroz

O artigo enfoca *Vila Boa de Goyaz*, edição póstuma de livro que contém vinte escritos inéditos da poetisa Cora Coralina, organizados por sua filha Vivência Bretas Tahan. Ressalta-se a força poética dos versos e o estilo personalíssimo da autora.

Momentos fundadores da formação nacional. Goiás: o processo cultural
José Mendonça Teles

A vocação artística dos goianos é ressaltada por viajantes e estudiosos, expressando-se nas letras, na música, no teatro e no jornalismo, a partir do primeiro jornal do Centro-Oeste brasileiro, *Matutina Meiapontense*. São apontadas, no presente ensaio, as principais contribuições de Goiás à cultura brasileira, do período colonial à atualidade.

O diário de Henry Koster
Getúlio Araújo

O inglês Henry Koster percorreu o sertão nordestino em 1910, registrando o homem sertanejo, espelho fiel do meio em que habita. Seu valioso diário de viagem e sua personalidade aventureira são enfocados no presente estudo.

Mihai Eminescu no Brasil

Ático Vilas-Boas da Mota

O poeta romeno Mihai Eminescu é objeto da atenção de professores e estudiosos de Filologia Românica. No sertão baiano, o autor do presente estudo fez realizar um Concurso de Recitação Poética, baseado no poemário eminesquiano. Para maior difusão da obra do poeta, sugere-se a criação da *Cadeira Mihai Eminescu* em uma universidade romena, a exemplo do que fazem outros países que valorizam seus grandes escritores, como Cervantes, Goethe, Camões etc.

A História Oral

Gilka Vasconcelos Ferreira de Salles

Versa o presente trabalho sobre a História Oral, sua importância, conteúdo e objeto de estudo; é enfocada sua origem, introdução no Brasil e metodologia.

Histórico da Igreja Matriz de Itaberaí

Antônio César Caldas Pinheiro

A devoção a Nossa Senhora d'Abadia tem raízes em Portugal, na Igreja de Nossa Senhora d'Abadia, em Bouro, vila de Amares, distrito de Braga. Com essa mesma invocação, no final do século XVIII, foi construída em Currealinho uma pequena capela, que deu origem à Matriz de Itaberaí, cuja história é objeto de estudo no presente ensaio.

Algumas ligações familiares Goiás/Cuiabá

João Alberto Novis Gomes Monteiro

Partindo de estudo publicado nesta Revista sobre o Conselheiro André Augusto de Pádua Fleury, remete a ligações familiares existentes entre Goiás e Cuiabá, com destaque para os descendentes do casal André Gaudie Ley e Mariana de Alvim Poupino, sogros do Conselheiro.

Como se chama hoje?

Mary José Yazigi

Os antigos nomes de localidades goianas são correlacionados com a nomenclatura atual, facilitando-se ao pesquisador localizar-se no espaço e na História de Goiás.

Saudosas cartas de aquiles

Waldyr Castro Quinta

Em estilo saboroso, é narrado episódio vivenciado pelo autor, o qual se reporta à História Política recente de Goiás, com ênfase em costumes, valores e mentalidades.

Goiás: cradle of the culture and tradition

Moema de Castro e Silva Olivial

The city of Goiás, symbol of the State of Goiás, keeps its history and tradition, because it feeds and it amalgamates the expressed culture in the goianidade. In the present study, the profile of the goiano is discussed, as well as some of the literary registrations of the City of Goiás and contributions of its children to the plastic arts and the music.

City of Goiás: Patrimony of Humanity

Lena Castello Branco Ferreira de Freitas

The inclusion of the City of Goiás in the list of the World Patrimony of UNESCO takes to the reflection on the meaning of that distinction, what motivated it, as it elapsed the process that based it and what its consequences are.

Small farm Baumann

Augusta Faro Fleury de Melo

Located in the surroundings of the City of Goiás, it is a privileged place for the nature and for the cultural and family inheritance that is receiver. The present study tells the history, the origins, the personalities and the lifestyle evoked by the gentle housing.

Cora Coralina: verbal artist
Jerônimo Geraldo Queiroz

The article focuses Vila Boa de Goyaz, posthumous edition of book that contains twenty written unpublished of the poetess Cora Coralina, organized by her daughter Vivência Bretas Tahan. It is pointed out the poetic force of the verses and the author's personal style.

Moments founders of the national formation. Goiás: the cultural process
José Mendonça Teles

The artistic vocation of the goianos is pointed out by travelers and studios, being expressed in the literature, in the music, in the theater and in the journalism, starting from the first newspaper of the Brazilian Center-west, Matutina Meiapontense. It is indicated, in the present rehearsal, the main contributions of Goiás to the Brazilian culture, of the colonial period a present time.

Henry Koster's diary
Getúlio Araújo.

English Henry Koster traveled the Northeastern interior in 1810, registering the country man, The faithful mirror of the middle in which inhabits. His valuable travel diary and his personality is focused in the present study.

Goiás: cradle of the culture and tradition

Moema de Castro e Silva Olivial

The city of Goiás, symbol of the State of Goiás, keeps its history and tradition, because it feeds and it amalgamates the expressed culture in the goianidade. In the present study, the profile of the goiano is discussed, as well as some of the literary registrations of the City of Goiás and contributions of its children to the plastic arts and the music.

City of Goiás: Patrimony of Humanity

Lena Castello Branco Ferreira de Freitas

The inclusion of the City of Goiás in the list of the World Patrimony of UNESCO takes to the reflection on the meaning of that distinction, what motivated it, as it elapsed the process that based it and what its consequences are.

Small farm Baumann

Augusta Faro Fleury de Melo

Located in the surroundings of the City of Goiás, it is a privileged place for the nature and for the cultural and family inheritance that is receiver. The present study tells the history, the origins, the personalities and the lifestyle evoked by the gentle housing.

Cora Coralina: verbal artist
Jerônimo Geraldo Queiroz

The article focuses Vila Boa de Goyaz, posthumous edition of book that contains twenty written unpublished of the poetess Cora Coralina, organized by her daughter Vivência Bretas Tahan. It is pointed out the poetic force of the verses and the author's personal style.

Moments founders of the national formation. Goiás: the cultural process
José Mendonça Teles

The artistic vocation of the goianos is pointed out by travelers and studios, being expressed in the literature, in the music, in the theater and in the journalism, starting from the first newspaper of the Brazilian Center-west, Matutina Meiapontense. It is indicated , in the present rehearsal, the main contributions of Goiás to the Brazilian culture, of the colonial period a present time.

Henry Koster's diary
Getúlio Araújo.

English Henry Koster traveled the Northeastern interior in 1810, registering the country man, The faithful mirror of the middle in which inhabits. His valuable travel diary and his personality is focused in the present study.

Mihai Eminescu in Brazil

Ático Vilas-Boas da Mota

The Rumanian poet Mihai Eminescu is object of the teachers' attention and studious of romantic philology. In the interior of Bahia, the author of the present study made to accomplish a Contest of Poetic Recitation, based on the Eminescu's poems. For larger diffusion of the poet's work, it is suggested the creation of the chair Mihai Eminescu in a Rumanian university, to example of what make other countries that value its great writers, like Servantes, Goethe, Camões etc.

The oral history

Gilka Vasconcelos Ferreira de Salles

The present work turns on the Oral History, its importance, content and study object; it is studied its origin, introduction in Brazil and methodology.

Historical of the mother church of Itaberaí

Antônio César Caldas Pinheiro

The devotion to Our Lady d'Abadia has roots in Portugal, in Our Lady d'Abadia's Church, in Bourro, villa of Amares, district of Braga. With that same invocation, in the end of the century XVIII, it was built in Currálinho a small chapel, that created the mother church of Itaberaí, whose history is study object in the present rehearsal.

Some family connections: Goiás/Cuiabá

João Alberto Novis Gomes Monteiro

Starting from study published in this Magazine on Counselor Pádua André Augusto de Pádua Fleury, it sends to existent family connections between Goiás and Cuiabá, with prominence for descendants of the couple André Gaudie Ley and Mariana de Alvim Poupino, in-laws of the Counselor.

How is it called today?

Mary José Yazigi

The old names of places in Goiás are correlated with the current nomenclature, being facilitated to the researcher to be located in the space and in the History of Goiás.

Aquilles' longing letters

Waldyr Castro Quinta

In tasty style, it is narrated an episode lived by the author, which revolves to the recent Political History of Goiás, with emphasis in habits, values and mentalities.

**Translated by Leandro Caldeira Brito*

ENCONTRO DE...
COMPANHIA

EVENTOS

EVENTS

PROGRAMAÇÃO

ENCONTRO DOS INSTITUTOS HISTÓRICOS E
GEOGRÁFICOS DO BRASIL EM GOIÂNIA

PROGRAMAÇÃO

ΒΙΒΛΙΟΤΗΚΗ

ΕΡΕΥΝΗΤΙΚΟ ΚΕΝΤΡΟ ΚΑΙ ΒΙΒΛΙΟΤΗΚΗ
ΕΠΙΣΤΗΜΟΝΟΝ ΚΑΙ ΛΟΓΟΤΕΧΝΙΑΣ
ΕΠΙΣΤΗΜΟΝΟΝ ΚΑΙ ΛΟΓΟΤΕΧΝΙΑΣ

DISCURSO DE SAUDAÇÃO AOS SÓCIOS HONORÁRIOS

Geraldo Coelho Vaz
Cadeira 11 do IHGG

A importância do encontro que nos reúne neste local é de extraordinária sabedoria do presidente desta entidade, professor e historiador José Mendonça Teles, empossando no dia de hoje, quatro figuras de projeção no meio social, político e cultural.

Coube a mim fazer a saudação aos novos Membros Honorários, acreditamos, vai enriquecer com suas experiências esta casa, que tem por finalidade preservar a memória dos povos de Goiás.

Quatro nomes e quatro novos sócios.

Nesta manhã, interrompe o silêncio, festejamos o costume de nossas recordações e deixamos viajar nossa memória à luz dos astros poderosos e felicitar com dignidade e honradez estas figuras proeminentes.

Abílio Maranhão Gonçalves, médico, natural da cidade de Carolina, Estado do Maranhão, concluiu seu curso em 1935 na Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, em 1935, hoje a decantada Universidade Federal do Pará.

Logo em seguida a sua formatura, ocupou o posto de primeiro tenente, lotado na Quarta Companhia, isolada na cidade de Pedro Afonso, no período de 1936 a 1938, exercendo o cargo de médico da Polícia Militar do Estado de Goiás.

Peregrinou por diversos estados da Federação, dentre eles Acre, Pará, Amazonas e, no início da década de cinquenta, aportou nas terras férteis e avermelhadas da nova capital do Estado de

Goiás: Goiânia.

Preferiu fixar-se numa cidade nova e que estava a florir sonhos dos grandes idealistas e daqueles que acreditavam crescer juntos cidade-família.

Clinicou e vem clinicando com amor e sabedoria que só os experientes e sábios sabem transmitir às novas gerações.

Recebeu o diploma de Honra ao Mérito, da Associação Médica de Goiás, pelos serviços prestados ao Estado, no campo da medicina e da saúde pública.

Sócio fundador da Academia Goiana de Medicina, exercendo cargos relevantes naquela instituição e é sócio fundador do Rotary Clube de Goiânia-Sul.

Seus feitos, em benefício da sociedade carente e dos mais humildes, ocupam um lugar de destaque pelos trabalhos e pelas mãos milagrosas do médico abnegado e desprendimento de espírito, cuja filosofia primordial é servir a humanidade.

De forma idêntica, podemos também afirmar que, este homem moderno percorre, em seu dia a dia, uma escala de emoções na procura de solucionar problemas e olhar em volta de si, procurando saídas para que o mundo não pareça um presídio e nem tão pouco um campo de batalha.

Com o pensamento de bem servir, o deputado Sebastião Joaquim Pereira Neto Tejota, hoje presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Goiás, natural da pequena cidade mineira de Montalvânia, ainda jovem, transferiu-se para a capital do Estado.

Sua formação profissional é toda voltada ao bem comum, porque nada é mais nobre nos homens públicos do que ter gestos voltados ao sonho e à concretização dos ideais coletivos.

Formado em Direito pela Faculdade Anhanguera, exerceu a profissão, sendo inclusive Procurador Jurídico da Câmara Municipal de Goiânia. Mas, foi na carreira pública, como um mestre nas artes da política que o deputado Tejota vem se destacando na ação do trabalho de forma eficaz e duradoura.

Deputado Estadual por três legislaturas. Presidente da Casa das Leis por dois mandatos consecutivos, e por força de lei, de

27 de abril de 2000 a 5 de maio do mesmo ano, ocupou neste curto prazo de tempo, o cargo de Governador do Estado de Goiás.

Mas, minhas lembranças datam de 1993, quando ocupava o cargo de Secretário de Estado da Cultura, fui procurado por uma senhora já vivida pelo tempo da sabedoria e pela profissão de ensinar aos que têm sede do saber, queria publicar seu livro de memórias. O sonho da professora Adalberta Francisca dos Santos tornou-se realidade com o *Diário da Vida de uma Mulher*, onde sua vida é descrita com farta e substanciosa documentação da velha Crixás. É um livro que todos os pesquisadores devem ter em suas estantes, apreciar sua leitura. A autora é a mãe extremada da esposa abnegada do nosso mais novo Membro Honorário do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

O Direito, a Justiça e a Lei é a trilogia que rege a humanidade. As idéias são clareadas com o debate, onde a liberdade de pensamento vem à luz com os ensinamentos filosóficos, tornando-se a ciência do direito mais perfeita para nossas meditações.

Professor emérito nascido na cidade de Trindade, advogado, professor das Faculdades de Direito da Universidade Federal e Católica de Goiás, com estágio na França e na Suíça, na área de Direitos Humanos. É fundador da disciplina de Direitos Humanos no Curso de Direito da Universidade Católica de Goiás, onde também exerceu a função de vice-reitor. Foi Secretário do Estado da Educação, Secretário da Justiça, Secretário da Educação do Município de Goiânia, e hoje, o professor Jônathas Silva, exerce o cargo de Chefe do Gabinete Civil a Governadoria Estadual.

Sua experiência como advogado e mestre em direito acalma o espírito, reconforta o coração, multiplica em estímulos, em forças e em devotamentos as pessoas que o procuram para ouvir uma palavra que clareia a dor da alma.

O nosso conhecimento é de 1960. Jônathas Silva morador em Trindade e eu na cidade de Catalão. Recebi uma carta prazerosa e ao mesmo tempo um diploma do Grêmio Litero-cultural

Bernardo Élis, de Trindade, conferindo à minha pessoa, pelos trabalhos apresentados, em poesia, *Partida e Balada a moça de Monte Carmelo*. Eis que ali se encontram as assinaturas do presidente José dos Reis Mendes e do diretor literário Jônathas Silva.

Guardo com maior cuidado essa honraria, pois tem grande significado na minha carreira literária. Foi a primeira vez que foi agraciado e reconhecido o meu trabalho. Esse tem sabor especial. Jamais posso desassociar a alegria do diploma com a ascensão deste trindadense que está fazendo e ajudando a construção da memória do povo goiano.

Nascido na pequena cidade de Marzagão, Pedro Wilson Guimarães, professor na Universidade Católica de Goiás, exerceu o cargo de Reitor e é formado em Direito e Sociologia.

Transferiu residência para Goiânia ainda muito jovem, a fim de dar continuidade em seus estudos.

Despontou desde cedo no campo das idéias, quer nas campanhas estudantis voltada sempre com pensamento no caminho da retidão, dignidade e idealismo. Quer combatendo a desigualdade e ao mesmo tempo, defendendo as riquezas brasileiras com amor e com nacionalismo exacerbando e com convicção de bem servir a nossa pátria.

No caminho da política iniciou sua carreira como vereador de Goiânia, prosseguiu com serenidade e equilíbrio nos mandatos de deputado estadual e federal.

Tanto na Assembléia Legislativa como na Câmara Federal legislou com profundo conhecimento das leis e preocupado com os despossuídos e marginalizados da sociedade, procurando amenizar as dores do corpo e os da alma, através dos seus projetos aprovados naquelas Casas.

Na Câmara Federal, pertenceu a Comissão dos Direitos Humanos e esteve sempre a frente em defesa dos excluídos da sociedade, defendeu o direito por igual e lutou por uma justiça mais análoga e perfeita.

Hoje, Pedro Wilson está a frente da Prefeitura Municipal de Goiânia, fazendo uma administração elogiada pelos

moradores, atingindo os bairros periféricos da Capital, num trabalho silencioso, mas muito produtivo.

Equilibrado, administra e realiza os sonhos dos moradores dos setores mais distantes, proporcionando assim melhoria de vida aos goianienses.

A amizade que une Pedro Wilson à nossa família vem de longes datas. Meu pai, já falecido, foi o seu eleitor mais velho. Saía de casa na Vila Nova para votar em Pedro Wilson em todas as suas candidaturas, depositando seu voto na urna localizada na Praça Boa Ventura. Lá, outro amigo, professor José Fernandes, mesário, fazia questão de levá-lo até a urna.

Lembro-me bem, certo dia, ao chegar em casa encontrei-me com papai lendo o Diário da Manhã. Estranhei-me, pois, ele lia diariamente o O Popular. Indaguei-me curioso, querendo saber se ele havia feito a assinatura do jornal. Sorridente, disse-me que era um presente do professor Pedro Wilson. Carrego na alma de poeta esta alegria.

Quatro nomes e quatro novos sócios.

Todos têm algo em comum. São dinâmicos e começaram na árdua luta pela sobrevivência. Como dizia a poeta “a vida é luta renhida, viver é lutar”.

Todos têm um passado de glória, de dignidade, de idealismo e que hoje estão adentrando pela porta principal do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e nós associados desta casa os recebemos de braços abertos.

Goiânia, 20 de novembro de 2001.

Geraldo Coelho Vaz.

POSSE DO ESCRITOR E MÉDICO ABÍLIO MARANHÃO
GONÇALVES COMO SÓCIO HONORÁRIO DO
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GOIÁS

Discurso de recepção

Ana Braga

Cadeira 9 do IHGG

*“O médico tem a missão do
Cirineu. Eis que tantas vezes ele
nos ajuda a carregar a cruz!”*

Antes do mais, devo agradecer ao ilustre historiador e Presidente deste Instituto, Dr. José Mendonça Teles, por haver deferido o pleito que lhe fiz - o de conceder-me a honra de saudar o Dr. Abílio Maranhão Gonçalves, nesta solenidade, em que lhe foi entregue o título de Sócio Benemérito desta Casa, juntamente com os Exmos. Srs. Drs. Sebastião Tejota, Presidente da Assembléia Legislativa de Goiás, Jônathas Silva, Secretário do Gabinete Civil do Governo de Goiás, Pedro Wilson Guimarães, Prefeito Municipal de Goiânia.

Senhores,

Sem usar de mera imagem retórica, orgulho-me em afirmar que o nome do Dr. Abílio Maranhão Gonçalves vem honrar este Sodalício, enriquecendo-o mais ainda, com a presença deste insigne cidadão, cuja vida é aureolada de acontecimentos que o eternizam. Na história, somente homens assim se perpetuam. Vazam o tempo e passam à posteridade. Já dizia Zaratrusta: “Quando possuis uma virtude, essa será tua. Não a tens em comum com pessoa alguma.”

Nas montanhas, o caminho mais curto é o que medeia de cima a cima; mas, para transpô-lo é preciso ter pernas altas." Assim, o escalar montanhas num elevador ou fazê-lo num bondinho, nenhum mérito existe. O mérito foi e é de quem ali conseguiu instalar o elevador ou encarrilhar o bondinho.

A história das vidas ilustres nos faz concluir que a transitoriedade só é ultrapassada pelos talentos capazes de realizações que se fixam na memória social e nos registros históricos.

O Instituto Histórico e Geográfico de Goiás cuida desses registros. Também, das atitudes originárias dos comportamentos sócio-culturais, científicos e políticos de pessoas que deixam vibrar, no agora e no sempre, a melodia de seu espírito, no que fala e escreve, no que faz, ensina ou realiza, para o bem comum, num ritmo de trabalho, fazendo persistir seu imperecível legado.

Senhores!

Entre os valores hoje aqui titulados, como sócios honorários, encontra-se o notável médico, Dr. Abílio Maranhão Gonçalves. Nele, em sua personalidade inconfundível, tantas qualidades! No cidadão prestante; no sertanejo que soube segurar-se nas suas raízes e nelas encontrou forças com que vencer as dificuldades; no homem educado, de gestos nobres, e dono de uma simplicidade tal, que o torna capaz de entender-se com os isolados, os excluídos da sociedade, devido a ignorância que lhes obumbra o cérebro, sua pobreza, e as doenças que os fazem tímidos e tristes. Estes foram e são, sempre, os discriminados.

No Dr. Abílio encontramos o médico humanitário e o humanista, que deixou o esplendor de seus mais belos anos de vida e mocidade, o conforto de sua família e dos grandes ambientes que sua profissão e seu preparo intelectual poderiam lhe proporcionar! Deixou tudo e afundou-se pelos ínvios sertões, os desérticos mundos verdes da região do Tocantins e do Amazonas, de 50 anos atrás! E construiu grande parte da história do social daquelas terras, levando aos de lá o conforto de sua presença tão mansa, o apoio de sua fraternal ajuda; médico e irmão dos angustiados pela dor, pelas doenças e pelo isolamento.

No Dr. Abílio, encontramos o dirigente e membro de organizações culturais, sociais e filantrópicas; o que quis viver e viveu intensamente, para socorrer e ajudar!

É confortador falarmos de uma vida assim, espiritual, moral, cultural e éticamente bem vivida; de um homem assim, que enfrentou dificuldades entre os que teimavam em viver, porque a vida, mesmo de pés nos alagados maleitosos, nos babaçuais, nos embrejados endêmicos, nos ranchos despídos de qualquer conforto, tiritando-se de febre numa rede de embira ou sobre tarimba de secos pedúnculos das folhas de buritiranas. Ah! Mesmo nesses lugares, a vida esconde esperanças que espantam a idéia da morte. Por esses ambientes difíceis, onde os isolamentos acabrunham o homem, Dr. Abílio soube distribuir, anos a fio, um pouco de si mesmo.

Digamos que esse homem é uma daquelas criaturas a quem Deus, nos seus altos desígnios, deu o destino de vencer o tempo e ultrapassar-se a si próprio. Mesmo na velhice, é um jovem. Elegante, lúcido, feliz e atualizado! Viaja e estuda. É um profundo conhecedor de Geografia e de História. Ele próprio é um volumoso compêndio da história e da medicina social, aliviando os pobres, desnutridos, carentes de tudo ou de quase tudo, os chamados grupos humanos que vegetam por estes Brasís regionais, por essas "ilhas de culturas diversas", no dizer de Gilberto Freire.

Dr. Abílio Maranhão ultrapassou-se, de fato, a si mesmo. Seus feitos são as marcas do rumo que traçou à sua vida, vencendo os percalços com a força de seu ideal. Nele, o profissional dedicado e, ainda, o cristão.

Dr. Abílio Maranhão Gonçalves representa, certamente, o que se pode chamar de exemplo de vida, na maneira como exerceu sua profissão e, também, outras atividades de elevado alcance social, educativo e cultural que realizou paralelamente às suas funções profissionais. Tudo somado o faz uma criatura privilegiada por Deus e digna de ser admirada.

Nascido em Carolina, no Maranhão, pedaço de chão que já pertenceu a Goiás e de onde tem saído excelentes profissionais, em diversas áreas das atividades humanas. Homens de ciência e de letras, jornalistas, historiadores, poetas e contistas Dr. Abílio é uma

amostra admirável dos filhos daquela terra.

Vem de honrada e tradicional família. Orgulha-se de seu lar e de seus quatro filhos, que lhe seguem a trilha do civismo e da honorabilidade. Su'alma faz festa aos inúmeros amigos que possui!

Dele não se dirá que está na idade propecta. Pois, aos noventa anos, reúne em sua pessoa tão diversificados e numerosos atributos intelectuais que o fazem um líder destacado, nas atividades das quais participa, constantemente.

Dr. Abílio viveu intensamente e não permitiu que o avançar da idade lhe diminuísse os conhecimentos. Não perdeu o hábito de ler e de estudar, memorizando bem, como o fazia nos seus tempos de estudante.

Aprendeu as primeiras letras em Carolina, na escola da velha professora Crizantina Monteril. Fez o curso secundário no Colégio Carolinense, sob a orientação do renomado professor Adolfo Medeiros, em Carolina. O curso ginásial, em 5 anos, em Belém-PA, iniciado no Colégio Marista Nossa Senhora do Carmo e terminado no Colégio Progresso Paraense. Fez-se médico, na capital paraense, na Faculdade de Medicina e Cirurgia, hoje Universidade Federal do Pará. Especializou-se em obstetrícia, na Maternidade de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, sob a direção do Professor João Pereira Camargo. Ainda, os cursos de Saúde Pública, no Departamento Nacional de Saúde, no Rio de Janeiro e o de Planejamento para o Saúde, na Escola Nacional de Saúde Pública, no Rio de Janeiro.

A experiência profissional do Dr. Abílio Maranhão Gonçalves vai desde 1936, logo depois de formado, como médico da Polícia Militar do Estado de Goiás, em Pedro Afonso, no ex-norte goiano, hoje Estado do Tocantins. Logo mais foi nomeado para o SESP, Fundação criada em 1943. No mesmo ano foi transferido para a Unidade Sanitária do Rio Branco, no Acre. Desde então, soldado a serviço da saúde, serviu como Chefe da Unidade Sanitária de Cametá. Depois, Chefe do Serviço Especial de Saúde Pública do Pará. Daí até 1951, sua vida de médico foi vivida, percorrendo as Unidades Sanitárias do médio Brasil incentivando e orientando, sempre como Chefe das Unidades de Saúde do Pará e do 4amazonas, indo depois sediar-se em Manaus. Passou a Diretor do Programa de Saúde do

Amazonas, cargo que exerceu até julho de 1955. A partir de fevereiro de 1956, o governo o nomeou para Diretor do Programa de Saúde em Goiás, com sede nesta capital Goiânia. Enquadrado pela Lei 3750, de 11/04/1960, como especialista da Saúde Pública, foi Diretor Regional da Saúde em Goiás, depois, integrado como membro da Comissão Especial que elaborou o Plano de Saúde deste Estado e, por ato do Governo de Goiás, exerceu a Diretoria Executiva do Serviço Cooperativo de Goiás e, interinamente, a Chefia do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da UFG, até 1964. Daí até sua aposentadoria, publicada no Diário Oficial da União, de 29/05/1991) Dr. Abílio esteve, ininterruptamente, a serviço da Saúde Pública, sempre ocupando cargos de relevância, à disposição de Goiás.

Entre os 33 cargos e Chefia que exerceu, ora diretamente ligado ao Ministério da Saúde, ora à disposição de Órgãos estaduais goianos, contam-se 63 anos de laboriosas atividades e de dedicação integral à saúde do povo da região Centro-Oeste e Norte do Brasil.

Conheci-o em 1960, quando era Superintendente do SESP, em Goiás. Nesse cargo, fundou todos os postos desse Serviço, às margens do Tocantins e do Araguaia.

Desde então, neste quase meio século, vivem nossa amizade e minha profunda admiração por esse herói, que perlustrou difíceis caminhos. Vivenciou com as agruras dos meios atrasados, sob as dificuldades de transporte e comunicação. Sentiu os efeitos das enchentes, que aumentavam a pobreza e a fome!

Dr. Abílio Maranhão venciu tudo isso, para levar apoio aos bravos médicos do SESP, que viviam isolados, naqueles longes, dando atendimento a uma população carente de conforto médico-hospitalar.

Testemunhei a dedicação de Dr. Abílio Maranhão, em Tocantinópolis e municípios limítrofes, região em que meu ex-marido, Dr. Trajano Machado Gontijo filho, pioneiro do SESP naquelas terras, onde se assentavam, então, oito (08) enormes municípios, hoje, subdivididos em mais de vinte (20), do jovem e próspero Estado do Tocantins. Em Tocantinópolis, a chegada do Dr. Abílio nos alegrava. Era como se fosse ele um laço ligando-nos à civilização cá

do sul, a nós que lá vivíamos escondidos entre os babaçuais, ouvindo os roncões das cachoeiras e o rugido das águas. Suas visitas de inspeção levavam-nos conforto. Sempre bem disposto e amável, transmitia ânimo aos servidores do SESP. Que importava se viajara horas, num frágil “teco-teco”, ou, de batelão ou, até mesmo numa canoa, descendo por aquela imensa e única artéria, o rio Tocantins! Pelo Tocantins daqueles anos, deslizavam as canoas ou os batelões, sob o acicate dos pilotos e dos corajosos barqueiros sustentando pares de remos, à esquerda e à direita da embarcação. De longe, essas embarcações, movidas a remos, pareciam grandes centopéias, descendo correntezas, atravessando remansos, vencendo o desconhecido. Assim viajavam por lá os médicos, os padres dominicanos nas suas desobrigas, juizes e funcionários, ao encontro de suas comarcas; também, os cristanizados pajés, os bronzeados apinajés, desconfiados e de olhos atrevidos, levando seus assustados curumins e suas belas cunhatãs. Nessas canoas se faziam, também, as procissões da Virgem, de Tocantinópolis à ilhota fronteira a Porto Franco. Muitas vezes naqueles bojos de batelões e canoas viajavam, misturando-se com tantos desiludidos, algum feliz casal de noivos e ainda e não raramente, pais, levando um filho doente. Neles a aflição se misturando com a esperança. Entre carinhos e lágrimas haveriam de chegar à Unidade do SESP, onde o doente, quase morto, seria salvo.

Dr. Abílio e nós que por lá morávamos, conhecemos pedaços de uma história começada nos tempos que antecederam a inauguração da Belém Brasília.

Todos que vivenciamos esse tempo, agora, apenas contando o que vimos, passaremos a historiadores de uma época e de uma região onde poucos, talvez conhecessem o filosófico conselho do poeta Fernando Pessoa: “Navegar é preciso”. No entanto, seguiamo. Não, pela literatura, mas, pela imperiosa necessidade de vencerem as circunstâncias mais diversas...”Navegar era preciso”!

E o Dr. Abílio navegou sua vida, de maneira segura, pelos caminhos mais variados e sempre difíceis, voando de teco-teco. Lá do alto ao certo, sua vista se perdia no verde da mata contínua, impenetrável. Ou ia descansar-se sobre os cerrados enfeitados, aqui e ali, de Campinas, lagos e rios, serpeando a solidão. Ou, embarcado,

subindo ou descendo o majestoso Tocantins, seu espírito pesquisador, possivelmente, ia interrogando o futuro deste país majestoso. Para se distair, matava o tempo ouvindo os “causos” dos passageiros. Sobre as águas deslizavam-se, também, suas proezas, seus sofrimentos e suas alegrias. À noite, as cantigas eram saudades, esperanças e paixões. Nos versos escondiam-se também as tragédias ignotas de tantas vidas que as doenças ribeirinhas os rios e as matas engoliram!

Ah! O valor e a vida de Dr. Abílio não serão aqui mostrados por mim.

Esperamos que ele o faça, num livro, que enriquecerá o acervo lítero-histórico deste Instituto, a que ele passa a pertencer. Talento não lhe falta: É poeta da boa poesia. É um excelente declamador. Escreve e escreve bem. Orador e conferencista, terá muito que nos ensinar das suas andanças, pelos 26 cargos de projeção que exerceu; sobre os 16 títulos honoríficos que recebeu; sobre as dezenas de homenagens que já lhe foram prestadas, dentro e fora de Goiás; dos 19 trabalhos científicos publicados, incluindo-se palestras saídas de seu vasto conhecimento sobre assuntos ligados à Saúde Pública e, também, à história. Em tudo isso ressalta sua sensibilidade poética, como o faz no seu livro “Viagem”, com que nos presenteará, pois já está no prelo.

Muito nos transmitirá dos inúmeros simpósios sobre a saúde, dos quais participou sustentando suas respeitáveis opiniões. Como rotariano, fundador do Rotary Club de Goiânia, Setor Sul, do qual já foi Presidente várias vezes, e participante ativo, orientador e Conselheiro destacado nessa agremiação de cunho promocional do indivíduo humano.

Dentro e fora do Brasil, o Dr. Abílio é conhecido como idealizador de programas “que ajudam a Comunidade viver melhor”, mostrando que a Comunidade Mundial é valioso instrumento pela PAZ.

Por tantos méritos e por sua experiência e saber, por seu dignificante trabalho em benefício de Goiás e do Brasil, é que o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás conferiu-lhe o título de Sócio Honorário.

Se este título honra e dignifica sua pessoa, que tão bem o

merece, ao mesmo tempo, é uma concessão que enobrece e demonstra o espírito de justiça desta Instituição, que hoje aqui o recebe, caro Dr. Abílio!

Estamos todos gratos e comovidos com sua presença em nosso meio. É um destaque a quem se converteu por quase 60 anos em prisioneiro de seu dever de médico, é a presença de quem foi um enclausurado da causa pública, dando-lhe a maior parte de sua vida, na obsessão sublime, essa que constitui o mais belo ornamento de seu grande coração e do seu espírito de idealista, refletindo seu estado de ânimo, o de um nobre seguidor de Hipócrates, no exercício da medicina, que também, é arte.

Toda sublimidade de sua missão, Dr. Abílio, é a mesma que se reflete, ainda hoje, em altas letras, nas universidades do mundo inteiro, repetidas, grave e solenemente, na voz dos jovens médicos postergados no átrio de sua nobilitante profissão.

Ao atravessar, neste momento, os pórticos deste Instituto, todos seus consócios o recebem, prazerosamente.

Seja bem vindo!

DISCURSO DE POSSE
ABÍLIO MARANHÃO GONÇALVES
SÓCIO HONORÁRIO DO IHGG

*Discurso proferido pelo Dr.
Abílio Maranhão Gonçalves na
solenidade de sua posse, como sócio
honorário do Instituto Histórico e
Geográfico de Goiás, em 20/11/2001.*

Difícil explicar este meu ingresso no Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, ainda mais na qualidade de sócio honorário, categoria só atribuída, pelo estatuto, a pessoas de excepcional projeção social, científica e cultural, qualidades que, evidentemente, estou muito longe de possuir.

E se é claro que devo esta honraria, que tanto me envaidece, aos ilustres membros que constituem o quadro social desta Casa, é de justiça destacar que a iniciativa partiu da mão amiga da brilhante intelectual, Dra. Ana Braga, a mesma que acaba de me saudar de maneira tão lisonjeira, atribuindo-me conceitos que só podem ser ditados pela força do sentimento de verdadeira amizade. E isto é perfeitamente justificável: somos ambos filhos do sertão, temos a mesma origem geográfica do interior do nosso País, nascemos à beira do mesmo rio e crescemos bebendo a sua água; e em criança corremos pelos mesmos campos gerais onde os ventos sopram libertos e, por vezes, as jandaias povoam alegremente as copas dos arbustos silvestres, transformando-os em coloridas árvores de Natal. Todavia, embora plenamente sensibilizado, não me sinto envaidecido, convicto que estou da minha pequenez.

Na realidade, sou apenas um filho do sertão, nascido na cidade

de Carolina, no Maranhão, que estudou medicina em Belém do Pará, conseguindo um diploma de médico exatamente na metade da terceira década do século passado. E que, preso às suas raízes, voltou ao sertão, com o objetivo de servir profissionalmente ao povo da sua região.

E sete anos se passaram.

Iniciava-se o ano de 1943 e eu me encontrava na cidade de Marabá no Pará.

Desencadeava-se no velho Continente, com extrema violência, a Segunda Grande Guerra.

A tragédia de Pearl Harbour, ocorrida em 1941, logo seguida da expansão japonesa, com a ocupação das ilhas do Pacífico, determinou a entrada dos Estados Unidos no conflito, posição depois seguida pelo Governo do Brasil.

Na iminência de uma convocação militar, dirigi-me a Belém, com a pretensão de submeter-me a um curso no Exército, o que me daria a possibilidade de ser convocado como oficial médico.

Desembarquei naquela capital, encontrando-a com aspecto de uma verdadeira praça de guerra. O uniforme cáqui dos militares americanos enchia praticamente toda a cidade. E o aeroporto de Val de Cães se transformara em catapulta para os aviões de guerra que vindos dos Estados Unidos, se lançavam ininterruptamente para a travessia do Atlântico, com escala na base de Pernamirim, em Natal.

Tudo isso porque, caídas nas mãos dos japoneses todas as ilhas produtoras de borracha, os americanos, com a anuência do governo brasileiro, lançara-se precipitadamente para a Amazônia, na ânsia desesperada de arrancar da região aquele material considerado indispensável para o prosseguimento da guerra.

Acontece que os velhos seringais, que tanta riqueza haviam produzido no passado, achavam-se completamente desativados, abandonados que foram, desde o começo do século, em razão da queda da cotação do produto, tão violenta que desestimulava a sua extração.

Implantou-se então, em toda a região a chamada Batalha da Borracha. Vários órgãos americanos foram criados, com o fim de arrancar de qualquer jeito, aquele material, naquela hora tão precioso.

Operou-se ali um verdadeiro derrame de dólares e até um grande serviço de saúde, apressadamente organizado, entrava em ação, com a finalidade de proteger o seringueiro, não só no seu transporte, como, principalmente, nas suas atividades, visando-se com isso fortalecer a sua capacidade produtiva.

Nesse Serviço eu ingressei, como soldado da borracha. E, em função dele, penetrei de corpo e alma naquela imensa região de mata e de água, de florestas em que o Uirapurú canta soberano e de águas onde os botos fazem a sua festa. Conheci de perto aquele panorama encantado e misterioso, tão bem descrito por Ferreira de Castro, o notável escritor português, no seu precioso livro "A Selva", aquele fantástico cenário batizado por Ramayana de Chevalier como "Amazônia - Água em absurdo". E trabalhei nas cidades e nos seringais.

Percorri os rios Amazonas, Madeira, Purus, Juruá, Acre e Solimões, sempre com a missão de cuidar da saúde dos seringueiros, afim de mantê-los aptos a produzir sempre mais.

Estávamos praticamente na guerra. Só que ali havia para nós a compensação do encanto daquele mundo cheio de surpresas, de mistérios e, por vezes, de fascínio.

Tive a oportunidade de observar vários acidentes geográficos que se tornaram lendários, inclusive o tão famoso "Encontro das Águas", aquele ponto fantástico em que as águas barrentas do Solimões se encontram com as escuras do rio Negro, provocando um gigantesco conflito fluvial, para depois se reconciliarem e formarem, dali até o Atlântico, aquele que é o maior rio da terra. Aquele fenômeno tão decantado por escritores e poetas, inclusive pelo famoso vate cearense Quintino Cunha, que, contemplando-os pela primeira vez e tomado de total deslumbramento, repentista que era, improvisou este primoroso poema, que se tornou tradição para o povo do Amazonas, que passou a considerá-lo quase um hino.

"Vê bem, Maria.

Aqui se cruzam.

Este é o rio Negro, aquele é o Solimões.

Vê como este conta aquele investe,

como as saudades com as recordações.
Vê como se separam duas águas
que se querem juntar, mas visualmente.
É um coração que quer reunir as mágoas do passado
às venturas de um presente.

É um simulacro só, que as águas donas
desta terra jamais seguem rumo adverso.
Todas convergem para o Amazonas,
o real rei dos rios do universo.
Para o velho Amazonas, soberano,
que no solo brasílico tem o paço
para o Amazonas que nasceu humano,
porque, afinal, é filho de um abraço.

Olha esta água, é negra como tinta,
postas nas mãos é alva que faz gosto,
dá por visto o nanquim com que se pinta
nos olhos a paisagem de um desgosto.
Aquela outra parece amareleça, muito,
mas é também alva, engana,
é direita a virtude quando passa
pela flexível porta da choupana.

Que profundeza extraordinária, imensa,
que profundeza, mas que desconforme,
este navio é uma estrela suspensa
neste céu d'água brutalmente enorme.

Se estes dois rios fossemos, Maria,
todas as vezes que nos encontramos,
que Amazonas de amor não fluiria
de mim, de ti, de nós, que nos amamos!"

Depois de tantas andanças por quase toda a Amazônia, um
dia, no começo de 1954, fixei-me em Manaus, num cargo de

pesada responsabilidade.

Ali me foi confiada a missão de administrar os serviços já existentes, com várias Unidades de Saúde funcionando no Estado e a tarefa quase impossível de implantar, em prazo reduzido, outras tantas nas cidades de Borba, Boca do Acre, São Paulo de Olivencia, Coari, Manacapuru, e, ainda, concluir, equipar e fazer funcionar um hospital de 30 leitos na cidade de Benjamim Constant.

Com a ajuda de Deus, o total apoio dos meus superiores e a abnegada colaboração de valorosos colaboradores e trabalho (dois dos quais se encontram neste recinto, ouvindo esta história), foi possível executar a tarefa.

Tive a possibilidade de ir pessoalmente participar da solenidade de inauguração da principal obra, aquela que nos havia custado tanto esforço, e até sacrifício. Cinco horas de vôo ininterrupto sobre a hiléia, levaram-me até Benjamim Constant, longínqua cidade situada na fronteira do Brasil com o Peru, à margem do rio Javari, ali bem perto do seu encontro com o Solimões e a duas horas, de lancha, até Letícia, capital colombiana do Departamento de Pando.

A inauguração da obra, tão importante para a região, foi um grande acontecimento para a população daquela pequena cidade. Realmente, ali tínhamos plantado um hospital bem planejado, cuidadosamente construído, com equipamento moderno e completo para aquela época e dotado de pessoal especialmente treinado.

E naquela manhã luminosa de dezembro de 1955, olhando aquele prédio bonito, todo branco, fruto do ingente esforço um grupo denodados servidores, situado lá no extremo solitário da Pátria e contemplando nossa bandeira, que drapejava solene e alegremente à sua frente, eu experimentei um sentimento de profunda brasilidade, uma emoção tão forte que não pude conter as lágrimas.

Chegamos ao fim daquele ano. E o serviço que vinha executando apenas ações em caráter de urgência, pode traçar planos concretos, transformando-se num órgão de saúde definido,

organizado, nacionalmente conhecido e prestigiado, passando a ser atraído para outras regiões do País, que também pleiteavam a sua presença.

E então, naquela ocasião, fui chamado para uma das 3 novas frentes de expansão do Serviço: as regiões do Maranhão, Mato Grosso e Goiás incluídas na Amazônia Brasileira.

Razões sentimentais determinaram a minha preferência por Goiás, para onde me dirigi, deixando para trás o grande vale, onde uma verdadeira batalha havia se desenrolado.

A guerra há muito havia terminado, os americanos tinham ido embora, depois de terem conseguido o que tanto queriam.

Como saldo negativo do episódio, tivemos o sacrifício de inúmeros nordestinos, patrícios nossos, que não conseguiram adaptar-se a região. E pelo lado positivo ficaram numerosas cidades da região providas de satisfatórios abastecimentos de água tratada e uma rede de serviço de saúde comunitária de fundamental importância.

Em março de 1956 cheguei a Goiás. Tinha a incumbência de instalar um serviço de saúde em toda a área norte do Estado, praticamente essa mesma onde hoje se assenta o promissor Estado do Tocantins.

Mas vim residir em Goiânia, pela conveniência de poder manter contatos com as autoridades do Estado e de prover as necessidades reclamadas pelas obras já em acelerado início de execução.

Goiânia era ainda uma cidade de 55 mil habitantes, porém alegre e progressista. E aqui fiquei. E aqui tenho vivido a metade dos meus 90 anos.

Aqui me sinto feliz, agora muito feliz, por receber esta inesperada honraria.

Quero neste momento, tão importante para mim, agradecer aos senhores membros deste Instituto, que solicitamente me abrem as portas de sua Casa. Agradecer à querida amiga Dra. Ana Braga, que tão brilhante e generosamente me saudou. Agradecer aos meus familiares, aos meus amigos, aos meus companheiros de Rotary a sua presença nesta solenidade, eles

que aqui vieram para me prestigiar. E agradecer a Deus o privilégio de poder viver nesta cidade que tanto amamos.

Esta cidade adorada dos goianos
e de todos aqueles que vieram
como nós, de suas delícias partilhar.
Esta Goiânia amiga, acolhedora,
no coração da Pátria edificada,
no coração da gente agasalhada.

Morada sedutora dos amores,
cidade de mil sonhos, de mil cores,
és magia, és encanto, és emoção
revestida, assim, toda de flores!

DISCURSO DE RECEPÇÃO “SAUDAMOS ARMÊNIA*”

Augusta Faro Fleury de Melo
Cadeira 22 do IHGG

Foi com grande honra e alegria que recebi o convite do professor José Mendonça Teles, para saudar nossa querida acadêmica Armênia Pinto de Souza, que hoje é empossada justissimamente como sócia honorária do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, entidade que meu amado pai, professor Augusto da Paixão Fleury Curado, ajudou a fundar em 1932 na Cidade de Goiás.

É impossível falar de Armênia dissociada de sua terra de berço, da magia telúrica daquela cidade possuidora do céu mais profundo, onde há tantas e tantas estrelas, que bem parece ter sido polvilhado com pó de arroz fosforescente.

E quando há luar, a cidade fica nevada, envolta em gaze de tule e o silêncio é cantante pelo rio, que nunca cansa de sua viagem líquida.

Lá mesmo, a venerável Vila Boa, terra de meus pais e avós, que Armênia nasceu, sob as sombras morenas da morraria, crescendo entre brincadeiras e cantigas de roda, na amplidão colonial do Largo do Chafariz, recebendo os eflúvios cintilantes da Serra Dourada. Armênia é fruto de árvore privilegiada, realçada por nomes ilustres na intelectualidade da terra. Há uma

*Membro da AGL, AFLAG, Instituto H.G. Go, UBE, Conselho de Cultura, Poeta, Escritor, Pioneiro poesia infantil em Goiás.

coincidência que gostaria de narrar: Dona Celuta Mendonça Teles, mãe do professor José Mendonça Teles, ainda menina adolescente, estando adoentada com a saúde exigindo mudança de ares, partiu de Pirenópolis para Goiás. Lá foi hóspede de seus parentes, a família Amorim, vizinhos do colégio Santana no Largo do Chafariz. Do outro lado da praça, crescia a menina Armênia, destacando nos estudos e nas peraltices e levadezas da idade. As duas futuras escritoras, ambas alma sensíveis, num tempo, onde o romantismo era a tônica e alimento, ficaram amigas, amizades duradouras, pois as afinidades intelectuais eram laço forte, difícil de desatar.

Assim pela vida afora se visitavam, trocavam idéias, até o falecimento de dona Celuta, há poucos anos.

Armênia, frondosa árvore de semente fértil, ascendência digna, aprimorou sua educação até o enlace amoroso com Públio de Souza. Assim vieram ajudar a plantar Goiânia, nessa planura, onde o horizonte parece ser infinitamente sem fim. Aqui se amaram, nasceram os filhos, num tempo em que o redemoinho de terra vermelha era uma rosa a enfeitar as ruas e praças de Goiânia.

De memória acesa, inteligência inquieta preocupada em resgatar nossa história, Armênia inicia sua jornada literária. Desde os livros "A Saga dos Pioneiros", "Odisséia da Mudança", "Assim Começou Tudo" (são 14 livros ao todo), Armênia realiza sua literatura onde sentimos que juntamente com a narrativa ficcional-literária, corre outra mensagem paralela, outra preocupação da escritora: o registro de usos e costumes da época, a paisagem humana, o social e o político se entremostam em seus textos.

Armênia consegue resgatar e documentar com leveza e fluência, pois o faz aliada à narrativa, o envolvimento do leitor nas tramas das estórias bem urdidas.

Incansável e grande observadora da alma humana, suas ações e reações, Armênia registra tempos preciosos que ficaram para trás e que são mosaicos do painel regional e simultaneamente universal, pois a autora lida com os sentimentos do ser que é

igual em todos quadrantes da terra.

Hoje o Instituto Histórico e Geográfico está festivo. Dois vilaboenses dão entrada, reafirmando que eles próprios são depositários genuínos de nossa história, a mais preciosa.

Nesse momento, é selado com a nobreza de vida e o caráter de Armênia e de doutor Hélio de Brito, ambos baluartes da goianidade, que deram e dão testemunho de vida, pelo exemplo e construção de suas vivências. Somos orgulhosos de ser contemporâneos desses, que, nascidos foram, naquela terra que hoje se engalana para receber da Unesco o Título de Patrimônio Histórico da Humanidade.

Eles foram coadjuvantes da história de Goiás e de Goiânia. Todos nós estamos jubilosos, pois o peso desses nomes é aval que enobrece com justíssima honra essa Casa de Cultura.

Saudamos, infinitamente saudamos, a data e o significado de hoje. Reverenciamos esses filhos de Vila Boa, vultos genuínos, edificadores de nossa identidade. Saudamos ainda, a carioca Cybele de Ipanema, amorosa da gente goiá, que também, passa a pertencer ao Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

Todos os três empossados de hoje merecem as honras dessa Casa da História, da Cultura de Goiás. O contentamento de nossos corações homenageia, aplaude, abraça com glória e afeto essas personagens, que cumprimentamos com merecidas salvas de palmas.

TEMA CENTRAL

MAIN TOPIC

CIDADE DE GOIÁS PATRIMÔNIO MUNDIAL

Lena Castello Branco Ferreira de Freitas
Sócia Emérita do IHGG

A inclusão da Cidade de Goiás - ex-Vila Boa de Goiás - na lista de Patrimônio Mundial, elaborada pela UNESCO, foi a realização de sonho longamente acalentado e representou a vitória de persistente e paciente trabalho, desenvolvido durante muitos anos. Por motivos mais do que justificados, a alma goiana - e, em especial, a vilaboense - encheu-se de alegria e de orgulho, sendo o cobiçado título comemorado e valorizado por quantos admiram e amam a vetusta cidade, engastada em seu docel de cambiantes serranias.

Passados alguns meses e vivenciados momentos de exultação e de tragédia, de perplexidades e de incompreensões, não será descabido refletir sobre o significado dessa distinção. Afinal, o que ela representa? Por que foi concedida e de que maneira aconteceu?

Como todo sabemos a ONU - Organização das Nações Unidas, criada logo depois do fim da 2ª Grande Guerra - tem por finalidade manter a paz e a segurança internacionais, garantir o respeito às liberdades fundamentais do homem sem discriminação de qualquer natureza, e favorecer o progresso social. Para atingir os seus objetivos, organiza-se em Assembléia Geral, Conselho de Segurança, Corte Internacional de Justiça e Conselho Econômico e Social que, por sua vez, inclui diversos organismos,

um dos quais é a UNESCO – sigla inglesa para Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (United Nations Educational, Science and Cultural Organization).

Entre as atribuições da UNESCO, inclui-se a de valorizar e preservar para as gerações futuras as maravilhas produzidas ao longo da existência do planeta e da história da humanidade. Desde 1972, o Comitê do Patrimônio Mundial desse organismo internacional mantém a lista do Patrimônio Mundial Cultural e Natural (Cultural and Natural World Heritage List), composta de coisas e lugares que são reconhecidos e declarados como expressivos e importantes para a humanidade. Os bens arrolados incluem monumentos, sítios, cidades, formações e paisagens naturais etc.

Para que se efetive a inclusão de um determinado bem cultural ou natural nessa lista, faz-se mister a aprovação do ICOMOS – Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (International Council of Monuments and Sites), órgão técnico da UNESCO. Para obter essa aprovação, segue-se um rito processual em que são apresentadas as razões que a justificam, assim como as condições de preservação do bem em questão, uma vez que este é o objetivo maior da Convenção da UNESCO, que rege os procedimentos nessa área e da qual o Brasil é signatário.

No Brasil, são poucos os núcleos urbanos incluídos na lista do Patrimônio Mundial: Ouro Preto (MG) foi a primeira cidade brasileira a obter tal reconhecimento, em 1980; seguem-se: Olinda (PE) em 1982; Salvador (BA) e Congonhas (MG) em 1985; Brasília (DF) em 1987; São Luís (MA) em 1997; Diamantina (MG) em 1999. A Cidade de Goiás – ex-Vila Boa de Goiás – é, portanto, a oitava cidade brasileira incluída nesse rol. Sítios e paisagens brasileiros foram também reconhecidos como Patrimônio Natural da Humanidade.

O patrimônio cultural vilaboense sempre foi valorizado pelos seus filhos mas, do ponto de vista formal, o processo de seu reconhecimento teve início na década de 1950, quando o Largo do Chafariz, a rua da Fundação e monumentos isolados foram tombados pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Históric-

co e Artístico Nacional).

A cidade vivia, ainda, os traumatismos decorrentes da mudança da capital para Goiânia, com o conseqüente esvaziamento político e demográfico, o empobrecimento de suas receitas e a minimização das funções culturais que desempenhara por mais de dois séculos. O discurso da modernidade, intensamente referenciado a novas formas de morar e de viver, induzia à desvalorização do tradicional e do antigo, personificados na bicentenária Vila Boa.

Foi a partir dessa época que um grupo de vilaboenses começou a lutar pela preservação da cidade em seus traços distintivos, e a pesquisar, estudar e divulgar suas manifestações culturais mais expressivas: nascia a OVAT - Organização Vilaboense de Artes e Tradições, integrada por um punhado de idealistas que, praticamente sem recursos e sem apoio oficial, desempenhou papel dos mais relevantes na valorização e preservação do patrimônio histórico e cultural da Cidade de Goiás.

Em 1978, deu-se o tombamento do Centro Histórico pelo IPHAN. Quase dez anos depois, foi aventada pelo então prefeito, João Batista Valim, a possibilidade da inclusão de Goiás na Lista do Patrimônio Mundial, mas o assunto ainda demoraria a ganhar apoio efetivo, o que veio a ocorrer no governo Marconi Perillo.

No processo, iniciado junto à UNESCO pela arquiteta Suzana Gonçalves, representante do Brasil no Conselho Consultivo do ICOMOS, foi solicitada a vinda do arquiteto Alfredo Conti, também integrante desse órgão. Em janeiro de 2000, ele esteve no local e examinou as credenciais efetivas da Cidade de Goiás, para que se alcançasse sua inclusão na lista do Patrimônio Mundial.

O Relatório da Missão de Avaliação do Centro Histórico de Goiás, então apresentado pelo Arquiteto Conti ao ICOMOS, enfoca os seguintes itens favoráveis à pretensão em causa:

- do ponto de vista histórico, a cidade de Goiás resultou da penetração de bandeirantes, vindos de São Paulo, que se fixaram além do meridiano de Tordesilhas; a existência de ouro

na região provocou uma corrida para o território isolado e distante, onde se deu a fundação de arraiais e vilas; Vila Boa de Goiás - depois Cidade de Goiás - foi a mais importante capital administrativa do Centro-Oeste brasileiro, durante a Colônia, o Império e a República, até a mudança da capital, na década de 1930;

- o traçado urbano da cidade segue um esboço orgânico adaptado às condições topográficas locais, permanecendo praticamente inalterado, desde o século XVIII;

- há interação harmoniosa entre a cidade e seu entorno, referido como "território natural de significativa beleza, exemplo típico da paisagem brasileira do Brasil Central".

Depois de lembrar que as cidades que presidiram à ocupação do Centro-Oeste do Brasil estão personificadas em três capitais - Cidade de Goiás, Goiânia e Brasília - o arquiteto Contí enfatiza as diferenças de enfoque que as distinguem, no que diz respeito ao desenho, à arquitetura e ao urbanismo. No universo mais amplo da América Latina, refere que, enquanto as cidades mineiras localizam-se em regiões montanhosas e não obedecem a planos regulares e prévios, adaptando-se à topografia do terreno, em Goiás, o Rio Vermelho serviu de base ao primeiro esboço urbano e desempenhou papel importante na estrutura da cidade, dividindo-a em duas partes, o que é incomum na América Latina.

Afirma ainda que a arquitetura de Goiás tem características diferenciadas, como o uso de técnicas construtivas vernaculares (adobe, taipa e pau-a-pique) que dão caráter excepcional às edificações. A aparência dos edifícios públicos é austera, especialmente se comparada com a arquitetura barroca contemporânea de cidades como Salvador e Ouro Preto. Essa austeridade é a marca registrada de Goiás e testemunha o isolamento da cidade em relação aos outros centros urbanos coloniais, econômica e politicamente mais importantes.

Conclui que o Centro Histórico da cidade de Goiás é excepcional exemplo de cidade do século XIX, originária da mineração, isolada, com padrões urbanos e arquitetônicos peculiares;

como um todo, é única (ímpar) pois não é igualada por nenhuma outra.

O Relatório Conti aponta, ainda, como traços distintivos da Cidade de Goiás:

- autenticidade: a aparência da cidade e as técnicas construtivas permanecem inalteradas, com a exceção única da Igreja do Rosário, que foi demolida e substituída por outra, de construção atípica; os materiais dos edifícios do Centro Histórico são originais e estão preservados; eventuais mudanças de fachada, que incluíram traços de *art déco* e *art nouveau*, assim como algumas casas edificadas nos séculos XIX e XX não comprometem o conjunto;

- o desenho e o *lay-out* urbano não sofreram alterações e são originais, sobretudo em razão da estagnação da cidade durante parte dos séculos XIX e XX, ao lado do desenvolvimento limitado do turismo;

- em relação à mão-de-obra, há notável continuidade das tradições no tempo, como a existência de especialistas em ofícios que conhecem e praticam antigas técnicas artesanais, sendo mesmo possível a realização de algumas restaurações com o uso de mão-de-obra local.

Como valores culturais, Conti ressalta que Goiás é o último exemplo da ocupação do Brasil Central como praticada no século XVIII - exemplo que se torna mais frágil à medida que a cidade retoma seu desenvolvimento; exemplo que resulta mais significativo, porque a paisagem que circunda a cidade está praticamente inalterada. Enfatiza ainda que Goiás é testemunho do cotidiano de exploradores e fundadores de cidades e vilas portuguesas e brasileiras, exemplificando como procederam à adaptação de modelos urbanos e de arquitetura portugueses às difíceis condições da região tropical, inclusive apropriando-se com os nativos do uso dos materiais locais.

São destacados, igualmente, como distintivos da cidade, o cultivo da música, a gastronomia local e a realização de eventos populares, que permanecem vivos e expressam sua identidade cultural. O Centro Histórico é importante para a comunidade,

tanto pela sua arquitetura e urbanismo, como porque ali se processa sua rica vida cultural e social, com genuínas e autênticas manifestações religiosas e lúdicas.

Do ponto de vista dos mecanismos de proteção, quando da visita de Conti à Cidade de Goiás, estes pareceram adequados, bem sucedidos e exemplares. O IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - atuava como líder do processo, desde 1950, e os demais órgãos e associações em atividade com ele se relacionavam. Bem instalado na bela Casa do Bispo (que data do século XVIII), o Escritório Regional do IPHAN encorajava a participação da população em programas que desenvolvia, inclusive com crianças.

Em seu Relatório, Conti observa que a presença da comunidade é expressiva sobretudo através da Associação Pró-Cidade de Goiás; essa Associação congrega cidadãos que colaboram com os órgãos públicos nas medidas de preservação e valorização do patrimônio histórico e cultural vilaboense. Há, ainda, o grupo NATIVA, voltado para a conservação do patrimônio natural e o desenvolvimento do turismo ecológico.

Foi lenta e demorada a organização do processo encaminhado à UNESCO, exigindo a elaboração e montagem de detalhado *dossier*, que acompanhou e fundamentou o pleito. Sua confecção resultou de trabalhos altamente especializados, nas áreas de arquitetura, urbanismo, pesquisa histórica e arqueológica, dentre outras áreas de conhecimento, sendo importantíssima a participação da AGEPEL - Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira - órgão do governo estadual.

Ao concluir seu *Relatório*, Alfredo Conti recomendou de forma entusiástica ao ICOMOS a inclusão da cidade de Goiás na lista do Patrimônio Mundial.

Antes de reunir-se, esse órgão - sediado em Paris - solicitou a complementação de informações sobre o caráter de *universalidade* da Cidade de Goiás. No Anexo VI do *dossier* que informa o processo, os arquitetos Augusto Carlos da Silva Telles e Fernando Madeira, do IPHAN, acentuaram que, como "núcleo de arquitetura vernacular (...) na cidade de Goiás uma arquitetura

se organizou e gerou influência para toda uma região, a do Planalto Central sul-americano, brasileiro”. E concluem:

A cidade de Goiás possui valor universal inequívoco(...) Toda uma região geo-econômica, a da mineração e da ocupação do planalto central brasileiro foi influenciada por suas características de assentamento no território e do acervo arquitetônico dos séculos XVIII e XIX e, igualmente, por representar a origem da ocupação desse território, permanecendo autêntica nesses duzentos e cinqüenta anos de vida, sendo que, no momento, acha-se vulnerável pela proximidade de Brasília”.

Durante reunião do ICOMOS, havida em Paris, em junho de 2001, foram apreciados muitos pedidos de inclusão de sítios e cidades na lista de Patrimônio Mundial. Tiveram aprovação 17 proposituras: a Cidade de Goiás foi o único núcleo urbano da América Latina que obteve recomendação favorável para aquele fim. Em dezembro de 2001, a Assembléia Geral da UNESCO reuniu-se em Helsinque, Finlândia, ocasião em que a recomendação do ICOMOS foi aprovada e a Cidade de Goiás foi incluída na lista de Patrimônio Mundial.

Vale lembrar que a Cidade de Goiás – ex-Vila Boa de Goiás – é, na lista em questão, exemplar único de arquitetura vernacular, entendida esta como “expressão fundamental da cultura da coletividade, de suas relações com o território e, ao mesmo tempo, expressão da diversidade cultural do mundo”.

Percorrido o longo caminho que lembramos de maneira sucinta, poder-se-á indagar, pragmaticamente, quais os benefícios que poderão advir para a cidade, por estar incluída na lista de Patrimônio Mundial.

Na verdade, o próprio processo já resultou em melhoramentos há muito reclamados, com a aplicação de verbas substanciais do estado de Goiás, na recuperação de sítios e de monumentos e em obras de infra-estrutura: fiação subterrânea, tratamento de esgoto sanitário, restauração da Igreja de Santa Bárba-

ra e do Sobrado da Real Fazenda, despoluição do rio Vermelho, preservação da Serra Dourada e tantos projetos mais, concluídos ou em andamento.

Ainda se festejava animadamente o reconhecimento mundial das belezas e encantos de Vila Boa, quando a cidade foi atingida por catastrófica enchente do rio Vermelho, que transbordou do leito, invadiu ruas e casas, arrastou muros, pontes e árvores, fez ruir a Cruz do Anhangüera, levou destruição e lágrimas a famílias inteiras. As chuvas caíram como torrentes bíblicas e catadupas dos céus - e a beleza bucólica da velha cidade tornou-se palco de drama coletivo e de sofrimentos pessoais.

A coincidência de que tragédia de tal porte tivesse ocorrido poucos dias depois de a cidade ser reconhecida como Patrimônio Mundial ajudou a chamar a atenção da mídia, do povo e das autoridades. O socorro veio de várias fontes: governos, empresas, órgãos nacionais e internacionais, inclusive a própria UNESCO, ainda cuidam da restauração da velha cidade e da recuperação do seu patrimônio material - porque a garra, a determinação, a disposição para a luta, marcas registradas dos vilaboenses, estas jamais se deixaram abalar pela tragédia.

Nesse contexto, vale lembrar a contrapartida que se espera dos habitantes da Cidade de Goiás e dos seus administradores: a preservação intransigente daquele Patrimônio Mundial do qual são depositários - o qual, como exposto, caracteriza-se por ser único, como último exemplo da ocupação do Brasil Central, tal como praticada no século XVIII; exemplo que se torna mais significativo, porque a paisagem que a circunda está praticamente inalterada; mas que se torna mais frágil, à medida que a cidade retoma seu desenvolvimento, em parte favorecido pela geração de negócios e de empregos que o chamado *turismo histórico* propicia. E - por último porém da maior relevância - revitalizado pela existência de recursos destinados à restauração e recuperação de sua malha urbana e do seu entorno.

A grande questão que se coloca, para quem vive e trabalha em cidades ditas *históricas*, reporta-se a como conciliar a preservação de áreas tombadas com as necessidades do cotidiano das

populações que nelas residem, ou que moram em bairros ou regiões próximas. Como fazer para não *engessar* a cidade, não a condenar a uma cenarização vazia, que fatalmente ocorre quando os moradores *de raiz* são expulsos – seja pelas dificuldades de acesso, seja pela valorização artificial dos imóveis, seja, ainda, pela invasão de arrivistas, bem intencionados talvez, mas certamente desconhecedores dos valores que impregnaram a cidade e lhe deram fisionomia peculiar.

Passado o trauma da enchente do rio Vermelho, há muito a ser feito em prol do Centro Histórico e do seu entorno, bem como em favor dos bairros mais distantes. Como redefinir o presente e o futuro da cidade, em face do *status* de Patrimônio Mundial? Como situar o cidadão comum, com seus justos anseios de habitação, de transporte, de saúde, de educação e de segurança no perfil especial da cidade histórica? Como converter o galardão de Patrimônio Mundial em instrumento de melhoria da qualidade de vida dos habitantes de Vila Boa?

Muito se espera do turismo, como gerador de empregos e de renda. A Cidade de Goiás presta-se bem a essa indústria sem chaminés, pela arquitetura singela, a paisagem preservada, as igrejas, os museus, as serestas, a boa culinária...

Não é novidade, porém, que o turismo é faca de dois gumes: de um lado, oferece oportunidades de crescimento e de desenvolvimento. De outro, turistas mal orientados podem trazer a poluição das águas, dos ares e da paisagem – e, igualmente, a disseminação de hábitos que venham minar os valores e desrespeitar a cultura local.

Toda uma política de planejamento urbano e de desenvolvimento econômico há que ser traçada, incluindo os cuidados e a valorização do patrimônio cultural e ambiental. Melhorar a infra-estrutura turística, cuidando da formação de mão-de-obra especializada. Viabilizar iniciativas culturais que beneficiem diretamente os vilaboenses: a instalação de uma boa biblioteca pública e de um arquivo, à altura da documentação valiosíssima que está dispersa por vários acervos; a criação de uma universidade que se nutra das antigas glórias, mas que também insira os

jovens em um futuro promissor; a realização de eventos que se harmonizem com a cultura e as tradições locais etc

Habitantes e administradores vilaboenses saberão equacionar e vencer o desafio de modernizar o que for bom para a Cidade de Goiás e seus cidadãos. E, paralelamente, preservar o que é o seu tesouro maior, ou seja, o casario, o traçado urbano e o entorno, como *habitat* de paz e de qualidade de vida.

Bibliografia Consultada

Dossier: *Goiás. Patrimônio Mundial*. 7 vol.

IPHAN/ Ministério da Cultura. Acervo da Diretoria Regional. 2000/200 1.Goiânia.

GOIÁS: BERÇO DE CULTURA E TRADIÇÃO¹

Moema de Castro e Silva Olival
Cadeira 10 do IHGG

Vila Boa,/ Lânguida de amores/ repouso/
no regaço/ de suas sombras morenas./ Nesse
bailado/ das ruas estreitas/ entra e sai// meu
coração./

Augusta Faro Fleury de Melo in *Mora em
mim uma canção- menina*, 1982.

Aninhada no regaço da luminosa serra Dourada, a cidade de Goiás – antiga capital do Estado – distante 120 Km de Goiânia, é símbolo e tradição.

Símbolo, porque representa, para o País, para o Estado, a matriz de uma unidade federativa que guarda e reflete com soberania os percalços de sua história.

Tradição, porque desfralda, nos seus ritmos sagrados de religião e cultura, o húmus fértil que alimenta e amalgama o sentimento que, a nós goianos, nos marca e nos une: o da goianidade

Daí, o seu grande papel histórico: guardiã dos valores de seu povo.

Se, agora, é foco de atenção internacional, nacional, e regional, como candidata-mor ao reconhecimento, pela Unesco, de sua

¹ Ensaio de imprensa, publicado dia 27 de junho de 2001, em *O Popular*, dia em que nos chegou a notícia do reconhecimento, pela UNESCO, em Paris, do título dado a Goiás, de Patrimônio Histórico da Humanidade

inegável condição de Patrimônio Histórico da Humanidade, se, hoje, ela se restaura e se engalana, faceira e autêntica, para o grande momento, (fato já ocorrido, conforme nota ao pé da página), nem por isso deixa apagar em nossa memória, as crises que soube enfrentar, com galhardia, no correr dos tempos, com a decadência de sua fase aurífera e com a perda de sua condição de capital do Estado.

Já disse o poeta e cronista José Mendonça Teles:

Ser goiano é carregar uma tristeza telúrica num coração aberto de sorrisos. (...) É saber perder um pedaço de terras para Minas, mas não perder o direito de dizer também uai, (...) quando as palavras se atropelam no caminho da imaginação (...) É aceitar a divisão do Estado, por entender que alma goiana permanece eterna na saga do Tocantins. (...) É saber fundar cidades. É pisar no universo sem tirar os pés deste "chão-amado". É cultivar a goianidade como herança maior. É ser justo, honesto religioso e amante da liberdade.

Este é o perfil do goiano, guardado e cultivado com esmero pela nossa cidade matriz, Cidade de Goiás, ou Goiás-velho (a), designação afetiva, ainda que não apreciada por alguns de seus moradores.

Revisitando a História nas suas fontes, nos registros documentais, como os feitos por Victor Coelho de Almeida in *Goyaz* (Goiânia: Depto Estadual de Imprensa e propaganda—1944) e R. J da Cunha Mattos, in *Chorographia Histórica da Província de Goyaz* (1874—reeditado em 1979), temos as referências básicas que nos ajudam a desenhar o perfil histórico-geográfico de nossa cidade.

Assim, o seu nome Goiás — antiga Villa Boa de Goyaz— recebeu-o por haverem habitado, na região, os índios do mesmo nome e cujo significado é " gente da mesma raça". Diz a História:

"Foi fundada com o título de arraial de S. Anna, em 1726, por Bartholomeu Bueno, primeiro capitão-mor da província. Pela carta régia de 11 de fevereiro de 1736 que mandava crear uma villa na povoação mais importante de Goyaz foi elevada categoria de villa".

O nome de Villa Boa foi-lhe atribuído pelo general D. Luiz Mascarenhas, em 25/07/1739, “em obséquio a Bartolomeu Bueno da Silva, seu descobridor (que aqui esteve com seu filho, do mesmo nome, então com 12 anos, e que, quarenta anos depois, voltaria com outra expedição) e acrescentou-se a palavra Goyás, por ser este o nome da tribo que ali habitava”.

Sertanista notável, recebeu Bartolomeu Bueno da Silva o apelido de Anhanguera, pela hábil estratégia que usou para dominar os índios: colocar fogo no álcool, como se fora as águas do rio que ele ameaçava incendiar.

Assim, nas trilhas do humor, fazendo um parênteses, entendendo que a história é a soma de versos e reversos, e aproveitando o momento carnavalesco, achamos que se os goianos perderam, naquele instante, o primeiro round, ei-los agora compensados com o inspirado enredo da escola Caprichosos de Pilares que transforma, metaforicamente, o liquido ardente, capaz de subjugar nossos indígenas, na chama do amor que vai impulsionar o novo bandeirante, na busca, através das terras goianas, de sua amada. E o Brasil tem a oportunidade de ver desfilarem grande parte dos valores dessa terra prometida.

E quanto à localização, R. J. da Cunha Mattos nos dá os motivos principais de a cidade ser erguida ali, às margens do Rio Vermelho, sua alma histórica:

primeiro, o fato de haverem descoberto naquele local, entre ladeiras, de forte inclinação, veeiros abundantes de ouro. Além disso, bem próximas, estavam as minas do Ferreiro e das vertentes da Serra Dourada, onde já haviam sido descobertas preciosas minas do referido metal. Segundo motivo: a situação estratégica de sua topografia, representando o local espaço seguro contra eventual agressão dos indígenas.

Portanto, situa-se nossa antiga capital em região acidentada de que ocupa pequeno vale, situado nas encostas de dois montes, tendo ainda, a leste, uma alta montanha denominada Monte de S. Francisco e, ao norte, os altos montes do Cantagalo, todos ramos

da Serra Dourada que corta boa parte do distrito. O referido vale é cortado por rios, como o já mencionado Rio Vermelho, sentinela da história, sem dúvida, mas também, rio misterioso, carregando segredos nas suas incursões a alguns quintais de velhas casas, além do Manoel Gomes e os conhecidos Bagagem e Bacalhau, todos aervo precioso na memória afetiva dos goianos mesmo os que, se já não moram mais lá, nele viveram preciosos momentos de sua infância e mocidade. Quem não tem o que contar sobre passeios à Cachoeira Grande ou ao poço da Carioca...?

Quanto aos registros literários: poéticos e de ficção, recorramos ao inspirado poema de Cora Coralina, a musa da cidade, em que a poetisa evoca, no perfil do rio, o de sua cidade querida. Vamos reproduzir apenas alguns versos, mais representativos, uma vez que o poema é bem longo.

Rio Vermelho

*Rio Vermelho das janelas da casa velha...
Rio que se afunda debaixo das pontes.
Que se reparte nas pedras. (...)*

*Rio de águas velhas
Roladas das enxurradas.
Crescidas das grandes chuvas,
Chovendo nas cabeceiras.
Rio do princípio do mundo.
Rio da contagem das eras.*

*Rio de lavadeiras, lavando roupa.
De meninos lavando o corpo.
De potes enchendo d'água.(...)*

*Ponte da Lapa da minha infância...
Da escola da mestra Silvina,
Do tempo em que eu era Aninha...*

Ponte do Carmo, querida, dos namorados de longe, (...)

Ponte nova do Mercado

*-foi pinguela do Antônio Manuel,
banheiro da meninada.*

Ponte do padre Pio dos potes d'água.

Carioca de todos nós.

Pinguelona dos destemidos, Contando a estória de um sino.

Sino grande, impressado,

Nas locas da cachoeira.

Sino da Igreja da Lapa,

Que rodou na grande enchente

Tocando pro rio abaixo.

Até que parou impressado

Nas pedras da Pinguelona.

Gente que passa ali perto

Conta a estória do sino:

Inda toca à meia-noite

Quando a cidade se aquieta,

E as águas ficam dormindo.

Tange, pedindo uma graça:

Que algum cristão caridoso,

O salve daquele poço,

O tire de baixo d'água.

Pois seu destino de sino

É no alto de uma torre

Abençoando a cidade.

Dando aviso para o povo

louvar a Deus poderoso

Poço da Mandobeira...

Poço do Bispo...

Poço da Carioca...

Sobras de velhos banhistas dos velhos tempos. (...)

*Rio Vermelho—meu rio.
 Rio que atravessei um dia,
 Altas horas.
 Mortas horas.
 Há cem anos...
 Em busca do meu destino. (...)*

Ainda no terrenos da poesia, em foco não só a cidade de Goiás, musa inspiradora de tantos vates goianos ilustres, nascidos ou não na velha capital, ou no Estado, mas assumidos goianos, uma vez que se sentem impregnados da beleza de suas terras e rios como Leo Lynce, Afonso Felix de Sousa, Domingos Felix de Sousa, José Décio, Gilberto Mendonça, Miguel Jorge, e muitos outros, pareceu-nos curioso reproduzir, agora, trecho de poetisa não goiana, de nascimento, ainda que já de coração, por oferecer uma visão de fora, visão contemporânea: trata-se de Lêda Selma, que, ao fazer referência à cidade de Goiás, frisa o papel que ela ocupa no imaginário poético brasileiro, melhor, universal:

*Velha Goiás
 Dependurada nas ruas,
 Espreitada por ladeiras
 E sombras
 E pela menina
 Da casa velha da ponte*.*

*Velha Goiás
 Do abraço velado
 Das casas siamesas,
 Espremidas na solidão
 dos becos.*

* Obs. nossa: referência a Cora Coralina

*Velha Goiás
debruçada sobre a poeira
de lembranças tantas,
a romper o tempo,
a escalar a História.*

Aliás, cancionista precioso dos valores poéticos de Goiás—cidade e Estado—também veio-nos de fora: é o livro da poetisa carioca Stella Leonardos: *Feitio de Goiás*¹¹, num reconhecimento nacional de nossos talentos na área.

Na prosa, não mencionar o mito da Literatura em Goiás, filho amado da velha capital, Hugo de Carvalho Ramos, que, no início do século vinte, abriu, para o país, o horizonte das tradições goianas, parece imperdoável, mas, agora, recorramos ao goiano de Corumbá de Goiás, ficcionista Bernardo Élis, no seu romance histórico *Chegou o Governador*, para, no testemunho de sua personagem nada menos que o Governador da Capitania de Goiás, no século XVIII, D. Francisco de Assis, recém empossado, buscar o registro da feição daquela gente, com traços que, atravessando os séculos, parecem apresentar marcas que são características indeléveis, até hoje, de seu povo. Vejamos: “Homens e mulheres lhe pareceram gentis, educados, muito tratáveis, todos trajando decentemente e com extrema limpeza. As casas, as ruas, a cidade tinham um ar de fraterno acolhimento, íntimo e fresco. Era uma aldeia portuguesa”.

Se, nos dias atuais, a cidade se reestrutura, com sua vida universitária, recebendo novas unidades de ensino superior, trazidos pela Universidade Estadual e pela Universidade Federal de Goiás, ela, que fora sede da primeira faculdade de Direito do Estado — depois transferida para a nova capital — do famoso Lyceu de Goiás, já lá reinstalado, do tradicional colégio Sant’Anna, das freiras dominicanas, sempre presentes no seu processo educacional, muito devemos ao espírito combativo e lúcido de seus dirigentes culturais. Isto se torna manifesto, principalmente agora, com novos projetos de cultura e turismo, graças à visão dinâmica de uma política

¹¹ Goiânia: Ed. da UFG, 1996.

esclarecida do governador Marconi Perillo e de sua equipe, que, pela AGEPEL, (Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico, leia-se historiador Nasr Chaul)— numa interação com outros órgãos patrocinadores como no caso o IPHAN, (onde a figura da superintendente Salma Saddi ocupa lugar proeminente) e o Ministério da Cultura— marca um novo tempo de ações mais ousadas nos referidos campos, tornando possível que a cidade de Goiás, na justa pretensão do reconhecimento pela UNESCO, de sua condição de Patrimônio Histórico da Humanidade, que Goiás, pois, saia do “ritmo sem tempo de uma capitania do interior” para a feição atualizada de uma cidade Histórica, preenhe das noções de seu papel de símbolo e tradição.

Dentre esses projetos, destaca-se o de Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental, o FICA, que realizou, no corrente ano de 2001, com grande sucesso, sob a direção do cineasta João Batista de Andrade, a sua terceira edição, atraindo para a cidade representantes da cúpula cinematográfica do Brasil e do exterior, tornando-a palco de encontros e discussões importantes entre intelectuais, diretores de cinema, roteiristas, dramaturgos etc.

Se, uma vez por ano, no mês de julho – mês de Nossa Senhora Sant’Ana, sua padroeira – em gesto simbólico de transmissão de poder, o governo estadual para lá se transfere, numa iniciativa pioneira, (hoje, já uma tradição), encetada pelo então Governador Mauro Borges Teixeira, filho do Fundador de Goiânia Pedro Ludovico Teixeira – permitindo, à ocasião, a oportunidade de encontros e realização de eventos que a dignificam-a cidade também conta com seus meios de alavancar o interesse de que se vê alvo, como o comando do Movimento Pró-Cidade de Goiás, tendo à frente, nomes que são bandeira da vida cultural da cidade. Sabemos que citar nomes é um risco sob pena de cometer injustiças por falha da memória. Procuramos evitá-lo, mas alguns, hoje, se destacam de maneira gritante como Brasilete Caiado, Elder Camargo, Leonardo Rizzo, Antolinda B. Borges, Marlene Velasco, Paulo Souza Neto (Presidente da agência ambiental de Goiás), Marco Antônio Veiga (Secretário Municipal de Cultura), com total apoio do prefeito Boadyr Velloso, e da população entusiasmada pela nobre causa, na missão heróica

de guardiões de uma tradição de amor à cidade e ao seu patrimônio cultural, sempre no serviço árduo de preparar Goiás, para receber o seu título. Assim, a restauração do histórico teatro São Joaquim, com a encenação da não menos histórica peça de Martins Pena – O Noviço – da famosa Igreja da Boa Morte, hoje Museu da Arte Sacra, onde se encontra a imorredoura obra do escultor e pintor Veiga Valle, Do Museu das Bandeiras (antiga Casa da Câmara e Cadeia Pública), do palácio Conde dos Arcos, antiga casa dos Governadores, de Igrejas como a de Nossa Senhora do Rosário, construída em 1734, da Igreja do Carmo, em 1786, da Igreja da Catedral, de 1727, da Igreja São Francisco, de 1761, etc. Ainda, é bom lembrar, da casa de Cora Coralina, a “menina da ponte”, do Largo do Chafariz, (ou Largo da Cadeia), do Largo da Matriz, (ou do Palácio), da praça do Coreto, da Cruz do Anhanguera, etc Algumas chácaras, localizadas dentro da cidade, se tornaram pontos de referência turística e cultural como a chácara Baumann.

E, no alto de um monte, perto do cemitério Sant’Anna, soerguida por enorme escadaria, a igreja de santa Bárbara é lugar preferido para serestas e por namorados.

Assim, através desse acervo, conservando mais de 90% de sua arquitetura barroco-colonial original, graças ao tombamento, desde os anos 50, desse patrimônio arquitetônico do século XVIII, a cidade é um magnífico mostruário do Brasil oitocentista. E, além disso, já frisamos, situa-se em um cenário topográfico, singularmente bonito, dentro de um vale envolvido pelos morros verdes e ao sopé da lendária Serra Dourada, a serra das areias coloridas dos quadros de Goiandira do Couto, conhecidos até no exterior. Outros artistas, como o internacional Siron Franco, cujas figurações expressionistas, segundo ele, retratam muito das impressões colhidas na cidade (morava ao lado de um asilo) Antônio Péclat, Elder Rocha Lima, Octo Marques, Thales de Aquino Coelho, Di Magalhães também divulgam sua cidade, e a feição de sua arte. que ainda são objeto dos belos quadros de Amaury Meneses. Também, presentes, Aguinaldo Coelho e Fernando Costa Filho, com suas Madonnas (inspiradas na mulher de Goiás). E o italiano-goiano Frei Confaloni?

Sua tradição folclórico-cultural é rica – como nos atestam

obras de seus estudiosos, e dentre eles não poderíamos deixar de citar a folclorista Regina Lacerda, e a musicista e pesquisadora Maria Augusta Callado, goianas da velha cepa – fornecendo atrações já bem divulgadas pelo País, como os eventos realizados na Semana Santa: Procissão do Fogaréu, cortejo dos Farricocos, (os encapuzados), procissão de N. S. das Dores, Encontro das Imagens de N. S. das Dores e do Senhor dos Passos, Procissão dos Ramos, Folia do Divino (Domingo de Ramos) etc. e rituais de danças e rodas.

A música “Noites Goianas”, letra de Joaquim Bonifácio, e música de Joaquim Santana, é a “cara de Goiás” e cantiga emocionalmente tão forte que fez as vezes de hino oficial, (o verdadeiro, em dezoito estrofes, ninguém cantava) – em que pese a falta de um atributo essencial aos hinos: o ritmo marcial, condição que logo será preenchida pelo novo vibrante hino da autoria de Mendonça Teles e J. Jaime, agora em fase de aprovação pela assembléia². Essa missão “Noites Goianas” desempenhou por muitos anos, ainda que oficiosamente, pois traduz, não só a cidade, em cuja homenagem foi composta, quanto, sobretudo esse sentimento de goianidade, presença tão palpável nas serenatas que ressoam, nas noites enluaradas, pelos becos e ruas silentes da velha capital e na voz tão goiana de nossos intérpretes cantores como Ely Camargo, Marcelo Barra, Fernando Perilo, Maria Eugênia, Maria e Ana Rita Jubé e outros. Também, entre as músicas memoráveis, que têm Goiás como musa inspiradora, e que ajudam a iluminar suas noites de serestas, podemos citar: “Lembranças de Goiás”, de Joaquim Édison, e “Rio Vermelho” de Felix de Amorim

Cidade de homens e mulheres ilustres, poetas, escritores, musicistas, educadores sempre se distinguiu pela sua preocupação cultural e pela têmpera arrojada de seus líderes e intelectuais, dos quais muitos se destacaram na vida da nova capital e, mesmo, do Brasil, como Colemar Natal e Silva, o “Patriarca Cultural do Estado”, Augusto da Paixão Fleury Curado, historiador atuante, Belkiss

² Já foi aprovado, pela Assembléia Legislativa- (lei. 13.907, de 21 de setembro do corrente ano de 2001), sendo imediatamente sancionado pelo Governador Marconi Perillo e publicado no Diário Oficial, do dia 2/10/01

Spencière Carneiro de Mendonça, a grande pianista goiana, com atuação internacional., a escritora Augusta Faro, Rosarita Fleury, romancista, autora de *Elos da mesma Corrente* e que recebeu, na década de cinquenta, o primeiro prêmio Júlia Lopes de Almeida, da Academia Brasileira de Letras, cronistas atuantes como Nice Monteiro Daher, Edla Pacheco de que trataremos em nosso livro ainda inédito sobre a crônica, as historiadoras Ofélia S. N. Monteiro, Célia de Brito, além das que, embora não nascidas na cidade, assumiram seu compromisso entusiasmado com a nossa cultura, como a ensaísta e filóloga Nelly Alves de Almeida, a poetisa Leodegária de Jesus e tantos outros. Em termos de pioneirismo, basta lembrar que, em 1904, a cidade de Goiás conseguiu o feito, parece que pioneiro no país, segundo registros fidedignos, de ter como presidente de sua Academia de Letras a uma mulher, a intelectual Eurydice Natal e Silva, quando prevalecia o modelo francês de silogeu destinado somente aos homens.

Um fato marcante nas noites de Goiás velha eram os saraus, organizados por mulheres cultas como a musicista Hanhá do Couto, (avó de Belkiss) a própria Eurydice, (mãe de Colemar) e Ana Tocantins, entre outras, saraus em que se declamavam poemas de poetas em voga como Felix de Bulhões, o maior poeta lírico de Goiás, expressão maior de nosso romantismo, e se punham em dia assuntos culturais. Terminava em baile, regado a licores finos e de sabores regionais.

No mercado velho da Cidade, hoje restaurado, ponto prazeroso de encontros, também no seio das famílias que se esmeram em cultivá-los, alguns pratos, de tão procurados, traduzem o sabor da cidade: o empadão goiano, (encomendados como preciosidades gustativas, até por moradores de fora), os típicos bolos de arroz., a pamonhada, a galinhada, o arroz com pequi, sem falar na preciosa relíquia dos portugueses: os alfenins e as verônicas (medalhões) do Divino. E o delicioso vinho do convento dos Padres? Praticamente não há reunião goiana que não se estimule com a presença de alguns desses acepipes.

Hotéis e boas rodovias facilitam o acesso a essa cidade, cuja memória, agora homenageamos, reafirmando que é uma festa para os olhos percorrer suas ruas e seus becos, tão cantados através dos

tempos e, hoje, com a iluminação colonial de lampiões restaurada, graças às técnicas das fiações subterrâneas, dando-lhe um ar de encantamento e mistério.

Afinal, é Goiás, “ Um sonho de amor no coração do Brasil.”

17/06/01

Moema de Castro e Silva Olival –
Escritora, ensaísta, membro da AGL, da UBE, do IHGG

CHÁCARA BAUMANN

Augusta Faro Fleury de Melo

Cadeira 22 do IHGG

À memória de meu saudoso pai,
Augusto da Paixão Fleury Curado.

Construída sobre um outeiro de pedra pura, o casarão é uma simpática vivenda, a primeira construção de tijolos da região, de onde se descortina, como um mirante, a vista privilegiada de 360 graus, abrangendo a cidade de Goiás, a morraria verdejante, e ao longe, a sentinela esplendorosa da Serra Dourada.

Os proprietários e construtores da casa foram: Sebastião Fleury Curado, Procurador da República, Deputado à Constituinte de 1891, Deputado Federal, Historiador, professor e advogado formado pela Faculdade do Largo de São Francisco (Arcadas) em São Paulo, lugar onde conheceu a prima (de origem goiana, seu pai o Conselheiro André Augusto de Pádua Fleury é natural de Vila Boa), a escritora Augusta de Faro Fleury Curado.

Para efetuar a construção da casa, foi preciso que o Dr. Sebastião mandasse buscar no Rio, cargas de dinamite, para planificar um platô, onde se ergueriam os alicerces, entre jatobazeiros nativos, imensos, carregados de idades, sombras e esfuziante beleza verde. Foi necessário também que, Sebastião construísse uma olaria para confeccionar os tijolos a serem usados.

A casa é hoje um marco histórico sentimental, de uma família, onde vicejaram livros e leituras (a maior biblioteca particular do

Centro Oeste com cerca de sete mil unidades, ocupando dois cômodos da casa). A referida biblioteca guardava assuntos dos mais amplos e variados; direito, literatura, filosofia, sociologia, psicologia, história, geografia, até teologia. Livros de editoras portuguesas, francesas e alguns em latim e espanhol, francês, inglês.

A casa repleta de janelas verdes, debruçadas sobre a magnífica paisagem do Rio Vermelho, barulhando nas pedras gigantescas, e fazendo canção de ninar, entre o assovio do vento da madrugada ou o luar resplandecente, ou ainda sob o manto negro das noites polvilhadas de milhares de estrelas.

A casa em seu interior, foi ornada pelo desenho de D. Augusta, quando delineava dois armários embutidos na sala de jantar, fato desconhecido dos habitantes da cidade na época. A inauguração da vivenda foi feita em meio aos folguedos da festa junina de 1903. Antes, quando vieram do Rio de Janeiro, o casal já possuía dois filhos pequenos, André e Maria Paula. Esta é Marilda Palínea, notável escritora e acadêmica, pioneira feminina do modernismo em Goiás, ao elaborar o poema "Velha Casa" que foi declamada no Teatro Municipal do Rio, logo após a Semana de Arte Moderna, tempo de polêmica entre os intelectuais brasileiros. Maria Paula foi casada com Dr. Albatênio Caiado de Godoy, influente homem público, escritor, tendo brilhante carreira jurídica. André, agrimensor, casou-se em Minas com D. Maria Coelho, morando sempre na Fazenda Modelo em Uberaba. Teve muitos filhos e na velhice veio morar, já viúvo, em Goiânia onde faleceu.

Quando o casal Sebastião e Augusta vieram do Rio, passando por dificuldades de uma viagem de dias, muitos dias em lombo de bangüês e cavalos, Augusta fez de um difícil e árduo caminho, um roteiro delicioso de telurismo lírico emocionante, ao redigir o belo diário de viagem, anotando detalhes incríveis, como observadora esperta, da fauna, flora e do comportamento das pessoas. Livro apreciado e solicitado já em final da segunda edição, pois é notável única voz feminina e sua ótica narrativa, documentando percurso do litoral ao interior do Brasil. Sendo assim, o livro "Do Rio de Janeiro a Goiás - A viagem era assim" - organizado por sua filha Maria Paula, na década de 60, quando descobriu em um velho

caderno manuscrito de sua mãe Augusta, já falecida, dia a dia do caminho - notabilizou-se por ser a única viajante, e pela maneira detalhista da narrativa.

Antes da construção, o casal morou no centro, à Rua do Carmo. Perto do casarão da ponte do Carmo, era a casa dos avós maternos de Dr. Sebastião e após o falecimento destes, ali ele teve seu escritório de advogado. Na Rua do Carmo, nasceram três filhos; sendo que perderam um menino, João, (lembrando o avô) de pouco mais de um ano, com febre tifóide, fato comum naquela época. Esse também, foi um dos motivos porque Dr. Sebastião buscou um local de clima arejado, onde o vento corria solto, com boa água (perto das escadarias da entrada principal existe uma mina, um nicho de N.S. de Lourdes, mandado colocar após um estio forte que aconteceu na década de 20. Promessa de D. Augusta e ainda hoje, pode-se ver a santinha que veio benta da cidade de Lourdes, na França, no interior do aconchego daquele lugar muito sombreado, onde a água nasce mineralizada das pedras de todos os tamanhos que cercam o poço. Antigamente, por ter fama de saborosa e saudável, os governadores, a família Caiado, os mais velhos e mesmo o fundador de Goiânia, só bebiam da água da fonte de Baumann. Não se sabe o porque, mas é também chamada de Fonte de São João, talvez relembrando a data da inauguração da residência ou o menino que morreu no centro da cidade.

O terreno da chácara, na família, pertenceu primeiro ao Comendador João Fleury de Campos Curado e à sua mulher Mariana Augusta Fleury Curado, (pais de Sebastião) que o adquiriu em "hasta pública" em meados do século XIX. O primeiro dono que se tem notícia é o Marechal de Armas Jean Jacques Baumann, de quem voltaremos a falar neste artigo.

Toda área da chácara é como um recanto, um oásis de verdura, um santuário de preservação, a poucos metros do mercado central. Atualmente, é registrado no Estado e no Município como Reserva Ambiental intocável, pois há extensa mata ciliar urbana, a última a existir nos limites da cidade de Goiás.

Ali, pode-se encontrar madeiras nobres como: aroeira, pau ferro, ipê e outras muitas árvores próprias do Mato Grosso goiano

e do cerrado. O jatobazeiro, que também é nativo, dele existem centenas de pés, de diâmetros imensos; são árvores seculares, enormes como catedrais.

Nunca, a família deixou abater a reserva de mata ciliar, a virgem vegetação, conservando como sempre foi. Existem tucanos, pássaros de variadas espécies e cantares, papagaios, periquitos, mulatinhas e outros bandos de aves. Também moram dentro da mata muitas famílias de micos e macaquinhos, gato do mato, porco do mato, gambá, tatus que chegam até perto da casa. É possível assistir quase ao alcance das mãos, bandos barulhentos de tucanos, que vêm tomar o café da manhã nos pés de mamão junto à escada da cozinha.

Recortada no limite do Rio Vermelho, delineando sua área, o terreno da chácara, lembra uma ilha vegetal, um esconderijo ecológico de valor ambiental precioso, num tempo de devastação e incêndios de matas, florestas no Brasil e no mundo.

Sebastião e Augusta tiveram oito filhos, André e Maria Paula nascidos no Rio, por força do cargo de Procurador da República e Deputado Federal. Dr. Sebastião deixou carreira promissora e brilhante (na época tinha 26 anos apenas) por dedicação à família, sua mãe ficara viúva, o pai ao cair de um cavalo quebrou a coluna (isso aos 52 anos). Sebastião sendo o filho mais velho, sentiu-se na obrigação de vir apoiar a mãe na criação dos outros e também deixou o Rio por enorme amor à terra de berço, fato notado em seus discursos, escritos e artigos nos jornais.

Nasceram na Rua do Carmo: Mariana Augusta (Nita) Clarisse e Hermínia. Mariana Augusta, acadêmica, cronista notável, casou-se com o primo Dr. Agnelo A. Fleury Curado, pioneiro de Goiânia, onde construiu a primeira farmácia do centro da cidade, à Rua Seis esquina com a Rua Dois. Chamava-se Farmácia Sant'Ana e já existia na cidade de Goiás. Ele foi fundador e professor da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal de Goiás. Era genealogista e grande pesquisador de história e geografia da América do Sul, tendo inéditos dois volumes extensos, abrangendo aspectos humanos, geográficos, étnicos, históricos de países da América Latina, Brasil e Goiás.

Clarisse e Hermínia não se casaram e após o falecimento do pai, Sebastião, em 1944, mudaram-se para Goiânia. Eram donas de

casa mas nunca deixaram de lado a cultura, ambas liam história universal em francês, escreviam diários, cultivavam o desenho e bordados.

Na chácara, nasceram Sebastião Júnior, Augusto da Paixão e Josephina Maria que casou-se mais tarde com um espanhol, Alfredo Piquet, ficando viúva sem filhos. Augusto da Paixão Fleury Curado levava o sobrenome Paixão pois nascera exatamente às três horas da tarde de uma Sexta-feira Santa, hora e dia da Paixão final de Cristo. Como o pai, formou-se na Faculdade do Largo de São Francisco (Arcadas). Foi Procurador da Fazenda Nacional, jornalista - um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, em 1932 - professor e advogado até poucos anos antes de falecer, aos 92 anos. Augusto casou-se, em 1940, com Ivany Craveiro, filha de Joaquim Craveiro de Sá e Maria Leonor Cupertino (Dona Dolinha), esta, filha de Tônico e Sinhá Cupertino, vizinhos da Chácara Baumann, em outra chácara, conhecida hoje como Chácara D. Sinhá, um casarão de 250 anos, que hoje pertence a uma filha de Dr. Augusto. Ele adquiriu de todos herdeiros e deu a chácara de presente à sua mulher, D. Ivany, o lugar onde ela passou a infância no colo da avó D. Sinhá e possuía enorme afeto pelo lindo lugar.

Após a morte de Augusto em fevereiro de 2000, a Chácara Baumann passou para Ivany e os filhos do casal. Sebastião Júnior saiu de Goiás para estudar em São Paulo e lá se casou, não tendo filhos. Na década de 1960, viúvo, morando em Goiânia há pouco, contraiu núpcias com sua prima Carmelita Maria e teve uma única filha Paula, que não tem descendentes e residem na cidade de Goiás.

Essa família toda foi criada brincando pelas terras da chácara e todos os filhos, mesmo adultos e velhos, mesmo residindo fora de Goiás, sempre escreviam aos familiares, rememorando a bela infância passada em traquinagens, estudos e brinquedos infantis, num recanto que ficou na memória, tanto pelo espaço físico, como pelo carinho, amor e dedicação dos pais Sebastião e Augusta.

Relembrem com emoção a presença de D. Augusta cuidando de suas roseiras no jardim-terraço, que era mesmo um prolongamento da sala de estar. Havia ali um caramanchão de jasmims de Paixão que embalsamava a casa toda com seu perfume doce,

especialmente em noite enluaradas.

Assentos em bancos de madeira, lugar aprazível, nesse espaço aconteceram muitos saraus, serenatas e reuniões para decisões políticas de Dr. Sebastião.

Nessa chácara, cresceram os filhos, casaram as moças e os netos mais velhos, ainda se lembram com afeto a figura bela e digna do avô Sebastião e a meiguice ímpar de D. Augusta, falecida aos 64 anos apenas, em 1929. Depoimentos de contemporâneos contam que, numa romaria de pessoas, foram despedir da falecida senhora. Ela deixou fama por seu amparo constante aos humildes, tendo inúmeros afilhados entre o pessoal mais carente da cidade. Ouçamos a narrativa de Marilda Palínea:

Uma verdadeira romaria movimentava-se pela estrada da chácara de curvas e ladeiras sombreadas pelas árvores e folhagens naturais das margens do caminho. Num ataúde, entre cachos de parasitas roxas (orquídeas) de pétalas polpudas, jasmims Cayena, jasmims Paixão, rosas, cravos, resedás, estava o corpo esguio, frágil, espiritualizado daquela que, por amor, conseguira tornar a sua cruz cada vez mais leve, uma cruz de flores, tão bela quanto sua vida.

Era dia 11 de abril de 1929, num claro e belo dia de céu muito azul, como os daquele mês em Goiás; cercada de entes queridos, D. Augusta expirou serenamente. A brisa agradável e amena impregnava das variadas essências do jardim e do campo o ambiente entristecido da Chácara Baumann. Naquela aprazível vivenda havia lágrimas em muitos olhos e grande angústia nas almas.¹

A lembrança de D. Augusta evoca seu amor ao piano Pleyel presente do marido Sebastião, vindo em longos dias, adquirido em São Paulo, sendo transportado em carro de bois. Foi um dos primeiros pianos da antiga capital. Dedicava-se também a muita

¹ Seixo de Brito, Célia Coutinho em seu livro *A Mulher, A História e Goiás*, pág. 201, 1ª edição, 1974.

leitura e sempre, sempre estava a escrever. Sempre às voltas com esses afazeres e os cuidados com a filharada, as roseiras e a oração, pois era profundamente religiosa, assim viveu como uma luz de paz para a família.

Quando o Colégio Sant'Ana foi implantado na cidade de Goiás, em fins do século XIX, as dominicanas francesas freqüentavam assiduamente a chácara pois D. Augusta sendo educada em Paris, no Colégio D'Auteil localizado num velho castelo, cercado por grande pátio, onde, no inverno, a meninada se distraía fazendo boneco de neve², falava fluentemente o francês. Foi contemporânea de Santa Terezinha do Menino Jesus, de Lisieux, e uma irmã dessa santa foi colega de classe de Augusta nesse Colégio, interna. O Conselheiro André Augusto foi à Europa a mando de D. Pedro I estudar os regimes penitenciários agrícolas da Alemanha e Inglaterra, e por isso teve que internar os filhos para um estudo normatizado, já que teria que empreender várias viagens.

O convívio de D. Augusta com as dominicanas, na Chácara Baumann, era um prazeroso momento para as crianças lembrarem, devidos aos hábitos, costumes diferentes reservados, marcados pela religiosidade e boa conversa; música e cantos sacros e os modos distintos das irmãs. Todos recordavam esse recorte de civilização a enfeitar muitas tardes de suas infâncias e adolescências. Nascidos e crescidos na chácara, nunca se desligaram afetivamente do rincão, que passou a ser um espaço sentimental na biografia dos filhos e netos mais velhos, que tiveram oportunidade de conviver com os avós Sebastião e Augusta.

Um fato interessante merece ser lembrado: com 12 anos apenas, Maria Paula fundou um jornal "O Baumann", inteiramente manuscrito, contendo poemas, crônicas, contos e pequenas notas sobre cultura e arte da cidade. A parte literária era de escritores goianos; às vezes ela escrevia alguma página também.

Interessante que um jornal manuscrito, criado por uma garota, tenha durado quatro anos. Maria Paula os enviava às tias Faro, residentes no Rio e a alguns próximos amigos de seu pai, em São Paulo.

² In Seixo de Brito, Célia Coutinho. *A Mulher, A História e Goiás*, pág. 192.

Esse episódio demonstra o clima de cultura que se respirava na chácara, onde o francês, a música, a leitura e a pintura (D. Augusta deixou alguns trabalhos a óleo, nanquim, crayon, de paisagens, estão ainda na cada de filhas e netas), essas atividades eram hábitos cotidianos, costumeiros como o pão de cada dia, num tempo em que quase não havia distrações da modernidade atual.

Muitos indagam por que esse nome Baumann? Ouçamos o historiador Antônio César Caldas Pinheiro, em artigo da revista "Mundo Cultural", em agosto de 1993, da Universidade Católica de Goiás, publicado após extensas pesquisas.

Pouco se tem escrito sobre o Marechal João Jácome de Baumann, Governador das Armas da Província de Goiás. Nasceu no cantão de Schwyz, na Suíça, na década de 1770. Entrou para o exército português em 17 de julho de 1798, como tenente de infantaria, servindo no regimento de Cascais em Lisboa, mais tarde foi elevado ao posto de Capitão do mesmo Regimento.

Transferido para o Brasil, aqui aporta em 1808, indo por pouco tempo servir no 3^a Regimento de Infantaria de Linha, pois a 28 de maio de 1808 é transferido para a Cavalaria no posto de Sargento-Mor. Como tenente-coronel serviu no quartel-general do Rio de Janeiro, como ajudante de Sir Sidney Smith, comandante da frota inglesa que acompanhou a Família Real na travessia do Atlântico rumo ao Brasil. Neste mesmo posto, serviu em São Paulo, onde inspecionou várias regiões daquela então província. Promovido a coronel, prestou serviço em Pernambuco até 26 de julho de 1815, quando se deu a sua adição à guarnição de São Paulo, onde a 8 de fevereiro de 1818, foi nomeado brigadeiro graduado. Em 1819, em São Paulo, recebeu visita do naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire, que ficou muito bem impressionado com a propriedade que poderia se considerar uma chácara modelo, isso nas imediações da cidade. Foi casado duas vezes. A primeira vez com uma portuguesa, Dona Gertrudes Leonor, tiveram quatro filhos. A segunda vez, casou-se com a paulista

Dona Leonor Cantoser e não tiveram filhos. (Interessante ambas terem Leonor no nome, coincidência, mas parece-nos que o nome Leonor era bastante usado na época. Observação da autora deste artigo).

Nomeado para o cargo de Governador das Armas da Província de Goiás em substituição ao Brigadeiro Raimundo da Cunha Matos, chegou à antiga Vila Boa, onde recebeu em 12/09/1826 o comando das Armas, fixando residência na sobranceira e bonita chácara à margem direita do Rio Vermelho, que até hoje lhe conserva o nome. (A casa referida não é a atual que foi construída por Dr. Sebastião, mas é abaixo do outeiro, na parte mais ou menos plana, no lugar chamado Quadrado, onde ainda podem ser vistos os restos de seus alicerces).

Sobre o desempenho de Baumann no Comando das Armas em Goiás, temos o testemunho eloqüente dos alfarrábios que nos conservaram seus feitos e sua vida civil, a lembrança que as gerações dele nos legaram. Faleceu Marechal de Campo Graduado, às 11 horas do dia 28 de outubro de 1830, foi sepultado com pompas e honras na Catedral de Sant'Ana.

Uma filha do Marechal Baumann, Maria Carlota, casou-se com o tenente-coronel Jerônimo José de Andrade, de São Paulo. E uma irmã deste, Blandina Eufrosina de Vasconcelos casou-se com o Comendador Camilo José Pereira de Faro. Sua filha, D. Paula Eufrosina de Faro foi casada com o Dr. André Augusto de Pádua Fleury, os quais são pais de Augusta de Faro que se casou em 27 de julho de 1893 com Dr. Sebastião Fleury Curado, seu primo, o casal que veio residir em terras que pertenceram a um parente longínquo for afinidade de enlaces matrimoniais. Assim é explicado o nome da Chácara Baumann”.

Nos terrenos da parte baixa da chácara existe também a primeira usina elétrica da cidade, aonde ainda podemos encontrar suas ruínas.

Antes da chácara ser construída, o terreno foi do pai de Dr. Sebastião, como já se comentou e hoje pertence aos descendentes de Dr. Augusto.

A Chácara Baumann está no final do processo de tombamento pelo Patrimônio Artístico e Histórico Estadual, como também pelo IPHAN. É na chácara que se guarda a história da cidade e da família Fleury Curado, como depositária de tradições as mais caras, uma casa onde vicejou arte e cultura, pelos perfis dos moradores da mesma. Há várias crônicas sobre a chácara, também por estar localizada num lugar privilegiado e conforme o ângulo da cidade, vê-se a casa como suspensa num mundo verde da morraria circundante. A historiadora Célia Coutinho Seixo de Brito³, focaliza com riqueza de detalhes o vulto da dona e construtora da chácara, a escritora Augusta de Faro. Inclusive, anota depoimentos pessoais do convívio com Dr. Sebastião e relembra o tempo de infância quando ia com seus pais em visita ao casal morador na bucólica vivenda:

D. Augusta era clara, de olhos verdes e risonhos, magníficos dentes, rosto ovalado e pele delicada, orlado por sedosos cabelos castanhos.

Inteligente e culta gostava de escrever. Em São Paulo, publicou "Devaneios" (este livro foi republicado em 1988 pela Fundação Pedro Ludovico, acrescido no mesmo volume de "Ramalhete de Saudades"). Foi autora de contos como "Folha de Outono" e "O Proscrito" e o interessante diário Viagem a Goiás, publicado pela filha escritora Maria Paula.

Dr. Sebastião era alto, moreno, forte, atraente, fisionomia enérgica, olhos pretos e penetrantes. Quando o conhecemos, depois de idoso, ainda era belo homem, de raro trato e fidalguia pessoal. Cavanhaque bem cuidado e bonita arcada dentária, agradável timbre de voz, sorriso afável, mãos bem talhadas e sempre prontas a afagar nossas cabeças de crianças.

³ Brito, Célia Coutinho Seixo de. em seu livro *A Mulher, a história e Goiás*, 3ª edição, 1984, pág. 198.

Nós o olhávamos encantadas. Era um nobre cavalheiro. No centro da cidade onde morávamos tínhamos oportunidade de vê-lo com freqüência, não raro no Cartório de nosso querido pai. Entre o distinto casal e minha família havia a maior cordialidade.

Uma tarde, fomos com nossa mãe à Chácara Baumann, onde moravam. Não se apagou de nossa memória a figura de D. Augusta: rosto relativamente novo, cabeça toda alva, freqüentemente de "voile" branco, atenciosa e sorridente.

Vimos o jardim da casa com cerca de tábuas estreitas e verticais em pontas de lança, canteiros de diversas formas, repletos de muitas flores, também o grande quintal bem plantado e o pasto verdinho, num cercado um homem cuidava dos animais. Aos pés do outeiro, o Rio Vermelho serpenteava por entre a paisagem e o casario branco da cidade parecia emoldurado e defendido pelos morros.

Tudo nos encantava!

Ainda nos textos da escritora Célia Coutinho Seixo de Brito, comentando o viver de Dr. Sebastião na chácara:

Sendo Dr. Sebastião um ardoroso político, tinha sua casa movimentada com reuniões e jantares. Nesses acontecimentos a fina louça e prataria eram levadas pela própria anfitriã e colocadas à mesa, com flores e muita arte.

Na ampla e agradável Baumann a natureza, a civilização e a cultura confundiam-se. Ali os filhos do casal tiveram encantadora infância. Corriam à vontade, trepavam em árvores, saltavam cercas de arame e se espalhavam pelo campo, de onde voltavam arranhados e sujos, trazendo contentes à querida mãe, flores do mato, favos de mel, que recebia satisfeita jamais, porém os provando.

Ouçamos a escritora Marilda Palínea ou Maria Paula, filha de D^o Augusta:

Na verdade sua vida (referindo-se à mãe) foi um romance, delicado romance, com páginas comoventes, que ela viveu conscientemente, dignamente, corajosamente. Porque mamãe era a própria doçura, a própria mansidão, a bondade meiga, era uma alma forte, abnegada, capaz de dar sorrindo seu sangue para que o marido e os filhos fossem felizes) (pág. 7 do prefácio do livro Viagem do Rio a Goiás).

D. Augusta embora tivesse nascido em Curitiba, no Palácio Iguassu, quando seu pai, o Conselheiro André Augusto foi Presidente da Província do Paraná, era goiana de raiz, por ser descendente de gerações goianas, vivendo em Goiás a maior parte da sua vida. Hoje descansa ao lado do marido e onde também foi sepultado seu filho Augusto da Paixão Fleury Curado, no Cemitério São Miguel, aos pés da linda Capela de Santa Bárbara.

Todos que moraram na Baumann, ancestrais e descendentes, amam o local e as gerações atuais e vindouras por certo continuarão a sentir a chácara como um símbolo de identidade e amor ao solo, ao berço natal. A chácara é uma referência, não só à família goiana, aos familiares de sangue, mas um selo, uma senha de afeto, uma ligação dos que por lá passaram, memória e história sentimental a ser repassada aos descendentes que ainda virão.

Cinco gerações da família de Dr. Augusto estudaram na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, contando seu filho caçula Antônio de Pádua que leva o nome de seu trisavô - todos partem para o estudo, mas jamais deixam de voltar à querida cidade de Goiás; uns aqui viveram outros não, deram exemplos de vida e sempre amaram a chácara que é uma representação da união, de carinho ao lar dos pais que aqui descansam na morada definitiva.

A beleza da chácara não é só pelo aspecto físico, o lugar prazeroso, de linda paisagem geográfica, o aspecto histórico de abrigar nomes ilustres ou do eminente político e escritoras notáveis e onde nasceu e viveu a juventude Dr. Augusto, só saindo para estudar fora - mas é significativa morada por simbolizar a

memória de um povo, a família genuína goiana, pela paixão pelo torrão de berço, aos usos e costumes da terra, pelas tradições e pelos valores que nunca perecem e ali foram cultivados e ensinados aos descendentes.

Ilustrando o final deste artigo, gostaríamos de transcrever a crônica do Presidente do IHGG, acadêmico professor José Mendonça Telles, último dos vários que contam sobre a chácara, tanto em jornais, como em livros e revistas. O IHGG que Augusto fundou em 1932, ainda muito moço, juntamente com amigos da cultura da cidade de Goiás. Vamos ao texto do prof. José Mendonça Telles:

Madrugada triste, as ruas já tinham perdido a tranqüila quietude da noite. As carroças em grande número, conduziam lixo; outras, bagagem.

*Os bondes começavam a trabalhar. Os bicos de gás iam morrendo. Aglomerado do povo na estação a comprar bilhetes". Assim Augusta de Faro Fleury Curado (Curitiba, 1865) começava seu diário de viagem, *Do Rio de Janeiro a Goiás - 1896, (a viagem era assim) publicado em 1961, com introdução de sua filha a saudosa escritora Maria Paula Fleury de Godoy (Marilda Palínea).**

Naquele Rio de Janeiro de fim de século, o advogado goiano Sebastião Fleury Curado com sua esposa Augusta e os filhos Maria Paula e André embarcaram no vagão que os trouxe até Araguari, última estação da estrada de ferro que adentrava para o sertão brasileiro. De Araguari à antiga capital goiana a viagem foi feita a cavalo em 49 dias, o que totalizou 56 dias de aventuras.

Augusta é filha do Comendador André Augusto de Pádua Fleury, que governou as províncias de Paraná, Espírito Santo e Ceará, em São Paulo foi diretor da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Educada em Paris, conheceu o primo goiano quando ele estudava Direito em São Paulo. O casamento realizou-se no Rio de Janeiro em 1893 e teve como padrinho o notável estadista

do Império, Joaquim Nabuco.

Chegando à cidade de Goiás, a família morou na Rua do Carmo e no ano de 1903 definitivamente na Chácara Baumann, assim conhecida por pertencer ao suíço João Jácomo Baumann que lá falecera em 1830. Posteriormente, a chácara passou a pertencer a João Fleury de Campos Curado e depois a seu filho Sebastião Fleury Curado.

Construída em cima de um outeiro, a casa da chácara completará no próximo 2003 o seu centenário. Para construí-la, Sebastião mandou buscar dinamite no Rio de Janeiro, dinamitando a cabeça da rocha para que a casa ficasse no alto da colina. Foi a primeira casa de tijolos da antiga capital.

Com o falecimento de Augusta de Faro em 1929 e de Sebastião em 1944, a chácara foi herdada pelo filho Augusto da Paixão Fleury Curado, um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, que a preservou intacta até sua morte em 2000. Hoje pertence aos filhos de Augusto, preocupados com sua preservação histórica, sentimental e cultural.

Na Chácara Baumann nada foi depredado. As matas ciliares do Rio Vermelho, o casarão, o velho jatobazeiro que aparecem nas fotos do começo do século passado, os móveis antigos, as ruínas da casa construída pelo suíço, desafiam o tempo e os olhares gulosos do "progressistas" de plantão.

Patrimônio histórico e ambiental, a Chácara Baumann é hoje referência internacional, por estar bem anexada no "dossiê" que autenticou, na UNESCO, o nome da cidade de Goiás como Patrimônio da Humanidade.

Esta bela crônica irá funcionar como fecho síntese do artigo. E assim, lá está hoje a bela moradia, atravessando os dias e noites, com sua história de amor, arte, cultura e apego dos donos à Cidade de Goiás.

Este artigo foi baseado em memórias familiares, leituras históricas, o livro “A História, a Mulher e Goiás” da historiadora Célia Coutinho Seixo de Brito, os livros de Nita e Maria Paula, as narrativas de parentes e amigos contemporâneos do casal construtor, a conversa informal com Augusto meu pai e Ivany minha mãe, também as pesquisas do historiador Antônio César Caldas Pinheiro, numa publicação da UCG de agosto de 1993, sobre de João Jácomo Baumann, os depoimentos dos tios moradores da Baumann e prima Marilda Godoy de Carvalho, fundadora do Arquivo Estadual de Goiás e grande pesquisadora de memórias vilaboenses.⁴

⁴ Augusta Faro Fleury de Melo, escritora e poetisa é membro do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, Academia Goiana de Letras, A F L A G, Academia Trindadense de Letras e Artes, Conselho Estadual de Cultura, Fundação Museu Casa de Cora Coralina, U B E-Go, Comissão Goiana de Folclore, Mestre em Literatura e Lingüística pela U F G, Pedagoga pela U F G. Pioneira da Poesia Infantil em Goiás e co-fundadora do Centro Educativo Piaget - a primeira escola construtivista no estado de Goiás em 1980.

TEMA GERAIS

GENERAL TOPICS

MOMENTOS FUNDADORES DA
FORMAÇÃO NACIONAL
- GOIÁS: O PROCESSO CULTURAL* -

José Mendonça Teles
Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

Henrique Silva, em seu livro *Poetas goianos*, publicado em 1901, referindo-se à passagem de Saint-Hilaire por Goiás, em 1819, assim se expressa: “Não só este sábio naturalista, como outros estrangeiros notáveis admiraram os talentos originais do goiano cuja vocação artística, guiada apenas pelo instinto, sem mestre e sem modelos clássicos, se exerciam nos mais finos labores de ourivesaria, das obras em talha, na pintura, na música e ao cultivo das letras”.

Antes de Saint-Hilaire, outros cronistas e viajantes penetraram a terra goiana, deixando escritos memoráveis sobre a nossa vida social, econômica e administrativa. Contemporâneo de Saint-Hilaire, destaca-se a figura do padre Luiz Antônio da Silva e Souza, natural de Serro-Frio, Minas Gerais, que veio para Goiás, em 1790, com 26 anos de idade e aqui ficou até sua morte, em 1840, dedicando toda a sua vida à religião, às letras e às artes. Silva e Souza, que pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, é considerado o “pai da história goiana”, por ser o primeiro a escrever

* Texto apresentado no simpósio Momentos Fundadores da Formação Nacional no IHGB, em junho de 2000.

sobre a história da Província. Sua “Memória sobre o descobrimento, governo, população e coisas mais notáveis da Capitania de Goiás”, escrita em 1812, é repositório fiel do que era Goiás desde o seu descobrimento até essa data.

Desde a fundação do arraial de Sant’Ana, em 1726, que originou Vila Boa, a primeira capital goiana, até a chegada de Silva e Souza a Goiás, mostra-se a Província atribulada, a princípio pelo fastígio do ouro e com a presença austera do governo impondo severa fiscalização às minas e, já na segunda metade do século dezoito, quando o ouro desapareceu das minas, com o empobrecimento da população e a decadência de vários arraiais. Se manifestações artísticas aconteceram nesse período, devemos creditá-las a Silva e Souza e ao poeta Bartolomeu Antônio Cordovil, que aqui chegou por volta de 1787, vindo do Rio de Janeiro e foi um dos primeiros a publicar versos em Goiás.

Cunha Matos, um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e que foi governador das Armas em Goiás, em seu livro *Corografia Histórica da Província de Goiás*, escrito em 1824, no arraial de Trairas, tem este pronunciamento sobre a cultura goiana: “A música fez progressos, ou foi cultivada com gosto em toda a província de Goiás: apesar da decadência da mesma província, ainda se encontram na cidade e nos arraiais muitos homens que tocam rebeca, rebecão e outros instrumentos de corda; tanto assim que nas festas das igrejas sempre a música vocal é acompanhada de música instrumental; mas não há quem toque instrumentos fortes de sopro. Algumas senhoras cantam sofrivelmente e tocam saltério, cítaras, guitarras e violas; poucas sabem dançar; as mulheres ordinárias também dançam boas coisas, mas a sua favorita paixão é pelos lundus em que mostram destreza incomparável”.

Referindo-se à literatura, Cunha Matos afirma que a mesma encontra-se em “deplorável decadência”. Diz que os homens têm talentos, mas faltam-lhes mestres, e destaca a presença do padre Luiz Antônio da Silva e Souza: “os mais instruídos goianos devem a sua educação a este respeitável e mui sábio eclesiástico”.

PRIMÓRDIOS DO TEATRO GOIANO

O arraial de Trairas (hoje desaparecido), situado no médio-norte goiano, viveu dias de riqueza até os primórdios do século 19. Em Trairas, onde se desenvolveram as nossas primeiras manifestações teatrais, existia um teatro de tamanho considerável, o Teatro São Joaquim, com amplos alicerces barrocos, podendo ainda ser identificado em meio as ruínas que desafiam o tempo. Existiam duas companhias teatrais, uma de brancos e outra de negros, esta dirigida por um célebre e meio lendário mestre Daniel, negro vindo de Salvador. Quando a decadência desceu sobre as minas de ouro, os remanescentes dos grupos teatrais vieram para os arraiais de Meia-Ponte e Jaraguá.

Pirenópolis, onde “todos nascem músicos e atores de mão-cheia”, na expressão de Jarbas Jayme, é justamente o local de vida cultural intensa, a partir da fundação do primeiro jornal goiano, *A Matutina Meiapontense*, obra do comendador Joaquim Alves de Oliveira, que circulou no arraial de Meia Ponte, atual Pirenópolis, no período de 5 de março de 1830 a 24 de maio de 1834, num total de 526 números. Ainda por inspiração de Joaquim Alves de Oliveira, foi fundada no dia 3 de maio de 1830, no espaço da tipografia, a primeira biblioteca de Goiás, conforme se vê na *Matutina* nº1, de 7 de maio daquele ano.

Vários historiadores batem na tecla de que a Província foi sempre abandonada pelo governo, no que tange à educação durante o período colonial. E de fato, somente 50 anos após o descobrimento, isto é, em 1788, é que chegaram os primeiros professores: dois de latim e um de retórica. Doze anos depois, no governo de D. João Manoel de Melo, é que foram criadas cinco cadeiras de ensino primário e uma de latim, mantidas pelo imposto “subsídio-literário”.

Victor de Carvalho Ramos, em seu livro *Literatura goiana - esboço histórico*, afirma que ao proclamar-se a nossa Independência, em 1822, a situação dos goianos era das mais deprimentes, em relação à cultura. “De um povo assim embrutecido por uma série de calamidades, natural é que não podia Goiás, no

primeiro século de sua evolução histórica, apresentar um nome de filho seu que se destacasse no campo das letras”.

Essa afirmativa é confirmada pelo grau de analfabetos existentes na Província, mesmo 50 anos após a Independência. Em 1875, a população goiana era de 150.000 habitantes, aproximadamente, sem contar os escravos, em número de 10.000. Dessas pessoas, somente 22.600 sabiam ler e escrever, o que nos dá um número de 127.400 analfabetos. Ainda mais, em 1886, havia em Goiás 85 escolas públicas, com a frequência de 2.286 alunos, para uma população aproximada de 180.000 pessoas.

Procurando racionalizar o texto, aplicamos a metodologia de dividir o nosso processo cultural em períodos históricos, obedecendo o mesmo critério adotado por Gilberto Mendonça Teles, em *A Poesia em Goiás*, destacando-se aqueles momentos que marcaram época e que hoje estão definitivamente enraizados na memória dos feitos goianos.

PRIMEIRO PERÍODO

1726 a 1830

Prolonga-se da chegada de Bartolomeu Bueno da Silva, o descobridor das minas de Goiás e a fundação de Vila Boa, até a publicação do periódico *A Matutina Meiapontense*.

Período marcado pelo predomínio do ouro, do conhecimento da terra, da fundação de arraiais e de suas consequentes decadências, as visitas de viajantes ilustres (Saint-Hilaire, Pohl, Von Martius, Aires de Casal, além da presença de Cunha Matos), que nos legaram valiosos documentos, e pela presença marcante do padre Luiz Antônio da Silva e Souza. É nesse período que surge o nosso primeiro poeta, Florêncio Antônio da Fonseca Groston, que nasceu no arraial de Trairas, em 1777 e faleceu em São João Del Rei, Minas Gerais, em 1860. Em estilo camoniano, Florêncio dedicou um poema ao comendador Joaquim Alves de Oliveira, enaltecendo-o pela sua dedicação e patriotismo, quando da epidemia de sarampo que assolou Pirenópolis, em 1811.

Na verdade, o ponto que mais se destaca neste período é o

aparecimento do *Matutina Meiapontense*, que deu nova dimensão a Goiás, despertando as inteligências da província para as tendências literárias.

O SEGUNDO PERÍODO 1830 A 1903

Inicia-se com a publicação do primeiro jornal goiano, passa pela instalação da Faculdade de Direito de Goiás, em 24 de fevereiro de 1903 seguida pela fundação da Academia de Letras, na Cidade de Goiás, de efêmera duração. É um período de preparação do espírito goiano para os grandes embates das idéias republicanas. Surgiram vários jornais na antiga Capital, a partir de 1870, quase todos batendo-se pela proclamação da República e combatendo a escravidão. *A Matutina* deixa assentada a liberdade de pensamento e os princípios básicos da democracia, dos quais se valem as gerações futuras para as conquistas políticas, sociais e culturais.

Além de vultos importantes do jornalismo, da música e da literatura, como Manoel Lopes de Carvalho Ramos, progenitor dos escritores Victor e Hugo de Carvalho Ramos, e autor do poema épico *Goyania*, que deu origem ao nome da nova Capital, sobressaíram-se também, neste período, o escultor Veiga Valle e o poeta abolicionista Félix de Bulhões.

Destacam-se ainda, a criação do Lyceu de Goiás, em 1847 e do Gabinete Literário Goiano, em 1864.

TERCEIRO PERÍODO: 1903 A 1930

Estende-se da instalação do nosso primeiro curso jurídico e da Academia de Letras à Revolução de 1930, cujos reflexos resultaram na nova Capital do Estado.

O ambiente na Cidade de Goiás, no começo do século, era de efervescência literária. O governo de Xavier de Almeida, pro-

curando renovar os quadros políticos do Estado, convocou a mocidade para ocupar postos importantes na administração pública; muitos desses jovens vinham da recém-fundada Faculdade de Direito, onde florescia poetas e prosadores. Nesse ambiente, surgiram vários jornais e incentivou-se a publicação dos primeiros livros literários, que se ensebavam nas mãos de leitores ainda embriagados pelos últimos lampejos do romantismo. As serenatas andavam pelas noites vilaboenses, e a voz de Joaquim Santana se fazia ouvir de longe, quebrando o silêncio da madrugada. As canções "Só", de Félix de Bulhões e "Noites Goianas", de Joaquim Bonifácio de Siqueira, imortalizaram-se na memória do tempo.

A nota preponderante desse período é a intensa movimentação editorial, com a publicação de vários livros, e o crescimento cultural de várias cidades, tais como Luziânia, Bela Vista de Goiás, Corumbaíba, Orizona, Campinas, Itaberaí, Catalão, Rio Verde, Jataí, Silvânia, Palmeiras de Goiás e Porto Nacional, as quais fundando seus próprios jornais ou revistas, contribuíram para o surgimento de novas lideranças. Hugo de Carvalho Ramos, com o livro de contos *Tropas e Boiadas* (1917), destaca-se no regionalismo brasileiro, e Leo Lynce, com o livro de poemas *Ontem* (1928), inicia o modernismo em Goiás.

QUARTO PERÍODO:

1930 A 1942

A Revolução de 30, que transformou as estruturas políticas e administrativas do País, fez surgir Goiânia, a nova Capital do Estado. Com a fundação de Goiânia, as perspectivas de desenvolvimento se desdobraram em todo o território, e Goiás pode sair do longo marasmo e obscurantismo em que se encontrava. Funda-se o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, em 1932, a Academia Goiana de Letras, em 1939, e inicia, em 1942, a publicação da revista *Oeste*, com marcante presença em nossa vida cultural reativando os princípios do modernismo. O ano de 1942, além de marcar o surgimento dessa revista, destaca-se

pelo Batismo Cultural de Goiânia. É um período de transição em que as influências românticas, modernistas, parnasianas e simbolistas se fazem presentes, tendo como veículo importante a revista *Oeste*.

QUINTO PERÍODO: 1942 AOS DIAS DE HOJE

É o período que vem da publicação da revista *Oeste* e do Batismo Cultural de Goiânia, da Primeira Semana de Artes em Goiás, realizada em julho de 1956, sob o patrocínio da Associação Brasileira de Escritores - Secção de Goiás aos dias de hoje. Destacam-se nessa fase a criação da Bolsa de Publicações "Hugo de Carvalho Ramos", em 1943, pela Prefeitura Municipal, a criação da Agremiação Goiana de Teatro - AGT - e o primeiro Congresso Nacional de Intelectuais realizado em Goiânia, em 1954, com a presença do escritor Pablo Neruda.

Esse período compreende todo um processo acelerado de desenvolvimento que atingiu o Estado de Goiás, provocando a ruptura, até então arcaica e rudimentar, de toda a engrenagem institucional e o crescimento nos campos econômico e psicossocial. As reformas políticas e administrativas, impostas pelos governos, provocaram a expansão de nossas fronteiras econômicas, com a modernização das lavouras e o aprimoramento técnico no manejo de nossos rebanhos. No campo psicossocial a criação de duas Universidades e de outras instituições de ensino superior fez surgir um próspero período na história da cultura em nosso Estado. A força de aculturação representada pela atuação do complexo de ensino, produziu notável dinamismo em muitos setores da vida goiana. Novas gerações vieram dar sua parcela de contribuição ao desenvolvimento da sociedade, motivando o surgimento de novos valores nas artes plásticas, literatura, música, teatro e cinema.

As atividades editoriais se intensificaram nos últimos anos, assim como a mentalidade universitária se conscientizou

da necessidade da pesquisa e do aprimoramento intelectual nas várias atividades humanas. Os governos passaram a apoiar, com mais interesse, as promoções de caráter cultural.

BRASILIA TROUXE PROBLEMAS

Desde o século passado, os goianos lutaram para a edificação da Capital Federal no Planalto Central pois, quando a Expedição Cruls veio para demarcar as terras da futura Capital, em 1892, o goiano Henrique Silva estava na caravana e foi ele um dos mais entusiastas mudancistas. Em 1921, Americano do Brasil apresenta na Câmara Federal projeto de lei propondo o lançamento da pedra fundamental da nova capital, fato que se deu no dia 7 de setembro do ano seguinte, nas imediações de Planaltina. Quando Juscelino iniciou a sua campanha presidencial, teve que jurar em praça pública, na cidade de Jataí, que mudaria a capital para Goiás. E no processo da mudança, o governo goiano criou, por decreto, a Comissão de Cooperação para a Mudança da Capital Federal, sob a presidência do médico Altamiro de Moura Pacheco, a quem coube a difícil tarefa de contactar os fazendeiros do Planalto, conscientizando-os sobre a mudança e cuidando das indenizações em vista do processo de desapropriação das terras.

Se a princípio Brasília foi motivo de orgulho para os goianos e provocou o desenvolvimento econômico, principalmente de Goiânia, hoje é motivo de grandes preocupações para Goiás pois, o seu crescimento acelerado desencadeou o inchaço populacional de cidades pequenas, que estão ao seu redor e que não possuem infraestrutura suficiente. É a chamada região do Entorno, ou a nossa "baixada fluminense", onde o desequilíbrio sócio-econômico tem provocado intensa criminalidade que desafia os governos goiano e federal e mais, vem dilapidando o patrimônio histórico de nossas cidades bicentenárias a exemplo de Luziânia.

O poema "DF", de Gilberto Mendonça Teles, publicado em seu livro *Saciologia Goiana*, exemplifica bem o que foi dito acima:

*eis o distrito: simples quadrado
Siglas e veredas, buritizaís
Um mapa cheio de carrapatos,
coceira viva no meu Goiás.*

O DIÁRIO DE HENRY KOSTER

*Getúlio Araújo**Cadeira 19 do IHGG**“Como eu adorava aquele sertão!
Como ainda o adoro guardando
inteirinho dentro de mim!”**Gustavo Barroso*

Ontem, sábado, o calor e a mania por alfarrábios permitiram que eu ficasse em Goiânia, onde, solitário, interrompi os meus devaneios para contemplar o retrato de Beatriz sorrindo na moldura do porta-retrato. Sentado à frente da televisão, me deparo com manchetes sensacionalistas: o dólar ultrapassa os três reais, o leão ataca a classe média, o presidente FHC pede ajuda ao FMI. São turbulências do mercado globalizado. Na Biblioteca Mário Souto Maior, observo um quadro do primitivista Antônio Poteiro. Bebendo suco de pitanga, relembro a minha estada no sertão potiguar em companhia do poeta José Mendonça Teles, maio de 1994. O sol queimava, como labareda. A flor branca do mandacaru dava sinal de chuva nas terras do Seridó. Chegada na cidade do Acari. O sertão virou mar! Ao folhear as páginas do diário de Henry Koster *Viagem ao Nordeste do Brasil*, Coleção Brasiliana, vol. 221, Companhia Editora Nacional, Rio de Janeiro, 1942, com tradução e notas do mestre Luís da Câmara Cascudo, o meu pensamento me leva às amadas terras do Rio Grande do Norte, onde nasci, cresci, estudei e aprendi a encantar-me com as bravatas dos vaqueiros.

Quem é esse peregrino que pisou, na primeira década do século XIX, as terras do semi-árido nordestino?

O inglês Koster percorrendo o sertão do Nordeste no ano de 1810, registrou em seu diário de viagem, impregnado de nuances, o homem sertanejo cujas características somáticas e psicológicas são um espelho fiel do meio em que habita. Antes dele nenhum europeu atravessara os sertões do Nordeste, de Pernambuco ao Ceará, caminhando a cavalo, a pé, de rede, acompanhado de um amigo inglês, dois guias aborígenes e a sua cachorra de estimação, Mimosa. Foi uma grande façanha esta viagem do naturalista inglês comendo carne-se-sol, galinha, pirão, sorvendo cachaça, água de cacimba, banhando-se nos rios, lagoas, dormindo ao relento debaixo das carnaúbas, ouvindo estórias de jaguares e o canto da acauã ao quebrar da barra. Traçando o perfil do sertanejo nas suas vertentes psicológica e antropológica, o gênio de Henry Koster deixou importante contribuição para a História Brasileira. Retratou, como ninguém, o bravo homem sertanejo, a sua fauna, flora, alimentação e religiosidade como se pode observar no seguinte texto:

O sertanejo tem com ele a mulher e os filhos, vivendo em paz. As casas são pequenas, porém construídas com barro e algumas residências cobertas com telhas ou palha de carnaúba. Adoram dormir na rede, são generosos, ciumentos, vingativos e hospitaleiros. Primam pela higiene, pois mesmo das altas às baixas classes sociais, usam bacia de prata, ou de barro e mesmo uma cuia, com toalha de cambraia franjada ou pedaço de algodão feito no país, para lavar as mãos antes e depois das refeições. O vestuário do homem é reduzido às calças e uma camisa. As mulheres vestem saia e camisa, sem meias e quase sempre sem sandálias. Quando saem de casa, o que raramente acontece, adicionam um manto branco, de tecido grosseiro, da terra ou vindo da Europa, e o sacodem sobre a cabeça e espáduas. Só usam sapatos nas festividades. O

homem prima por um bom cavalo. As crianças andam despidas até certa idade.

Outro traço feminino observado por Koster é a sua total submissão ao marido, sendo proibida de participar das conversas na sala de visitas. O roubo era pouco conhecido. Na medicina popular, usavam ervas. As pessoas que tomavam conta do gado e viviam nesses domínios eram chamados de vaqueiros, denominação que ainda permanece entre os sertanejos. O seu tipo étnico provém do contato do homem branco colonizador com o gentio, durante a penetração do gado nos sertões do Nordeste. A predominância de sangue índio acentua-lhe o espírito aventureiro e o sentimento de liberdade de ação. Henry Koster traçou-lhe o seu perfil:

É a figura comum do sertanejo em viagem. Montava um pequeno cavalo com cauda e crinas compridas. A sela era um tanto elevada adiante e atrás. Os estribos eram de ferro ferrugento e os freios, da mesma forma. As rédeas eram duas correias estreitas e longas. Sua roupa consistia em grandes calções ou polainas de couro taninado, mas não preparado, de cor suja de ferrugem, amarrados na cinta e por baixo víamos as ceroulas de algodão onde o couro não protegia. Sobre o peito havia uma pele de cabrito, ligada para detrás com quatro tiras, e uma jaqueta, também feita de couro, a qual é geralmente atirada num dos ombros. Seu chapéu, de couro, tinha a forma muita baixa e com as abas curtas. Tinha calçados os chinelos da mesma cor e as esporas de ferro eram sustidas nos seus pés nus por umas correias que prendiam os chinelos e as esporas. Na mão direita empunhava um longo chicote e, ao lado, uma espada, metida num boldrié que lhe descia da espádua. No cinto, uma faca, e um cachimbo curto e sujo na boca. O clima é bom. Flora castigada pelas intempéries e pelo solo arenoso. Cactáceas, bromeliáceas, velosiáceas, toda a gama da angustiante vegetação xerófila.

Porco do mato, caititu, ema, tapir, tatu e cascavel, eis algumas espécies de sua fauna bravia. As febres não são comuns mas existem. A hidropsia foi encontrada em várias populações, as úlceras nas pernas são raridades. As moléstias venéreas atacam os indivíduos e deixam cicatrizes irreparáveis. A sífilis é muito temida pelo sertanejo, ocorre a tísica e a coqueluche é rara.

O naturalista dormiu várias vezes ao ar livre e jamais contraiu doença. Henry Koster se queixou muito do sol escaldante deixando-o exausto em sua peregrinação pelos caminhos ensolarados dos sertões.

Registrando os hábitos alimentares dos sertanejos, observou que gostavam de carnes, especialmente de boi e galinha, em seu diário rico de anotações, dizia ele:

“As verduras são raras. Há abundância de frutas selvagens como a melancia e a banana. Outra iguaria apreciada pelo homem do sertão, é o doce”.

Henry Koster foi de fato onipresente nos círculos etnológicos, antropológicos e históricos do Brasil, quer por seu valioso diário de viagem, quer por sua personalidade aventureira.

Getúlio Araújo é médico e escritor.
Autor do livro *De Paris a São Saruê* (crônicas).
Goiânia, 18 de agosto de 2002

MIHAI EMINESCU NO BRASIL*

Ático Vilas-Boas da Mota
Sócio Emérito do IHGG

A primeira vez que ouvi o nome de Mihai Eminescu (1850-1889) foi em 1951, no Salão de Conferências do Pensionato do Padre Camilo Torrend no Corredor da Vitória, em Salvador, Bahia. Eu cursava então o último ano clássico no Colégio Estadual da Bahia e o Padre Torrend – jesuíta e botânico ilustre – havia convidado o orador lusitano Padre José Pereira para uma série de palestras religiosas. Inflamado, esgrimista da palavra, aquele pregador exaltava a figura de Nossa Senhora, recorrendo a Mihai Eminescu em seu famoso poema *Prece* (“*Rugăciunea*”), de esplendorosa e acariciante concisão:

*“Rezemos à piedade
Da Estrela do mar alto:
Vaga assoladora
Eleva-nos e salva-nos,
Teu adorado olhar
Inclina para nós,
O’ Mãe Imaculada
E Sempiterna Virgem Maria!”(1)*

A partir de então, procurei interessar-me pela vida e obra do autor. Para isso, entrei em contato com o Professor Victor Buescu, leitor de língua e civilização romenas da Faculdade de Letras (Uni-

versidade de Lisboa) que, por via postal, passou a ser o meu conselheiro em matéria de língua romena. Numa de suas preciosas remessas de livros, incluiu a obra *Poesias*, por ele maravilhosamente traduzida com a colaboração do poeta modernista português Carlos Queiroz, naquela época já falecido. Excelente tradução que passou à condição do meu livro de cabeceira no que se refere à seara poética eminesquiana. Livro de homenagem, pois havia sido traduzido e publicado anos antes, por ocasião do cinquentenário da morte do grande vate romeno.

Quem, no Brasil, se encarregou de publicar o primeiro texto de Eminescu, foi o renomado filólogo e mestre Antenor Nascentes (1886-1972), em seu livro *Elementos de Filologia Românica* (1954) para iniciantes da fascinante disciplina inaugurada, entre outros, pelo romanista Meyer Lübke. Trata-se de uma transcrição, na íntegra, do poema, bastante sugestivo, intitulado “*° Pi dacã ramuri*” (2):

“Și dacã ramuri bat în geam

Și se cutremur plopilor,

E ca în minte să te am

Și-ncet să te apropiu...

Și dacã stele bat în lac

Adâncu-i luminându-i

E ca durerea mea s'o'mpac

Înseninându-mi gândul.

Și dacã norii deșii se duc

De ieșe-n luciul luna

E ca aminte să-mi aduc

De tine'ntotdeauna”. (3)

Posteriormente o Prof. Antenor Nascentes visitou a Romênia e manteve correspondência cordial com filólogos e lingüistas, destacando-se, dentre eles, Iorgu Iordan e Alexandru Rosetti. Tornou-se portanto, um amigo da cultura romena.

Em suas aulas e em seus artigos sobre a cultura romena, também, o saudoso professor cearense Oswaldo Pinheiro Reis, radicado no Paraná, ex-irmão marista, professor de Filologia Românica da Universidade Federal do Paraná, procurou chamar a atenção de alunos e leitores para a vida e a obra do poeta nacional romeno.

A colônia de romenos no Rio de Janeiro representada por imigrantes e refugiados políticos, isto é, representantes da diáspora romena, sempre se mostrou muito atenta no que se refere à preservação dos valores perenes do país. Dentre eles, destaca-se a escritora Alexandra Hortopan, conferencista, prosadora, animadora cultural. Quando a Casa Romena do Rio de Janeiro atingiu o seu apogeu, graças à uma série de atividades na década de 1950, a então jovem Alexandra Hortopan participava dos saraus e tertúlias daquela entidade, cantando romanças e canções eminescuianas acompanhadas por Fausto Brãdescu (1914-2000) ao violão. Também ali proferiu uma interessante palestra sob o título *Mihai Eminescu, poeta do sofrimento*, posteriormente incluída em seu opúsculo *Ambiente e alma do povo romeno*. (4)

A professora Angela Comnéne - atualmente no Canadá - quando lecionava na então Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro) - ao lado do professor I. G. Dimitriu - o Primeiro Curso de Língua e Civilização Romenas, como ressonância do cinquentenário de Eminescu fez com que se inaugurasse, com o apoio do prof. Pedro Calmon, Reitor da Universidade do Brasil, um medalhão de Mihai Eminescu, na Galeria de Próceres Universais do Palácio da Reitoria, na Avenida Pasteur, 250, Praia Vermelha, Rio de Janeiro. Os convites para aquela inauguração ostentavam a efigie de Eminescu, executada pelo escultor brasileiro Alcides Naval, acompanhada da 1ª estrofe da *Glosa*:

*“Tempo passa, tempo vem,
Tudo é velho e novo é tudo;
Sobre o mal e sobre o bem
Interroga-te e medita,
Nada esperes, nem receies,
Como as ondas, passa a onda,*

*Se te incitam, se te chamam
Insensível fica a tudo”.*

Aquele medalhão, como já vimos, obra de um artista brasileiro renomado, fora encomendado pelo simpático casal romeno engenheiro Raymond Alexis Comnéne e professora Angela Comnéne. À solenidade de inauguração do medalhão - ocorrida em 1959 - compareceram professores e alunos da Universidade do Brasil, personalidades do corpo diplomático brasileiro e estrangeiro, bem como diversos membros da colônia romena. O Professor Pedro Calmon - excelente orador - presidiu o ato e teceu um expressivo comentário sobre a vida e a obra de Mihai Eminescu - vetor máximo da romenidade - e as vicissitudes históricas vividas pela Romênia ao longo de sua existência.

Uma divulgação - paciente e ininterrupta - da cultura romena no Brasil foi levada a efeito pelo maior divulgador da Romênia entre nós, ou seja, o escritor e jornalista Nelson Vainer (1910-1997) e, entre os valores por ele apregoados, encontram-se a vida e a obra de Mihai Eminescu por ele traduzida. Ação meritória deve-se também à saudosa ensaísta, tradutora e médica romena Júlia Carâp, recentemente falecida, que conseguiu divulgar a cultura de seu país no Brasil, graças ao exercício da tradução e da elaboração de um manual *Romeno para principiantes* (6), Contudo, Eminescu foi por ela apresentado ao público de língua portuguesa graças à publicação de *Páginas da Lírica romena, traduções*, na qual inseriu as seguintes poesias eminesquianas: 1. *Longe estou de ti*; 2. *Dentre centenas de naus*; 3. *Por mais estrelas*; 4. *Da noite*; 5. *Foram-se os anos*; 6. *Ode* (fragmento); 7. *Passaram anos*; 8. *Epistola I*; 9. *Epistola III*; 10. *Desejo*; 11. *Prece*; 12. *O lago*; 13. *Ainda tenho um desejo*; 14. *Estrela*, num total ilustrativo, como se pode ver, de 14 poemas bem selecionados.

A escritora Stella Leonardos homenageou Mihai Eminescu com uma poesia inserida na obra *Privind Chipul României* (Olhando o rosto da Romênia), antologia de lírica universal sobre a Romênia (1974), elaborada por Dem Popescu. Importante a participação da autora nessa antologia que agrupou grandes nomes das diversas literaturas estrangeiras. Sua contribuição intitula-se: *Odã lui*

Eminescu (Ode a Eminescu) e a tradução apareceu primeiramente no *Contemporarul*, 28 de dezembro de 1973, n.º 1.

Em seu belo *Cancioneiro romeno* (1972), utilizou vários epígrafes eminesquianas no texto, as quais funcionaram como verdadeiras *glosas* ou *motes*, por exemplo:

*Sopra o vento, as folhas contam, “... de tantos navios”,
no verão eu escuto a doina correndo a nascente..., tempo passa,
tempo vem; passam bandos de andorinhas; forte ressoa a toaca,
Um céu de estrelas em baixo; em cima outro céu de estrelas. E
Hyperion feito um relâmpago errando, incessante, entre ambos,
...quase compondo um salmo... Sopra o vento sobre as tílias.*

Apresenta também notícia bibliográfica de Eminescu, ressaltando: “Dele diz o grego Antónis Mistakídis que foi a mente mais autoctone e universal da Romênia, o que o mundo inteiro concorda”.

Nelson Vainer (1910 - 1997) no posfácio de sua *Antologia da poesia romena*, Editora Jornal das Moças (1965), anunciava uma coleção de poesias romenas, em três volumes, que ele teve a felicidade de publicar. Nesta coleção, encontra-se o maior número de poemas de Mihai Eminescu até então publicados no Brasil, num total de 20 (vinte) poesias, sendo o prefácio, bastante lúcido, assinado por J. D. Balan que informou aos leitores da língua portuguesa: “Dotado de gênio, Eminescu abordou em sua curta e trágica existência uma série de temas poéticos da poesia romena que ele, infelizmente, não tivera tempo para desenvolver”. Lembro aqui, por exemplo, que ele antecipou com clarividência surpreendente a poesia dos espaços cósmicos, descrevendo em versos magistrais, o caminho de Hyperion com uma segurança única, confirmada pelas recentes impressões dos cosmonautas.

Luciano Maia, atual cônsul honorário da Romênia no Ceará, romanista e tradutor de primeira classe, tem sido também um excelente divulgador, nos últimos anos, da cultura romena entre nós. Admirador da obra eminesquiana, traduziu para o português o celebre poema *A Estrela dalva* (*Luceafarul*) (7). Segundo a ótica de

Luciano Maia, Mihai Eminescu é “o gênio tutelar da literatura romena”, aquele “que se projeta como um luzeiro cósmico sobre as vastidões de inumeráveis territórios literários (presente, passados ou futuros)” (8).

Dando prosseguimento à sua missão de aproximar a literatura romena do público brasileiro, o poeta Luciano Maia tentou, com renovado sucesso, transpor os versos eminesquianos para o português e, sob a forma de contraponto, incluiu em seu livro outro grande poeta da modernidade romena. O livro intitula-se: *Mihai Eminescu & Lucian Blaga, dois poetas do espaço miorítico*. UFC Edições, Fortaleza, 1998. De Eminescu ele disse no prefácio desta obra: “O mar não é para Eminescu uma ocasião de perda no infinito ou um símbolo da dinâmica procelosa, mas símbolo da ondulação, do balanceio, um símbolo de um certo melancólico sentimento do destino, ritmado internamente com uma alternância de subidas e descidas”. (p. 10), enquanto de Lucian Blaga, prefere arrematar: “As indagações de Blaga contemplam somente a essência misteriosa das coisas. Assim, em lugar de respostas, na acepção corrente, surpreendemos apenas dubitativos pressentimentos ou comunicações secretas com a natureza, ouvidas somente pelo poeta” (p. 11)

Uma curiosidade: na cidade sertaneja baiana de Macaúbas, Chapada Diamantina Meridional, implantei, no ano de 1973, a Fundação Cultural Professora Mota - em homenagem à figura do Professor José Batista da Mota, personalidade que dedicou sua vida à educação de várias turmas de alunos, aplicando o “método do amor”. Essa Fundação escolheu como seu inspirador universal - Miguel Eminescu - cuja efígie acha-se dependurada na Sala da Presidência daquela instituição e, há alguns anos passados realizou, entre os jovens da localidade, um Concurso de Recitação Poética baseado no poemário eminesquiano, do qual saíram vitoriosos os jovens estudantes José Carlos Almeida do Rêgo (1^a lugar) e Elaine Moraes (2^o lugar). Registre-se, também: quando da visita oficial de Sua Excelência o Senhor Embaixador Marin Ilescu à cidade de Macaúbas, no ano de 1996, inclui-se no respectivo programa oficial a recitação do poema *Glosa* de Eminescu, pelo estudante Alécio Brandão, em português e romeno, sendo muito aplaudido.

Em 2000 foi realizado, por iniciativa do editor e escritor Victor Alegria, presidente do Instituto Brasil-Romênia (Brasília, DF) - a *Primavera Romena* - uma memorável viagem de turismo cultural, justamente no ano em que se comemorava os 150 anos de nascimento de Mihai Eminescu. Além do número especial de uma revista alusiva à excursão, lançou o periódico *Diálogo Brasil-Romênia*, janeiro - março 2000. Ambas divulgaram as homenagens de Eminescu prestadas na Romênia e no Brasil. Nós tivemos a honra de assinar um artigo intitulado: *Mihai Eminescu no Brasil*, no qual procuramos registrar o maior número possível de informações sobre o poeta nacional romeno e sua presença em nosso país.

Há alguns anos, houve boa repercussão, no Brasil, o fato de a UNESCO haver incluído a obra de Mihai Eminescu na Coleção de Clássicos Universais. Contudo, acredito que a obra de Eminescu deverá conseguir um espaço maior no seio das nações da latinidade, principalmente no Brasil. Para isto, aqui deixo registrada a minha sugestão às autoridades romenas: a implantação, em alguma universidade da Romênia, de uma cadeira que poderia denominar-se *Cadeira Mihai Eminescu*, a exemplo de outros países que já valorizam os seus grandes escritores, com a criação de cátedras que receberam, entre outras, as denominações de Cervantes, Goethe, Camões, Shakespeare, Dante Alighieri ou lhe reservaram simpósios ou congressos sobre a vida e a obra dos respectivos escritores. Acredito que tal gesto seria o meio mais eficiente para se perpetuar a memória daquele que é, sem sombra de dúvida, o maior poeta romeno e um dos mais altos expoentes da poética universal.

Notas:

- (1) Mihai Eminescu, *Poesias*, seleção, tradução, prefácio e notas de Victor Buescu, colaboração de Carlos Queiroz, com um ensaio de Mircea Eliade - Lisboa: Editorial Fernandes, 1950 (Coleção bilingüe), p. 229.
- (2) Antenor Nascentes, *Elementos de filologia românica*, Rio de Janeiro: Organização Simões (Coleção Padre Nóbrega, IV).

(3) Eis aqui a tradução de Victor Buescu e Carlos Queiroz:

*“Se os ramos batem na vidraça
E os choupos estremecem,
É para que eu te idealize
Chegando devagar.*

*E se as estrelas sobre o lago
O seu fundo iluminam,
É para que eu não sofra tanto
E serene o meu espírito*

*E se, vencendo as nuvens densas,
A lua resplandece,
É para que eu de ti me lembre,
Amor eternamente”.*

(Mihai Eminescu, op. cit., p. 183)

(4) Alexandra Hortopan, *Ambiente e alma do povo romeno*, Rio de Janeiro; ed. da autora, 1948, p. 56.

(5) Mihai Eminescu, op. cit., p. 185.

(6) Júlia Carâp, *Romeno para principiantes*, Niterói (RJ): Muiraquitã Edições Limitada, 1996.

(7) A 1ª edição é da Fundação Cearense de Arte e Cultura - CEARTE. A 2ª edição saiu em 1994, pela Editora Giordano, São Paulo. Posteriormente, uma tradução foi incluída no livro *Dois poetas do espaço miorítico*, que inaugurou a Coleção Mãiastra (1998).

(8) Luciano Maia, Sesqüicentenário de M. Eminescu, em *O Povo*, Fortaleza, Ceará, 23 de janeiro de 2000.

HISTÓRIA ORAL

*Profa. Gilka Vasconcelos Ferreira de Salles**
Cadeira 17 do IHGG

INTRODUÇÃO

A História Oral se aplica ao estudo de um passado recente ao entrevistador e ao entrevistado. Seria uma memorização sistemática, se possível, em torno de uma determinada ocorrência, cujo interesse e abrangência mereceriam ser preservados para reflexão e memória para gerações posteriores. Obtém-se a possibilidade de captar o pensamento ainda em elaboração e consegue-se certa espontaneidade, chegando-se com menor censura ao ato da exposição. Pode-se dizer, que a apresentação, numa História Oral surge quase em forma de improviso. Também, conseguem-se indagações referentes a uma determinada conjuntura, uma história de vida cujos detalhes poderiam enriquecer o conhecimento ligado aos documentos escritos, mas não registrados pelos historiadores tradicionais. Aplicar-se-ia ao estudo da mentalidade de determinada época, à ideologia ou ao cotidiano de um período. Seriam revividos, dentro de um painel mais amplo, fatos, experiências, emoções, conflitos, noções de valores, tradições, rupturas ou as continuidades que compõem a trajetória histórica.

Podemos expor, valendo-nos de Verena Alberti, que História Oral seria um método de pesquisa pluridisciplinar, aplicada a um

* Doutora em História pela USP. Mestre em História pela UFG.

período recente da história, tendo em vista ocorrências ligadas a um projeto delineado de pesquisa. Seria, portanto, ora um método de investigação científica, ora fonte de pesquisa ora técnica de produção e tratamento de depoimentos gravados (Alberti, 1989, p. 1).

Tratando-se de uma técnica auxiliar do conhecimento de uma realidade social, entrevistado e entrevistador deverão estar numa inter-relação mais ou menos espontânea e mais ou menos dirigida. Ao entrevistador, com objetivos determinados e específicos, caberia orientar e dirigir os depoimentos, de modo a extrair “um descortinar de painéis sociais, políticos, econômicos, afetivos ou culturais que compõem o universo de uma época”. (Bosi, 1987, p. 6). Seria apresentar uma visão subjetiva, e ao mesmo tempo objetiva de um determinado tema.

Entretanto, a memória é um ponto de vista, uma versão dos acontecimentos. Lapsos, distrações, erros podem acontecer, cabendo ao historiador atento, retemperá-los, cotejá-los, levando em conta as contingências e emoções do presente. A memória surge, como força subjetiva, ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora, portanto, impregnada de subjetividade. (Halbwach, 1990, *passim*). É a totalidade de nossa experiência adquirida.

Aplicando à questão da memória, a influência exercida pelo meio social, Maurice Halbwach em “Memória Coletiva”, num dos trechos citado acima, não estuda a memória pessoal, mas a influência exercida pelo meio social. A maior parte de nossas lembranças nos vem quando nossos pais, nossos amigos, e que outros homens nô-las provocam. Segundo o autor citado, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado como tal. Há, pois, certa dificuldade de rever o passado, tal como existiu. É uma impossibilidade de toda pessoa que lembra. Esse impedimento ocorre também para o historiador. Resta, portanto, a ambos, ao depoente e ao historiador, o reconstruir, no que lhe for possível, a fisionomia dos acontecimentos. (Bosi, *op.cit.*, p. 17).

Dentro do que foi exposto, a história oral bem como os

documentos escritos dependem dos condicionamentos do presente em relação à percepção de uma realidade do passado. Toda a verdade deles extraída padece de uma relatividade subjetiva. É, pois, apropriado dizer que não existe um conhecimento perfeito do passado. Seria, este conhecimento uma aproximação possível, dentro dos condicionamentos do presente.

Historiografia da História Oral

Vejam, agora, como surgem os primeiros passos da História Oral. Lembremo-nos do belga Jan Vansina, um estudioso que revolucionou a percepção do testemunho oral, ao publicar dois trabalhos: "De la tradition orale" e "Once upon a time: oral traditions as history in Africa," 1971. Este último, com mais de 400 páginas registra o testemunho oral de uma geração para a seguinte ou mais. De certa forma, este autor tenta se opor ao preconceito existente em certa época de que os povos que não possuíam escrita, não tinham história. Hoje, a História Oral torna evidente o valor destas memórias orais, como únicos documentos de uma cultura voltada para a reposição de um passado via história contada pelos elementos mais experientes de tribos primitivas, seja da África, das Américas ou de outras partes do mundo habitado, não condicionados à escrita. Todo conhecimento adquirido pelos povos primitivos, em sua maior parte, era transmitido, via expressão oral, pela ação de aprender ouvindo, fazendo, imitando e, talvez, acrescentando algo ao saber adquirido, num lance intuitivo.

Homero, poeta épico da Grécia no século IX A.C., considerado o autor da *Ilíada* e da *Odisséia*, é representado como velho e cego, andando de cidade em cidade a recitar os versos elaborados por sua prodigiosa mente, sobre as façanhas de gregos e troianos. Há uma versão, por alguns aceita de que seus poemas eram o resumo dos cantos mais populares dos antigos aedos e rapsodos, transmitidos oralmente de geração em geração.

Ainda, na antigüidade clássica da Grécia, são registrados os passos de Heródoto (480-425 AC), reconstituindo as suas narrações, tendo em conta os depoimentos de seus contemporâneos, ou mesmo

de remanescentes longevos de outras gerações que presenciaram ocorrências que mereciam ser preservadas, e das lendas dos povos em cujos países viajou.

Tucidites (460-395 AC), embora tenha combatido na Guerra do Peloponeso, não desdenhou os depoimentos daqueles que também participaram das refregas, a fim de reconstruir a sua História.

Na Idade Média, os bardos que perambulavam de castelo em castelo com sua lira em punho, ao cantarem os poemas épicos, também, ao seu modo, transmitiam conhecimentos orais sobre um feito heróico, digno de ser preservado pela memória de um povo.

No período renascentista, há uma versão atribuída a Francis Bacon (1561- 1626). Ao ser aprisionado na Torre de Londres, pretendia, o renomado filósofo e pensador, um dos divulgadores do método indutivo, aproveitar o lazer forçado para escrever uma História da Inglaterra. No período de sua prisão, ocorreu um motim no cárcere. De sua janela, no alto da Torre, presenciou o acontecimento, conseguindo memorizá-lo do ângulo de sua visibilidade. Qual não foi a sua surpresa, quando, ao indagar de seu carcereiro, como havia ocorrido o motim, verificou uma versão completamente diferente daquela em que havia presenciado. Obteve, depois, um terceiro depoimento que em nada coincidia com o seu e o do carcereiro. Diante disso abandonou a sua pretendida História da Inglaterra. Ocorre que Bacon não era um historiador de formação acadêmica. Não o havia na época. Todos eram autodidatas. Se tivesse formação adequada, iria fundo em suas investigações. Cotejaria os depoimentos orais, iria às fontes oficiais, examinaria o local, e só depois de todos esses passos, teria condições de compreender a versão exata do motim. Estaria, então, fazendo uma história objetiva, enriquecendo-a com visões subjetivas. Com a mesma técnica e o mesmo método, utilizaria os dados necessários para a sua pretendida História da Inglaterra, ou qualquer outro tema que pretendesse discorrer.

No século XIX, a influência do positivismo comtiano contribuiu para negligenciar-se o depoimento oral como fonte

historiográfica. Só o documento escrito e de origem comprovada poderia ter juízo correto na reconstrução da realidade histórica. Somente a prova documental escrita representaria a validade aceita, embora tenha havido historiadores como Jules Michelet em sua "História da Revolução Francesa" e alguns outros que tivessem usado em abundância, os depoimentos da época. (Thompson, P. 1992, p. 45)

No século XX, entretanto, os depoimentos voltaram a ser revalidados. Talvez em razão dos episódios das guerras e revoluções do começo do século. Grandes personalidades que tomaram parte nos episódios, através de discursos e palestra, conferências, biografias, tornaram-se documentos vivos de uma época truculenta em crise. Lenin, Trotsky, Stalin, por exemplo, foram expressões significativas desses momentos. No mesmo sentido, Roosevelt, Churchill e De Gaulle seriam personalidades preciosas para deporem sobre o holocausto do período em que atuaram.

Segundo é relatado por Peter Burke, os primeiros historiadores a utilizarem o método de depoimentos orais em seus trabalhos, foram Sydney e Beatrice Webb, em sua obra monumental "A União Soviética, uma nova civilização". Esses estudiosos já estavam próximos aos 90 anos quando, entre a década de 20 e 30 do século XX empreenderam a elaboração do trabalho, publicado em 1938, em 4 volumes. Segue-se-lhe Paul Thompson, historiador preocupado com os problemas sociais de seu tempo. Em sua expressão, vemos o seguinte: "Toda história depende, finalmente, de seu propósito social e a história oral é a que melhor reconstrói as trivialidades das pessoas comuns". Com o mesmo pensamento, Thompson escreve "A formação da Classe Operária Inglesa," 1987, "A voz do passado e História Oral," 1992. São trabalhos cuja preocupação é mostrar, através da fala de interlocutores, o que se pensava na sociedade de sua época.

Mas, o que vai contribuir para a confirmação do método de História Oral é o advento do gravador e da fita magnética, no final dos anos 60 (Alberti, op.cit. p. 2). É quando a História Oral, como técnica de recurso documental vem a se firmar. A fita magnética pode congelar o depoimento, permitindo sua avaliação posterior. É aqui que chegamos a verificar a diferença entre os relatos colhidos

ao modo tradicional, de validade duvidosa pela impossibilidade de novas averiguações do mesmo tema, e a História Oral da atualidade.

A difusão da História Oral data de 1970, a partir da Europa originalmente na Alemanha e nos Estados Unidos. Na Europa, privilegia-se a investigação científica, através de projetos elaborados. Nos Estados Unidos, elaboram-se bancos de dados de depoimentos orais, sem vínculo com projetos de pesquisas (Alberti, p.2).

No Brasil, os trabalhos organizados datam de 1975, através do Centro de Pesquisa Documental (CPDOC). Privilegiaram-se a História social e os depoimentos das elites intelectuais e políticas.

Em 1977, o jornalista Lourenço Dantas Mota coordenou e apresentou ao diretor de "O Estado de São Paulo" Dr. Júlio de Mesquita Neto um projeto em que seriam entrevistados, com a metodologia da História Oral, entrevistas com os principais expoentes de nossa cultura literária, política e ideológica, a fim de que ficassem registradas suas experiências no decorrer de seus trabalhos. Foi logo aprovado pelo diretor do Jornal e o resultado foi uma nova interpretação da história recente do Brasil e a opinião de seus autores com as experiências vividas entre os políticos de após a Segunda grande guerra. Resultaram três volumes intitulados "A história vivida", de 1934 a 1964, publicados pelo "O Estado de São Paulo", algo extraordinário ligado à opinião subjetiva dos interlocutores e a objetividade já apresentada através dos livros de historiadores tradicionais. Já em Segunda edição, é um monumento em História Oral que Lourenço Dantas Mota apresenta aos historiadores do futuro, na forma de entrevistas previamente estabelecidas.

A Universidade de São Paulo elaborou vários programas de História Oral, no período do centenário da Abolição da Escravatura no Brasil. Forram investigados as falas dos netos e bisnetos de escravos, como amostras do pensamento daqueles trabalhadores, ao transmitirem os seus sentimentos aos pósteros.

Em Goiás, tivemos o primeiro curso de História Oral, no começo da década de 70, com Oksana Borusvenko, da Universidade do Paraná. Veio a professora de um curso de História Oral realizado na Alemanha Ocidental. A partir desse período, são realizadas

algumas dissertações de mestrado, com a técnica de entrevistas programadas, como a de Jan Magalinski, intitulada "Os deslocados de guerra", 1978, publicado pela Editora da Universidade Federal de Goiás. Surgem outros: Maria Helena de Brito, em "A colônia de Uvã", 1982.

Sob nossa orientação, tivemos: Heloisa Selma Capel de Ataides, em "Flores de Goiás, as transformações da estrutura agrária", 1990; de Mario Aldighieri, "Josimo, uma vida no conflito social do Bico do Papagaio", 1991; de Liliane Lemus Sepúlveda Pereira, "Os conflitos de terra na região do Bico do Papagaio, Tocantins, na década de 1980", 1991; de Giuseppe Bertazzo, "Imigração italiana em Goiás, a cidade de Nova Veneza", 1992; de Antônio Luiz, "O assentamento na Fazenda São Carlos, 1992; de Maria Auxiliadora Echegaray, "A inovação tecnológica na zona rural de Goiás, estudo em dez municípios", 1995. Esses trabalhos citados, embora tenham sua base numa estrutura historiográfica tradicional, foram enriquecidos com depoimentos orais de interlocutores que tiveram participação ativa ou indireta nos temas estudados. Podemos afirmar que a História Oral possibilitou, de forma subjetiva, adequar objetivamente, os temas mais empolgantes da atualidade histórica em Goiás.

ALGUNS ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA HISTÓRIA ORAL

- 1 - Um diálogo entre entrevistado e entrevistador, registrado em fita magnética;
- 2 - O tema deve se vincular a um projeto de pesquisa;
- 3 - Os entrevistados devem ser pessoas que pela posição ocupada na sociedade, tomaram parte ativa em ocorrências que mereçam ser preservadas;
- 4 - Conhecimento prévio do objeto de estudo;
- 5 - Escolha dos tipos de entrevistas - se temáticas ou história de vida;
- 6 - Organização de equipamentos de gravação e reprodução de fitas magnéticas e transmissão adequada.

Bibliografia Consultada

- 1 - Alberti, Verena. *História Oral, a experiência do CODOC*. Rio de Janeiro, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. 1989.
- 2 - Bosi, Eclea. *Memória e Sociedade. Lembrança de Velhos*. São Paulo, Editora da USP, 1987.
- 3 - Braudel, Fernand. *História e Ciências Sociais*. Trad. Carlos Braga e Ignácia Canelas. Lisboa, Editorial Presença, 1972.
- 4 - Burke, Peter. (org); *A escrita da História. Novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- 5 - HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo, Vertice, 1990,
- 6 - Mota, Lourenço Dantas (coordenador) *História vivida*. São Paulo, O Estado de São Paulo, 1981.
- 7 - Thompson, Paul. *A voz do passado. História Oral*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992

HISTÓRICO DA IGREJA MATRIZ DE ITABERAÍ

*Antônio César Caldas Pinheiro**
Cadeira 41 do IHGG

I - O orago, Nossa Senhora da Abadia

Desde pequeno, em minha terra, Itaberaí, paroquiano da Matriz de Nossa Senhora D'Abadia, indagava os mais velhos sobre a "história" dessa devoção, a origem desse título dado a Maria Santíssima, o porquê de ser uma devoção mais circunscrita ao Estado de Goiás e Triângulo Mineiro¹ e o que sabiam a respeito da construção de nossa igreja Matriz. Nada sabiam me dizer. Curioso, fui coletando os parcos dados que conseguia juntar. Em 1998, quando trabalhávamos no "Projeto Resgate da Documentação da Capitania de Goiás em Portugal", projeto do Ministério da Cultura em parceria com a Sociedade Goiana de Cultura, tivemos a oportunidade de visitar a igreja de Nossa senhora da Abadia, em Bouro, pertencente à Vila de Amares, distrito de Braga. Em 1999, novamente ali estivemos em peregrinação, precisamente no dia 15 de agosto, quando para aquele santuário se dirigem milhares de romeiros. Já era conhecido do capelão, padre Acácio, do clero secular e muito culto, que ali pastoreava as almas, e a todos recebia com urbanidade e caridade cristã. Aquele bondoso padre, presenteou-me com o livro "Senhora D'Abadia - Monografia Histórico

* Sócio Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, Conselheiro do Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central, fundador da Academia Itaberina de Letras e Artes e sócio correspondente da Academia Catalana de Letras.

¹ Que, aliás, foi território goiano até 1816.

Descritiva", de autoria do cônego Arlindo Ribeiro da Cunha, que discorre sobre a origem do antigo eremitério e posterior abadia cisterciense e a origem da devoção a Nossa Senhora D'Abadia. Padre Acácio dizia-me da visita que ali fizera o brasileiro Monsenhor Primo Vieira², o qual coletava dados para a publicação de um livro sobre Nossa Senhora D'Abadia. Infelizmente Monsenhor Primo faleceu repentinamente em Lisboa em 1994, tendo sido o seu livro publicado postumamente em 2001 pela Academia da Senhora D'Abadia do Santuário de Água Suja.

O santuário português de Nossa Senhora D'Abadia, encontra-se em uma linda região. A igreja, encravada em um vale da serra do Gerez, possui amplo edifício aos lados de seu adro, onde os peregrinos passam a noite. Ao fundo de um desses edifícios corre o rio Nava que, descendo da serra de São Miguel, se precipita do rio Cávado. Não seria melhor o sítio para se render louvores à Mãe de Deus. Tudo convida à meditação. O verde da paisagem, as penedias, os morros, o Nava serpenteando por entre as pedras e o céu azulíneo daquele dia, gravaram-se-me na memória. Naquele santuário, que fala tão perto à alma dos goianos, participei da Santa Missa e roguei a Jesus abençoasse Goiás, nosso estremecido rincão. Dali, dirigi-me em peregrinação ao santuário de São Bentinho da Porta Aberta. Acompanhava uma família de portugueses que residiam na Alemanha e que depois de cumprirem seus votos na Abadia, dirigiam-se a São Bentinho para o cumprimento doutro tanto de votos. O santuário de São Bentinho fica a dezesseis quilômetros da Abadia. O caminho é absurdamente lindo, por entre vales e montanhas, florestas e córregos. E se vai sempre descendo, até se vislumbrar a igreja, centro de grande romaria, e também originária dos monges de cister que no século XII vieram evangelizar aquela região e edificaram o Mosteiro Real do Bouro, em substituição a um eremitério que existira no local da igreja da Senhora D'Abadia.

² Ex-professor da Universidade Católica de Goiás e da Universidade Federal de Goiás, ex-Vigário Geral da Arquidiocese de Goiânia. Era natural de Romaria, Minas Gerais, lugar da tradicional romaria de Nossa Senhora D'Abadia da Água Suja, e sobrinho do antigo vigário do lugar, seu quase homônimo, padre Primo Maria Vieira, autor de uma monografia sobre a paróquia de Água Suja, publicada em 1921.



(Imagem de N. S. D'Abadia, venerada na Abadia - Bouro - Portugal)

Quanto a imagem da virgem ali venerada, é gótica e sensivelmente distinta das que temos nos altares de Goiás e Minas Gerais. Dela, o cônego Arlindo Cunha³, nos deixou excelente descrição:

De calcário policromado, é modesta no adorno, mas sublime na expressão. O manto de pregas sóbrias, mas bem lançados cobre a cabeça da Senhora e agasalha o Menino semi-nú da cintura para baixo. A túnica, de rugas misótrias ainda que as do manto, baixa até os pés e descobre o pescoço da Virgem, num decote talvez exagerado para o tempo. O braço esquerdo ampara o Menino, mutilado desde o ombro direito e que segura na mão esquerda uma pomba de asas abertas. Parecem desproporcionadamente grandes as mãos da Senhora, a direita das quais empunha o coto do pendúnculo duma flôr que seria talvez um lírio, símbolo da castidade.

O que, porém, mais impressiona é a expressão do rosto. Aquele ar modesto e enternecedor, o meigo sorriso de mãe absorta na contemplação do filho, a ternura do olhar e o volver de olhos para o bem amado Jesus, conferem à fisionomia da Mãe de Deus um aspecto encantador e prendem a atenção do visitante.

³Cunha, Cônego Arlindo Ribeiro da. *Senhora D'Abadia - Monografia Histórico Descritiva*. Barcelos: Ed. da confraria de Nossa senhora D'Abadia, Portugal, 1951, pág. 76.



(Anjos do suporte da imagem de Nossa Sra. D'Abadia do Bouro - Portugal)

Notamos que não possui, como as imagens aqui veneradas, a nuvem com os anjos⁴. A imagem de Portugal está no altar-mor, sobre um suporte no qual existem três anjos em meio corpo, de época bem posterior à imagem da virgem.

Mas em Goiás, no século XIX, o que a alma religiosa de nosso povo sabia sobre a origem da devoção à Senhora D'Abadia?

O naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire⁵, conta-nos que em 1819, estando no arraial do Bonfim, a atual Silvânia, assistiu a uma festa de Nossa Senhora D'Abadia. Perquerindo sobre a finalidade da celebração, disseram-lhe aqueles antigos que era para lembrar um milagre operado pela virgem em uma abadia (mosteiro) qualquer da França, fato que deixou admirado Saint-Hilaire, pois tal milagre e mesmo tal devoção eram inteiramente desconhecidos dos católicos franceses.

Não pudemos descobrir como surgiu esta versão da origem francesa da devoção à Senhora D'Abadia. Histórias que se contam, casos que se recriam e que de mistura à religiosidade do povo se revestem de outras roupagens. Surgem de um fato e logo se universalizam

⁴ Aventamos a hipótese de que a imaginária goiana e mineira da Senhora D'Abadia, tenha se inspirado na descrição de um lusitano do Norte, das terras de Braga, que lembrando-se da imagem do Bouro, cuja peanha descansa sobre um suporte com anjos, tenha inserido os anjos e a nuvem à própria imagem, o que foi reproduzido por nossos santeiros.

⁵ Saint-Hilaire, Auguste. *Viagem à província de Goiás*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: Ed. da USP, 1975, pág.105.

no cotidiano, confundindo-se lugares, datas, nomes etc.

Sem dúvida que o imaginário à época já engendrava e tecia histórias, procurando informar da origem dessa devoção. O certo, porém, é que a invocação à Mãe de Deus, sob o título de Nossa Senhora D'Abadia é, verdadeiramente, portuguesa, precisamente do Norte de Portugal, das terras do arcebispado de Braga, sede primacial da igreja lusitana.

Essa devoção portuguesa já foi alvo de estudos e nos leva ao ano de 883, quando em uma abadia próxima à Cidade de Braga, em Portugal, venerava-se uma imagem de Santa Maria do Bouro. Sendo a região invadida pelos sarracenos, os monges fugiram, escondendo a imagem em lugar de difícil acesso por entre as pedras de um vale próximo.



(Imagem de Nossa Sra. D'Abadia, de autoria do escultor goiano Veiga Vale, venerada em Itaberá - Goiás - Brasil)

Passados centenas de anos, no tempo do Conde D. Henrique, um fidalgo chamado Pelágio Amado, retirando-se para a ermida de São Miguel, passou a viver vida ascética, juntando-se a um ermitão que ali já habitava. Certa noite, avistando uma claridade vinda do centro do vale contíguo à ermida⁶, resolveram verificar o que ocasionava tal fenômeno. Grande foi pois o espanto desses homens quan-

⁶ O imaginário religioso, querendo explicar o surgimento de centros de peregrinação, amiúde repete histórias como essa. Na Idade Média, principalmente, os centros de peregrinação eram cercados de lendas e histórias que tencionavam mostrar a santidade dos lugares de romaria.

do encontraram a antiga imagem, aquela mesma que os monges há séculos haviam escondido e que por isso foi logo chamada de Senhora da Abadia. Por tão singular prodígio, se persuadiram da necessidade de se edificar no local, uma pequena capela. Mais tarde, havendo se espalhado a fama dos milagres ocorridos no lugar, o arcebispo de Braga mandou construir uma igreja de pedra lavrada, onde entronizaram a imagem⁷.



(Santuário de N.S. da Abadia - Abadia - Bouro, St. Maria - Amares - Portugal)

No século XVIII, quando Portugal e sua ganância lavavam o cascalho das aluviões à cata do ouro das "Minas dos Goyazes", a devoção à Nossa Senhora da Abadia aqui chegou, possivelmente por meio de um devoto bracarense. Espalhou-se a devoção pela Capitania que nessa época abrangia todo o Triângulo Mineiro. Várias capelas e igrejas surgiram sob esse orago, sobressaindo-se pelo grande número de romeiros e antigüidade da festa, as romarias do Muquém (cuja imagem existe no lugar desde 1748⁸), aqui em nosso

⁷ Cunha, op. cit. pág. 51.

⁸ Bertran, Paulo. *História de Niquelândia*. Brasília: Verano Editora, 3ª edição, 2002, pág. 222.

Estado, e a da Água Suja, hoje cidade de Romaria, em Minas Gerais, com início em 1870⁹.

II - As Primitivas Capelas de Itaberaí

Difícil é se fazer a separação entre a construção da primeira capela do Curralinho e o próprio surgimento do arraial.

Possivelmente em 1779 já estava levantada a primeira casa de oração, pois nesse ano Curralinho já aparece no mapa da Capitania de Goiás, assinalado à margem direita do Rio das Pedras¹⁰.

Não dispomos de informes para dar notícias de como era essa capela, mas a lógica, bem como a tradição, nos inclina a dizê-la simples e pequena, como costumavam ser as capelas provisórias, construídas naqueles tempos. Talvez possuísse paredes de pau-a-pique rebocadas, coberta primitivamente de folhas de coqueiro e posteriormente telhada.



(Igreja de N. S. D'Abadia de Curralinho - 1905)

⁹ Vieira, padre Primo Maria. *Monografia da Paróquia e Santuário Episcopal de Nossa Senhora d'Abadia de Água Suja*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1921, pág. 22.

¹⁰ Plano Geográfico da Capitania Geral de Goiás, mandado levantar pelo capitão general José de Almeida de Vasconcelos Soveral e Carvalho. Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central - Goiânia.

O seu construtor, nenhum documento até agora nos acudiu para que soubéssemos o nome. Cremos, conforme o relato do padre. Luís Antônio da Silva e Souza em 1812¹¹, ter sido ela levantada pelos agricultores da região, não cabendo a nenhum propriamente dito, a honra de edificá-la. Foi o espírito gregário e religioso de nosso povo o responsável por seu levantamento, pois distante de Goiás, cerca de 9 léguas (àquela época a estrada dava muitas voltas), os fazendeiros das adjacências precisavam de um lugar onde pudessem se reunir para rezar em conjunto e onde um padre pudesse fazer as desobrigas anuais.

Foi construída em local ermo, e naquela época, era praticamente a única construção que dominava o local onde é hoje a Praça da Matriz. Se não, nada justificaria a ordem do Vigário Visitador José Correia Leitão que assim se expressa no termo de visita que fez em 1784 aos arraiais do sul da Capitania:

(...) também ordeno que quanto antes faça demolir uma casa chamada de oração, que se acha no Distrito de Ouro Fino desta freguesia, no lugar chamado Curralinho. A casa serve mais de escândalo e profanação, que de oração e louvor de Deus, pelas indecências que nela se fazem, servindo muitas vezes de aposento a um e outro sexo que na dita casa se recolhem, talvez conduzidas a esse lugar por motivos e fins torpes e lascivos. (...) ¹²

Imagem de Nossa Sra. D'Abadia do Muquem - GO.



¹¹ Silva e Sousa, Luís Antônio da. *O descobrimento da capitania de Goyaz - governo, população e coisas mais notáveis*. Goiânia, UFG, 1967, pág. 52.

¹² Fonseca e Silva, José da Trindade. *Lugares e Pessoas - Subsídios eclesiásticos para a história de Goiás*. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1948, pág. 88.

Se não fosse uma ermida, se em sua volta já houvesse várias casas habitadas, certo é que ali as pessoas não iriam buscar abrigo seguro para cometer as ações que deram motivo à ordem para a sua destruição no longínquo ano de 1784.

Não dispomos de informações para saber se esta capela foi destruída, como mandava a ordem do Visitador. Se a ordem foi cumprida, os moradores, porém, logo trataram de reerguê-la, pois já em 1790, seguramente com licença da autoridade eclesiástica competente, encontra-se o primeiro termo de batismo realizado na capela do Curralinho. O mais antigo assento de batismo que localizamos, data de 31 de agosto de 1790:

Aos trinta e hum dias do mes de Agosto de mil e sete centos, e noventa, na Capella de Nossa Senhora da Abbadia do curralinho filial desta Matris de Santa Anna, baptisei solemnemente, e pus os santos Oleos a Anna innocente, que nasceo aos quinse de março proximo; filha natural de Rosa Mina, escrava de Antonio Martins de Figueiredo: forão padrinhos Isidoro Rodrigues de Figueiredo, e Clara de Almeida parda casada com Salvador Mariano Pinto, de que para constar fis este assento.

O Vig^a. João Antunes de Noronha¹³



Imagem de Nossa Sra. D'Abadia da Água Suja - Minas Gerais .

¹³ Livro de batizados de cativos da freguesia de Vila Boa 1777 - 1792, fl. 349. IPEH-BC.

Em 1792, talvez com a chegada de mais moradores, a festa de Nossa Senhora D'Abadia, na capela do Curralinho, já era celebrada com a concorrência de muitos fiéis. A festa era então realizada no mês de junho e atraía muitas pessoas das redondezas e ainda um maior número vindas da antiga Capital, estando entre estas vários homens grados na administração da Capitania.

No Museu das Bandeiras existe um documento, que, por muito longo e burocrático, não permite ser aqui transcrito. É um "Auto de Devassa", que o Juiz Ordinário, Capitão José Ribeiro da Fonseca mandou proceder sobre o desentendimento que resultou no ferimento de Francisco, crioulo, escravo de José Antônio Batista e de sua mulher Dona Ana Maria de Jesus Aguirre. A briga em que ficou ferido este escravo, ocorreu no dia 29 de junho de 1792, no adro da capela do Curralinho, que nesta época já figurava como Distrito de Vila Boa. Esta contenda atingiu proporções tais que Dona Ana Maria de Jesus Aguirre, sentindo-se ameaçada pelos contendores, recorreu á Rainha Dona Maria I de Portugal.

Essa capela, construída com melhores materiais, já possuía o seu interior dividido nos três chamados "andares", como se pode notar dos assentos de óbitos dos anos de 1812 a 1835: nave, arco-cruzeiro e presbitério.

Johann Emmanuel Pohl, naturalista e botânico austríaco, passando em 1817 por Curralinho, deixou-nos as suas impressões a respeito do arraial e sua capela. Descrevendo o povoado, em certo trecho diz:

(...) No meio da povoação, numa praça espaçosa, mas inteiramente coberta de ervas, fica a pequena igreja de barro de Nossa Senhora da Abadia, filial de Vila Boa. A aparência exterior é melhor que a interior, apesar de terem construído uma escada por fora para se penetrar no púlpito, dentro da igreja. (...)¹⁴

Essa capela deve ter passado por uma reforma entre 1819 e 1824, segundo se infere do testamento do capitão-mor Salvador

¹⁴ Pohl, Johann Emanuel. *Viagem ao Interior do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: Ed. da USP, 1976.

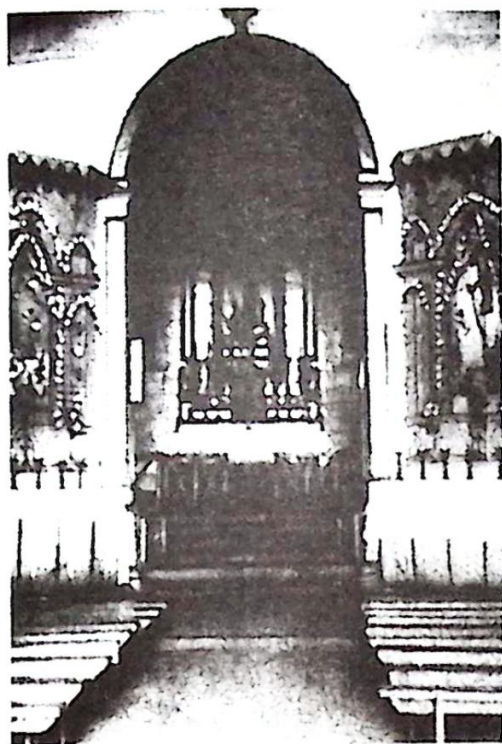
Pedroso de Campos, que deixou 64 oitavas de ouro (229, 504 g) para as suas obras¹⁵.

Melhores notícias, porém, nos deixou o Brigadeiro Raimundo José da Cunha Matos, no seu "Itinerário". No dia 14 de junho de 1823, estando em Curralinho, anota o seguinte:

(...) Tem uma capela de Nossa Senhora da Abadia com altar decente, bons ornamentos e a parede da igreja está coberta de retábulos e oferendas por milagres, que bem mereciam ser dali tirados. ¹⁶(...)

No dia 02 de agosto de 1823, vindo da Cidade de Goiás, o Brigadeiro fez parada no adro da capela, onde descansou:

(...) Seguindo a estrada do dia 14 de junho, cheguei ao Arraial do Curralinho às 8 horas e 40 minutos, e aí descansei no adro da igreja, junto à qual há mui belas e frondosas árvores. ¹⁷(...)



Antigos altares da igreja de Nossa Sra. D'Abadia de Itaberaí - GO

¹⁵ Testamento do capitão-mor Salvador Pedroso de Campos, Cartório de Família da Cidade de Goiás, 1823.

¹⁶ Cunha Matos, Raimundo José da. *Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão, pelas províncias de Minas Gerais e Goiaz*. Rio de Janeiro: Typ. Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e C^o, 1836.

¹⁷ Idem.

Em uma outra obra, a prestante Corografia Histórica da Província de Goiás, escrita em 1824, Cunha matos nos informa que na capela do Currallinho fazia-se grande festa no dia 8 de setembro¹⁸ e que essa capela possuía bons ornamentos, que era pobre, mas se conservava em bom reparo e tinha apenas um altar.

Durou essa segunda capela até o ano em que se começou a edificar a atual Matriz, como adiante veremos.

III - A Matriz Atual

Pela Provisão de 15 de janeiro de 1841, foi nomeado vigário colado da Paróquia de Nossa Senhora de Abadia do Currallinho, o padre Francisco Luiz Brandão, que no arraial já servira de coadjutor desde o ano de 1835. Como esta Provisão se referia ao artigo 6^a da Resolução n^a 5, que criara a Paróquia em data de 5 de dezembro de 1840, artigo em que se exigia ter a igreja paroquial as devidas proporções, o padre Francisco Luiz Brandão deu início a sua construção. O ano em que se iniciaram as obras não pudemos descobrir, mas certamente data de antes de agosto de 1853, quando faleceu o referido vigário. Contrariando Derval de Castro¹⁹ que diz ter sido a construção terminada em 1857, cremos que a Matriz ficou pronta bem antes, talvez em 1847. Ora, era exigência desde o ano de 1841 que a sede paroquial tivesse uma igreja com as proporções devidas a sua categoria. Não se pode portanto acreditar que tenha demorado 16 anos, ou seja, de 1841 a 1857 para se edificar este templo. Aliás, é sabido que o seu construtor foi o Pe. Francisco Brandão. Falecendo este, como ficou dito acima, em 1853, logicamente que sua construção concluiu-se antes.

Analisando-se a estrutura e os processos usados na sua edificação, aventamos a hipótese de ela ter sido levantada com uma certa pressa em atendimento ao artigo 6^a da Resolução supra citada. É singular a diferença no modo de sua construção e nos métodos

¹⁸ Festa da Assunção de Nossa Senhora.

¹⁹ Castro, Derval Alves de. *Annaes da Comarca do Rio das Pedras*. São Paulo: Casa Duprat, 1933, pág. 89.

empregados. A parede lateral direita da Matriz (da posição de adentrá-la) é de terra-socada, uma mistura de barro, cascalho e estrume, com largos esteios de madeira; já a do lado esquerdo, é de enormes adobes e na confecção destes nota-se a utilização de palha, em mistura com o barro, sendo que, além dos esteios, possui cintas de madeira ou travessões verticais.

Isso nos leva a crer que aproveitaram uma das paredes da antiga capela (e acreditamos ser a direita, de terra-socada), construindo a outra de adobe um pouco mais afastada, alargando-se com isso a nave.

Ainda mais, segundo a tradição e mesmo como escreveu Derval de Castro, muito contribuiu para sua construção o Alferes Guilherme Luiz Moreira, que foi pródigo em auxílios, prestando à igreja inestimáveis serviços. Mas isso antes de 14 de dezembro de 1857, quando faleceu o Alferes, deixando consignado em testamento uma Terça de sua herança para se comprar alfaias para a Matriz. E este dinheiro que montou em 1:767.870 \$ 000 rs (hum conto e setecentos e sessenta e sete mil, oitocentos e setenta réis), foi usado não na Matriz, mas na construção do antigo Cemitério São Miguel, construído pelo Vigário Luiz Antônio da Fonseca e benzido a 16 de fevereiro de 1863²⁰.

Mas, como os itaberinos mais antigos comentam que a primeira capela existiu onde hoje é a garagem da residência do Sr. Benedito Luís da Silva (Neném de Nhôca), vimos por bem esclarecer que realmente ali provisoriamente parece haver se instalado a capela, pelo motivo de se estar construindo a Matriz.

O certo é que no ano de 1856 a Matriz já estava pronta desde há alguns anos, tanto que já necessitava de alguns reparos. No relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial²¹, o Presidente da Província Dr. Antônio Augusto Pereira da Cunha, declara que a igreja do Curralinho foi socorrida com a quantia de duzentos mil réis.

Sem dúvida, portanto, a Matriz de nossa terra foi construída antes de 1853, passando posteriormente por muitas reformas, ten-

²⁰ Castro, op. cit. pág. 92.

²¹ *Memórias Goianas* n^o 7, Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central, Goiânia, ed. UCG, 1997.



(Igreja de N. S. D'Abadia de Itaberaí, após a reforma que lhe devolveu as características coloniais em 1993)

do a que se realizou em 1941 e as sucessivas, a descaracterizado totalmente.

Em 10 de novembro de 1870, a Tesouraria Provincial enviou ao Pe. Luís Antônio da Fonseca a quantia de 200.000 \$ 000 rs (duzentos mil réis), para se refazer o retábulo da igreja. Já no ano de 1888, no relatório da Câmara Municipal, em meio a muitos outros problemas pelos quais passava a recém instalada Vila do Curralinho, destacou-se a necessidade de se retelhar a Matriz, que além disso necessitava de grande asseio interna e externamente. No ano de 1890, o capitão Pedro Mendes Moreira e o coronel Belisário Alexandre de Almeida, doaram à Matriz, respectivamente, um sino de quatro arrobas e um tapete para o supedâneo²² do altar²³. Este sino, tudo indica, é o que foi trocado na década de 1950, por se encontrar rachado.

Em 1893, o jornal "O Estado de Goyaz", noticiou que a Matriz de Curralinho estava passando por reformas e que era grande cooperação dos fiéis para a conclusão das obras:

²² Estrado de madeira onde o padre põe os pés enquanto diz a missa.

²³ Jornal "Gazeta Goyana", nº 48, de 2 de agosto de 1890. IPEH-BC.

MATRIZ DO CURRALINHO

Está se concluindo o retelhamento d'aquela Matriz.

É digno de louvor o estimável cidadão nosso amigo Jeronymo Pinheiro de Abreu que se prestou a dirigir o serviço feito à custa do povo que tem sido generoso. Só o pranteado Sr. Jeronymo Antonio Mendanha entregou uma quantia de quase duzentos mil reis das sobras das esmolas destinadas à festa de N. Senhora do Rosário em o ano passado. Sabemos que o senhor Jeronymo Pinheiro de Abreu vai às suas expensas construir uma nova torre que substituirá a que existe já bem danificada pelo tempo.

Somos informados de que o povo está disposto a concorrer para o acabamento das obras internas da igreja, alfaias e paramentos. Os festeiros do ano futuro também prometeram empregar a maior economia a fim de que hajam sobras que serão utilizadas nos serviços da matriz²⁴.

Assim, o então único templo de Curralinho, recebendo retoques e concertos desde a sua edificação, adentra o século XX.

No ano de 1905, estando à frente da paróquia o virtuoso Pe. Pedro Rodrigues Fraga, este promoveu uma grande reforma na Matriz. A sua frente que era simples, sem decoração alguma, cedeu lugar a um frontispício encimalhado²⁵, ganhando a porta e as janelas cornijas que, se bem lhe dessem mais modernidade, contrastavam com os lados que conservaram a forma puramente colonial, com linhas simples, cachorros²⁶ sustentando os beirais e a delicadeza das janelas e portas levemente arcadas.

Em 1913 um paroquiano fez publicar no jornal "O Estado de Goyaz"²⁷, uma denúncia, em tom irônico, contra o Pe. Pedro Rodrigues Fraga. Dizia o denunciante anônimo que o vigário, metendo-se na política, se esquecera da igreja, deixando-a entregue às goteiras e formigueiros. Lembra ao vigário, então, que a Matriz fora construída a custa do suor do próximo, e que necessitava de concertos.

Surtiu efeito tal denúncia, pois já no mês de abril do mesmo ano de 1913, o jornal noticiava ter o vigário dado fim aos formigueiros, permanecendo, porém as goteiras.

²⁴ Jornal "O Estado de Goyaz", n.º 116, de 24 de novembro de 1893. IPEH-BC.

²⁵ Saliência da parte mais alta da parede, onde se assentam os beirais do telhado.

²⁶ Peça de pedra ou de madeira que sustenta, ou finge sustentar, o forro dos beirais ou as sacadas das janelas.

²⁷ Jornal "O Estado de Goyaz", n.º 176, de 27 de fevereiro de 1913. IPEH-BC.

Com o aumento da população, a Matriz logo se tornou pequena para comportar o número de fiéis. Tencionava-se, então, construir uma nova Matriz, o que logo viram ser impossível devido as dificuldades da época. Quis então o Pe. Domingos Pinto de Figueiredo, em 1940, fazer-lhe alguns melhoramentos, objetivando estarem prontos quando das comemorações do centenário da criação da paróquia, o que não conseguiu no devido tempo. Mas continuando com a idéia, recorreu ao Arcebispo Dom Emanuel Gomes de Oliveira, pedindo licença para abrir na capela-mor quatro arcos, dando assim mais acomodações na igreja.

Este trabalho, orçado na época em cinco contos de réis, contou, além do auxílio da população, com a doação, em cédula de testamento, que fez uma certa Dona Antônia Bicuda (sic), ao Santuário de Trindade, que os esforços de Pe. Domingos, fez reverter para a igreja de Itaberaí.

A Matriz ainda nesta época possuía os três altares que lembravam muito os da igreja de Nossa Senhora do Carmo da Cidade de Goiás, sobressaindo no altar-mor, o sacrário, obra de fino talhe de um escultor desconhecido, no qual figuravam três anjos com as asas abertas, resguardando a porta do tabernáculo. Indo do assoalho ao teto, com entalhes graciosos que lhes davam muita harmonia, esses altares foram destruídos em 1941, quando se processava a reforma encetada pelo padre Domingos de Figueiredo.

No dia 22 de maio de 1941, realizou-se a assinatura do contrato para o serviço e em 30 de maio organizou-se uma comissão formada dos senhores coronéis. João Elias da Silva Caldas, José de Faria e. Benedito Pinheiro de Abreu, dos senhores. Colombo do Espírito Santo Batista e João do Espírito Santo, que angariaram donativos para a reforma. Realizou-se a campanha dos ladrilhos, ficando esta a cargo de dona Geni de Brito Vieira, dona Erotildes de Paula Martins, senhoritas Corina Fonseca, Maria Fonseca, Maria do Rosário Morais, Maria doas Dores Fonseca, Ceres Augusta Barbosa, Yêda de Castro e Emê Pinheiro. Os trabalhos na capela-mor iniciaram-se a 24 de junho daquele ano²⁸.

²⁸ Livro Tombo da Paróquia de Itaberaí 1940 - 1964.

Além dos quatro arcos abertos na capela-mor, destruindo-se o altar-mor e os dois laterais, desfez-se também o arco-cruzeiro²⁹, aumentando com isso a nave. Foi tirado o assoalho sob o qual descansavam, além de quatro sacerdotes, centenas de curralinhenses que ali foram sepultados até a época em que se construiu o cemitério.

Nestes cento e cinquenta anos de existência, a velha Matriz tem sofrido as mais descaracterizadoras modificações. Na década de 1950, as naves laterais e a sacristia receberam platibandas³⁰ que na verdade lhe deram uma certa elegância, tirando-lhe, porém, toda a originalidade, principalmente quando lhe acrescentaram nos fundos, uma torre sineira, sob a qual construíram um banheiro.

Em descaso e descaracterizada em seus formas, a Matriz de Itaberaí, em 1993, no segundo governo de Íris Resende, sob empenho e luta do Deputado Barbosa Neto, cujos antepassados receberam as águas do Batismo em seu recinto secular, readquiriu em sua estrutura externa, a leveza dos traços coloniais, sendo inaugurada no dia 11 de abril de 1993. As obras foram executadas pela Construtora Aliança Ltda, sob a direção do Sr. Agostinho Stacciarini. Os acrescentos descaracterizadores foram retirados, recebendo a Matriz portais e janelas de madeira. Seu telhado foi refeito, sendo coberta de telha colonial e assentando-se os beirais em cachorros de madeira trabalhada.

Sem dúvida este feito memorável é mais uma vitória dos que amam a sua terra, com as suas manifestações de cultura e seu patrimônio histórico, herança do esforço daqueles que ajudaram a construir uma sociedade. É mais uma lição para os iconoclastas que não respeitam suas raízes, nem tampouco, a memória de todo um povo.

²⁹ Arco, geralmente revestido de madeira ou construído em pedra, e que faz a separação entre a nave e a capela-mor.

³⁰ Mureta de alvenaria maciça ou vazada, construída no topo das paredes externas de uma edificação, contornando-a acima da cobertura, e que se destina a proteger ou camuflar o telhado e compor ornamentalmente a fachada.

BIBLIOGRAFIA IMPRESSA

Bertran, Paulo. *História de Niquelândia*. Brasília: Verano Editora, 3ª edição, 2002.

Castro, Derval de. *Anais da Comarca do Rio das Pedras*. São Paulo: Casa Duprat, 1933.

Cunha, Cônego Arlindo Ribeiro da. *Senhora D'Abadia - Monografia Histórico Descritiva*. Barcelos: Ed. da Confraria de Nossa Senhora D'Abadia, Portugal, 1951.

Cunha Mattos, Raimundo José da. *Corografia Histórica da Província de Goiás*, 1824.

Cunha Mattos - Raimundo José da. *Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão, pelas Províncias de Minas Gerais e Goiás*. Rio de Janeiro: Typ, Imperial e Constitucional de J. Villeneuve & Cº, 1836.

Fonseca e Silva, José da Trindade. *Lugares e Pessoas - Subsídios eclesiásticos para a história de Goiás*. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1948.

Memórias Goianas nº 7, Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central, Goiânia: ed. UCG, 1997

Pohl, Joahann Emmanuel. *Viagem ao Interior do Brasil*. São Paulo: Editora Itatiaia/USP, 1976.

Saint-Hilaire, Auguste. *Viagem à Província de Goiás*. Editora Itatiaia/USP, 1976.

Santos Azevedo, Francisco Ferreira dos. *Anuário Histórico Geográfico e Descritivo do Estado de Goiás*. Uberaba, 1910.

Silva e Sousa, Luís Antônio da. *O descobrimento da capitania de Goyaz - governo, população e coisas mais notáveis*. Goiânia, UFG, 1967.

Vieira, Monsenhor Primo. *Nossa Senhora D'Abadia - A história de uma devoção*. Romaria: edição da Academia Nossa Senhora D'Abadia de Água Suja, 2001.

Vieira, Padre Primo Maria. *Monografia da Paróquia e Santuário Episcopal de Nossa Senhora d'Abadia de Água Suja*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1921.

DIVERSAS FONTES MANUSCRITAS E IMPRESSAS EXISTENTES NAS SEGUINTE INSTITUIÇÕES:

- Arquivo Museu das Bandeiras - Cidade de Goiás
- Fundação Educacional de Goiás - Cidade de Goiás
- Arquivo Geral Frei Simão - Cidade de Goiás
- Cartório de Famílias - Cidade de Goiás
- Arquivo Histórico Estadual de Goiás - Goiânia
- Biblioteca da Cúria Arquidiocesana - Goiânia
- IPEH-BC - Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central - Goiânia - Go
- Paróquia de Nossa Senhora da Abadia - Itaberaí.

ALGUMAS LIGAÇÕES FAMILIARES GOIÁS/CUIABÁ

João Alberto Novis Gomes Monteiro*

O artigo “Um goiano no Segundo Império”, da eminente historiadora Augusta de Faro Fleury de Melo - publicado no nº 16, ago./dez. 2001, da preciosa “Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás -, de forma especial, despertou minha atenção. Nele a autora enfatiza como “circunstancial eventualidade” o nascimento em Cuiabá de André Augusto de Pádua Fleury - que, no Império, foi Conselheiro, diretor da Faculdade de Direito de São Paulo e governador de três Províncias: Espírito Santo, Paraná e Ceará. Sabendo que, em minha ancestralidade, existiu importante ramo que se mudou para Goiás e tendo reforçada minha curiosidade ao ler o resumo biográfico de um dos descendentes daquele ramo, Augusto da Paixão Fleury Curado, no “boletim” - Ano II, nº 1, do mesmo Instituto Histórico, ao qual tenho a honra de pertencer como sócio-correspondente, e, do qual o biografado foi um dos fundadores, fui à busca de maiores explicações.

Fatos constatados me levam a crer que, pelas constantes uniões de goianos e cuiabanos desde o Século XVIII, não foi uma pura

* O autor é Membro Correspondente do IHGGO, titular do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do qual integra o Conselho Fiscal, da Academia Matogrossense de Letras da qual é o atual presidente; é agraciado com a Medalha João Ribeiro - da Academia Brasileira de Letras e é patrono do Centro Acadêmico João Alberto Novis - CAJAN - de Faculdade de Medicina da Universidade de Cuiabá, na qual leciona História da Medicina e Deontologia Médica.

eventualidade o nascimento em Cuiabá dos importantes descendentes de André Gaudie Ley, entre os quais se inclui a citada confreira e, até, dentre os de menor notoriedade, humildemente, este autor. Eventual teria sido o movimento, também corretamente citado por aquela autora: “O comendador Antonio de Pádua regressou a Goiás em decorrência da famosa ‘Rusga’ - matança de portugueses, revolução que estourou em 30 de maio de 1834” e, mais adiante: “O coronel Poupino Caldas, homem de muito respeito e projeção em Cuiabá, foi assassinado em 29 de agosto de 1836 por motivos ligados à ‘Rusga’. Era ele tio-avô da mulher do Comendador Antônio de Pádua.” E, ainda a seguir:

Por tudo isso, querendo afastar-se de tanta efervescência e, talvez, temendo uma vingança contra seu sogro, o Comendador Antônio de Pádua achou por bem deixar o meio tão buliçoso e voltar à terra natal, levando consigo toda a família, inclusive o sogro Comandante André Gaudie Ley. O bom senso e comedimento ordenaram e, assim, o Comendador voltou de vez à Província de Goiás, depois de prestar relevantes serviços a Mato Grosso.

Se, de volta a Goiás, o Comendador Antônio de Pádua Fleury - com Augusta Rosa Gaudie Ley, à qual se havia unido em Cuiabá -, levando a esposa e os filhos cuiabanos entre os quais o André Augusto, deixou ilustríssima descendência que tanto orgulha os goianos, não foi menor a importância de muitos vultos da história mato-grossense que tiveram por ascendência seus sogros André Gaudie Ley e Mariana de Alvim Poupino.

Assim, passo a citar trechos, de algumas obras de insuspeitos autores locais, concernentes ao assunto, no mesmo tempo em que for abordando os relevantes papéis que tiveram, ao logo do tempo, alguns daqueles personagens.

Clóvis Corrêa da Costa - nascido em 1886, por isto conhecedor, mais de perto, da história de seus antepassados aqui abordados -, em seu livro “Mato-Grosso de outrora” - edição própria, patrocinada pelo governo estadual, Cuiabá, 1965 -, à página 59 nos informa:

Mãe-grande, Senhora Costa Leite, descendia de Anhanguera, era neta de um casal de irlandeses, estabelecido em Minas Gerais. Seu filho André Gaudie Ley mudou-se para Mato Grosso, onde foi homem muito estimado e considerado. Constança, uma das suas filhas, casou-se com o Dr. Costa Leite. Do casamento resultaram vinte e uma gestações.

O mesmo autor, à página 31 da mesma obra, abordando a “Rusga”, já havia dito:

O meu tataravô, André Gaudie Ley, fugiu para Goiás. Embora brasileiro, era filho de irlandeses, e tinha olhos azuis e cabelos louros, parecia estrangeiro; e naqueles dias conturbados, poderia sofrer duras conseqüências. A sua mulher mandou-lhe os arreios para o animal, sob roupa servida, em um balaio conduzido por escrava de confiança, como se dirigisse a um dos córregos, fora da cidade, para lavar roupas.

Tais particularidades físicas descritas são confirmadas pelas muitas ocorrências de cabelos louros e olhos azuis na descendência mato-grossense de André Gaudie Ley – não sei se o mesmo aconteceu com no ramo goiano. Realmente, os ânimos levavam a real perigo, o mesmo autor nos conta que participantes do movimento andavam pelas ruas, provocando os portugueses, cantando versos como:

*Galego pé de chumbo,
Calcanhar de frigideira,
Quem lhe deu a confiança
De casar com brasileira!*

Pedro Novis Neves, em seu livro “Raízes do passado” – edição do autor, Cuiabá, 1995 – e Adauto Dias de Alencar, o mais importante genealogista de Mato Grosso na atualidade, autor do “Roteiro Genealógico de Mato Grosso”, que já atinge quatro volumes publicados – CCS Editora e Gráfica, Cuiabá, 1995, 1996, 1997 e

1998 – e mais dois no prelo, nos relatam importantes fatos sobre o assunto em pauta.

No dia 21 de fevereiro de 1841 foi realizado, com grandes festejos, o casamento de Constança Carolina, uma jovem de 16 anos, filha do Capitão-mor André Gaudie Ley (que fora Presidente da Província) e de D. Mariana Alvim Poupino, irmã do Tenente-coronel Poupino (que também governou a Província). O Capitão-mor André Gaudie Ley veio muito jovem para Mato Grosso e, não obstante ser Vila Bela a capital da Província, elegeu Cuiabá para fixar residência. Mas foi em Vila Bela que se casou com D. Mariana. André Gaudie Ley começou sua carreira em Mato Grosso como Alferes, até 1811; promovido a Capitão (patente de 15 de abril de 1811), confirmada em 8 de fevereiro de 1812. Em 1818, ainda no governo do Capitão-general Gravenburg, foi promovido a Sargento-mor do Terço de Ordenanças (patente de 6 de setembro de 1818, confirmada em 26 de junho de 1819). Já em 1823, por patente de 18 de agosto, foi promovido a Capitão-mor das Ordenanças, reformando-se neste posto por Decreto Imperial de 5 de novembro de 1827. Na hierarquia civil, além dos cargos eletivos que exerceu, André Gaudie Ley, em reconhecimento a serviços prestados, foi agraciado com a Imperial Ordem do Cruzeiro e com a Ordem de Cristo. Administrou a Província de 01/01/1830 a 21/06/1831.(...) Retorna à presidência da Província em 19/04/1833, conservando-se no cargo até 4 de abril do mesmo ano. Em todas essas posições deu sobejas provas de sua honradez, dedicação à causa pública e amor à terra que elegera por sua e que era a terra amada de sua esposa e filhos.

Tal é o resumo biográfico de André Gaudie Ley, que prestou inestimáveis serviços a Mato Grosso, elaborado por Pedro Novis Neves.

Unindo-se a Mariana de Alvim Poupino, mato-grossense de várias gerações, André Gaudie Ley deu origem a famílias de destaque

no cenário histórico de Mato Grosso a Goiás. Constatamos que os autores citados são uníssonos em suas afirmações, das quais cito as mais importantes para o que me proponho demonstrar.

André Gaudie Ley e Mariana de Alvim Poupino tiveram 15 filhos:

01 - Augustina Rosa Gaudie Fleury, casada com o Comendador Antonio de Pádua Fleury (deles originou o ramo que foi para Goiás), tiveram 10 filhos.

07 - Comendador Joaquim Gaudie Ley, casado com Catarina Dulcia Bueno do Prado. Tiveram 4 filhos, dentre os quais cito Maria D'Aleluia que se casou com Antonio Tomás de Aquino Corrêa, natural de Pirenópolis - Goiás, e foram os pais de Dom Francisco de Aquino Corrêa - Arcebispo de Cuiabá, poeta, escritor, inigualável orador sacro, governador de Mato Grosso de 1919 a 1923 e destacado membro titular da Academia Brasileira de Letras. Dom Aquino foi o autor de dois símbolos cívicos de nosso Estado: o Brasão de Armas e a letra do Hino de Mato Grosso. Foi, também, um dos principais fundadores da Academia Mato-grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, entidades que já caminham pela oitava década de existência.

10 - Constança Carolina, que se casou com o Dr. (advogado) José Augusto da Costa Leite Falcão. Este casal teve 9 filhos, dentre os quais Maria da Glória Gaudie Leite Novis, que se casou com o Dr. (médico) Augusto Novis - importante destaque na história da Guerra do Paraguai, na qual atuou como cirurgião da Armada Imperial, e na epidemia de varíola que se seguiu à Retomada de Corumbá. Este casal gerou 7 filhos, dentre os quais focalizo os que deram origem a grandes nomes da medicina brasileira e a vultos importantes da história mato-grossense:

10-5 - Constança Novis Corrêa da Costa, casada com Pedro Celestino Corrêa da Costa - duas vezes eleito governador e duas vezes senador por Mato Grosso. Dos seus filhos destaco Clóvis Corrêa da Costa (citado anteriormente) - médico, professor, escritor, membro da Academia Nacional de Medicina e um dos maiores

nomes da história da Obstetrícia brasileira - e Ytrio Corrêa da Costa, engenheiro, que foi prefeito de Campo Grande e deputado federal em duas legislaturas.

10-6 - Alberto Novis, meu avô, do qual descendem inúmeros grandes médicos, entre eles Gabriel Novis Neves - fundador da Universidade Federal de Mato Grosso e da Faculdade de Medicina da Universidade de Cuiabá, da qual é o atual diretor.

10-10 - Corina Novis Corrêa da Costa, que se casou com seu cunhado Pedro Celestino, viúvo de sua irmã Constança. Entre os filhos deste casal encontramos Fernando Corrêa da Costa - médico, foi prefeito de Campo Grande e, como o pai, eleito por voto popular, foi duas vezes governador e duas vezes senador por Mato Grosso. Fernando Corrêa dá nome a uma das mais importantes avenidas de Cuiabá.

10-11 - Aristides Novis, notável professor da Faculdade de Medicina da Bahia e membro da Academia Nacional de Medicina. Aristides foi pai e avô de outros médicos ilustres, com atuação na Bahia e Rio de Janeiro, alguns professores e, também, membros da mesma Academia Nacional de Medicina.

10-12 - Amarílio Novis - advogado, desembargador, poeta e escritor -, foi destacado membro da Academia Mato-grossense de Letras.

Pedro Novis Neves, elenca mais de seis dezenas de médicos, descendentes de Augusto Novis, que tiveram, ou têm, atuação em todo o país.

Em meu livro "Pequena viagem pela História da Medicina" - EdUNIC, Cuiabá, 2001 -, abordo mais detalhadamente o assunto.

Fica aqui, pois, minha pequena contribuição para atender, ainda que em pequena parte, com relação às origens do Conselheiro André Augusto, o que recomenda a historiadora titular da Cadeira 22 do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, no artigo inicialmente citado: "Devemos elucidar melhor a questão, removendo o pó dos tempos e trazendo às claras os inícios documentados de seus ascendentes."

- COMO SE CHAMAVA ? -

Mary José Yazigi
Cadeira 28 do IHGG

Muitas cidades brasileiras, com o decorrer do tempo, tiveram seus nomes modificados. Você sabe como se chamava a sua cidade ? Fizemos uma lista dos nomes atuais e antigos das cidades goianas. Provavelmente não está completa. Se faltar o da sua cidade comunique-se comigo, por gentileza. Ficaria muito grata por você me ajudar a completar meu trabalho.

- CIDADES GOIANAS -

Nome atual

Nome antigo

Aloândia	Itambé
Amorinópolis	Campo Limpo
Alto Paraíso de Goiás	Veadeiros
Ananás	Chiqueirão
Anápolis	Santana da Antas
Aparecida de Goiânia	Goialândia
Arapoema	Genipapo
Aragoiânia	Biscoito Duro

Aruanã.....	Leopoldina - Sta. Leopoldina
Aurilândia	Sta. Luzia
Avelinópolis.....	Tabocas
Bela Vista de Goiás	Suçuarama
Brazabrantes.....	São João Batista de Meia Ponte
Buenolândia.....	Barra
Cachoeira de Goiás	Cachoeira de Fumaça - Moitu
Caçu.....	Água Fria
Caiapônia	Torres do Rio Bonito
Campo Alegre	Calça - Rudá
Caturai	Cidade do Rio do Peixe
Corumbaíba..	Arraial Novo dos Paulistas - Vila Xavier de Almeida
Cristalândia	Chapada
Cristianópolis.....	Gameleira
Cromínia	Planura Verde
Cumari	Samambaia
Damolândia	Sto. Antonio do Capoeirão
Davinópolis	Povoado do Grupo - Povoado da Barra
Diorama	Aropi
Edéia.....	Sto. Antonio do Alegrete - Alegrete
Estrela do Norte	Vargem do Coelho
Fazenda Nova	Campeão
Filadélfia	Porto dos Paulas
Flores de Goiás	Urutagua
Formosa	Vila Formosa da Imperatriz - Imperatriz - Arraial do Couro
Galheiros	Cirinópolis
Goianésia	Calção de Couro
Goianira	Itaim - São Geraldo

Goiatuba	Bananeiras - São Sebastião das Bananeiras
Guapo	Ribeirão - São Sebastião do Ribeirão
Goiás	Santana - Vila Boa de Goiás
Guarani de Goiás	Coatiçaba - Riachão
Heitorai	Capelinha
Hidrolândia	Sto. Antonio da Grimpas
Hidrolina	Sto. Antonio Maria Claret
Iaciara	Boa Vista - Iacema
Inhumas	Goiabeiras
Ipameri	Entre Rios-Vai-Vem
Iporá	Itajubá
Israelândia	Monção do Vaz
Itaberaí	Comarca do Rio da Pedras - Curralinho
Itaguaru	Chapadão da Fazenda de Sto. Antonio do Curral Queimado
Itapaci	Florestas
Itapuranga	Xixá
Itarumã	Pimenta - São Sebastião de Pimenta
Itauçu	Catingueiro Grande - Cruzeiro do Sul
Itumbiara	Santa Rita do Paranaíba
Ivolândia	Boa Vista
Jandaia	Água Limpa
Jataí	Paraíso de Jataí
Jaupaci	Manchão do Pacu
Joviânia	Boa Vista do Matão
Jussara	Água Limpa
Lagoa Santa	Termas do Itajá
Leopoldo de Bulhões	Pindaibinha
Luziânia	Sta. Luzia

Mairipotaba	Serrania - São Sebastião do Atolador
Mambaí	Riachão
Matrinchã	Sta. Luzia do Matrinchã
Maurilândia	Garimpo do Rio Verdão
Moiporá	Cobó
Montes Claros de Goiás	Sabolinha
Montevideu	Chapadão
Morrinhos	Vila Bela do Paranaíba - Vila Bela de Morrinhos
Nerópolis	Campo Alegre - Cerrado
Niquelândia	São José do Tocantins
Nova América	Baunilha
Nova Aurora	Patrimônio de São Sebastião
Nova Roma	São Teodoro
Nova Veneza	Colônia dos Italianos
Orizona	Capela dos Correios - Campo Formoso
Ouro Verde de Goiás	Matão
Padre Bernardo	Barro Alto
Palmeiras de Goiás	Mataúna
Palminópolis	São Bento
Palmeiras de Goiás	São Sebastião do Alemão - Alemão
Panamá	Divinópolis
Paraúna	Fumaça - São José do Turvo
Planaltina	Mestre D'Armas
Petrolina de Goiás	Goialina
Pilar de Goiás	Papuã
Piracanjuba	Pouso Alto
Paranaiguara	Mateira
Pirenópolis	Meia Ponte
Pontalina	Santa Rita do Pontal

Porangatu	Descoberto
Portelândia	Córrego da Porteira - Água Emendada
Quirinópolis	Abadia do Paranaíba
Rialma	Barranca
Rianópolis	Campo de Avião
Rio Verde	Abóboras
Sta. Helena de Goiás	Ipagueri
Santa Rita do Araguaia	Sta. Rita dos Impossíveis
São João d'Aliança	Olhos d'Água - Capetinga
Serranópolis	Serra do Cafezal
Silvânia	Bonfim
Três Ranchos	Porto Mão de Pau
Trindade	Barro Preto
Tupacirama	Traíras
Turvânia	Poções
Uruaçu	Moxonlongo - Santana do Moxorongo
Varjão	Vargem Grande

SAUDOSAS CARTAS DE ACHILES

Waldyr Castro Quinta
Sócio Emérito do IHGG

Enquanto viajávamos, doutor Jeronymo me confessou a crescente preocupação que o dominava, diante do claro desinteresse de seu compadre Achilles pela candidatura Galeno.

Foi quando me ocorreu sugerir:

“E se seu Achilles mandasse uma carta, sempre com os mesmos dizeres, a uns cento e muitos de nossos melhores companheiros do interior, concitando-os à luta decidida pela vitória de nosso candidato?”

Em Anápolis, exposto o plano a seu Achilles pelo doutor Jeronymo, a sugestão foi bem recebida e bem aceita pelo nosso eminente chefe anapolino. Que todavia e apenasmente ressalvou:

“Gostaria que a redação ficasse a cargo do doutor Waldyr: o que ele escrever assino sem ler”.

Quis saber de seu Achilles se, quando prontas, podiam as cartas ser levadas a Anápolis pelo bom e digno seu Pimenta Netto, pessoa da inteira confiança dele e nossa. E seu Achilles respondeu que sim.

Em Goiânia, imediatamente comprei caixas e mais caixas do mais caro e mais formoso papel de cartas que o distinto leitor estiver podendo imaginar.

E preparava-me para iniciar, em minha valente maquinazinha semiportátil, a datilografia do primeiro exemplar da série de cento e tantas cartas previstas, quando me veio à cabeça:

“Ué, cadê a redação?”

Fiquei atarantado. A verdade é que eu ainda não redigira nada,

e estava firmemente convencido de que não seria capaz de redigir coisíssima nenhuma. Telefonei ao doutor Jeronymo:

“Não vou conseguir. E agora?”

Ele porém me tranqüilizou:

“Estou recebendo neste momento a visita amável de nosso grande amigo doutor Felicíssimo Netto, de Jaraguá, pessoa da melhor intimidade do compadre. Vou pedir que ele rascunhe a carta”.

Com efeito, dali a menos de hora me chegava o texto, impecavelmente redigido pela mão e a inteligência privilegiadas do doutor Felicíssimo.

Durante quatro longas horas de relógio estive castigando minha velha e fiel semiportátil. E, em prazo assim tão reduzido, a poder de uma vastidão de cigarros e cafês, apruntei as cento e tantas cartas.

De manhãzinha seu Pimenta levou até as mãos de seu Achilles o precioso resultado de meu esforço.

Por volta do meio-dia o telefonema:

“Cheguei”.

“Então, tudo bem?”

“Nem tudo. As cartas ficaram. Seu Achilles disse que tão logo estejam assinadas ele avisa”.

Isto, numa terça-feira.

Passou-se todo o resto da semana, e a semana seguinte ameaçava chegar ao fim, e nada de novo quanto às cartas.

Decidi voltar a Anápolis.

Era um sábado, e seu Achilles passava o fim de semana na chácara. Embora muito me pesando perturbar seu repouso, mantive o propósito de falar com ele.

Recebeu-me o nobre amigo com evidentes mostras de muita alegria. E, como já passasse das onze, convidou-me:

“Primeiro, vamos almoçar. Nossa conversa fica para depois”.

O almoço transcorreu em silêncio. Comigo à mesa só o anfitrião com sua fidalguia.

Passamos ao alpendre, e o silêncio permanecia. Até que de repente seu Achilles me perguntou:

“Por que é que o senhor não redigiu pessoalmente as cartas,

conforme combinamos?”

A interpelação me alcançou de contrapé. Ainda assim me ocorreu dizer:

“Na verdade só tive até agora a honra de falar com o senhor muito pouco. Para lhe ser franco não conheço seu pensamento, e com certeza trairia sua confiança sempre que estivesse, em uma carta sua, dizendo coisas que não fossem suas. Expus esta minha perplexidade ao doutor Jeronymo. E ele pediu a um grande amigo dele e do senhor que fizesse a redação, que aproveitei como a melhor possível”.

Seu Achilles pensou pensou e depois me disse:

“Mesmo assim, vamos ter que fazer novas cartas, e o senhor continua encarregado de redigi-las, conforme o combinado”.

Tomei de um lápis e de meia folha de papel e respeitosamente propus:

“Podemos começar agora mesmo. Basta que o senhor vá dizendo, palavra por palavra, tudo quanto lhe pareça dever constar da carta”.

Seu Achilles levantou-se e, em voz pausada e grave, me ditou sem quaisquer vacilações a carta inteira, e com tamanha correção e com palavras e expressões tão adequadas e precisas que fiquei simplesmente sem saber o que dizer. Que homem extraordinário!

Aprontei aquelas cento e tantas cartas com singular presteza. E elas, como da primeira vez, viajaram para Anápolis cercadas dos desvelos mais ternos do mesmo seu Pimenta. Daquele mesmo seu Pimenta que voltaria de mãos abanando, para me dizer desolado:

“Ele ficou de avisar quando tiver concluído as assinaturas”.

Passou-se uma semana.

Em Goiânia, ao regressar de uma daquelas suas exaustivas peregrinações de candidato, doutor Galeno perguntou pelas cartas. Quando soube que elas pendiam de assinatura, ficou tomado de santa indignação:

“Vou agora mesmo saber do Achilles, de uma vez por todas, o que é que ele tem contra mim”.

Testemunha preocupada daquela explosão, doutor Jeronymo apanhou-me pelo braço, correu comigo para o aeroporto e voamos

para Anápolis, na esperança de ali chegarmos antes do doutor Galeno.

Como se houvésemos feito a mesma viagem, entramos quase juntos no escritório de seu Achiles.

Ao nos ver, o nosso amigo, com aquela sua esmerada educação de sempre, cumulou-nos de abraços e gentilezas.

E na sua grande sabedoria, que todos conheciam e respeitavam, de pronto percebeu o que levara à sua presença os três visitantes.

Tanto assim que agilmente se antecipou a todas as iniciativas.

Voltou-se para mim em primeiro lugar, e assim me disse:

“Doutor Waldyr, as cartas que o senhor preparou, num total de cento e sete, já estão todas assinadas, nestes pacotes em cima de minha mesa. No seu regresso a Goiânia pode levá-las, por gentileza, para remessa aos nossos companheiros”.

A seguir, discretamente preencheu um cheque generoso e o entregou a doutor Galeno, dizendo com grande discrição:

“Um modesto auxílio para a sua campanha”.

E assim se concluiu o episódio das cartas.

Depois daquele dia os nossos caminhos se apartariam, para sempre. E nunca mais voltei a ver Achiles.

Porém muitos e muitos anos mais tarde, quando a mim me parecia justo imaginar que ele nem mais se recordava do caso das cartas, o fato é que meu amigo continuava a escrevê-las. E um belo dia uma daquelas me chegou, escrita à máquina em fita roxa e concebida nestes termos:

“Prezado Sr. Dr. Waldyr Castro Quinta. Ao deixar a política, julgo de meu dever agradecer a todos aqueles que, como o Sr., me honraram com sua ajuda e amizade para o bom exercício dela. Muito obrigado.”

“Atenciosamente: Achiles de Pina”.

Waldyr Castro Quinta registra, neste escrito veraz, peripécias em que estiveram comprometidos em 1954:

Galeno Paranhos, deputado federal e candidato oposicionista ao governo do Estado;

Jeronymo Coimbra Bueno, candidato ao senado, proprietário

da rádio Brasil Central;

o autor, então diretor da rádio e secretário político de Coimbra Bueno;

e, como personagem central, o mais importante no episódio aliás,

Achiles de Pina, que naquela época era o político de maior prestígio em Goiás, e que ficara de assinar cento e tantas cartas do interesse de Galeno e Jeronymo, datilografadas, anuladas e redatilografadas por Waldyr.

Tudo com o mais feliz dos desfechos. .

DOCUMENTAÇÃO

DOCUMENTATION

= INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GOIÁS =

PROPOSTA DE ADMISSÃO DE SÓCIOS

Nós, abaixo assinados, Sócios Titulares do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, propomos, para integrar o quadro de sócios, nos termos do Estatuto vigente - art. 59, nº VII - o historiador de renome nacional LUÍS CÂMARA CASQUEO, apresentando notas bibliográficas e "curriculum vitae", a presente proposta.

1. ~~Almeida Matos Silva~~
2. ~~Almeida Matos Silva~~
3. João Lopes Rodrigues
4. Maria da Conceição
5. Estela Barbosa Corrente
6. Kelly Alves de Almeida
7. ~~Estela Barbosa Corrente~~
8. Rosária Fleury
9. ~~Estela Barbosa Corrente~~
10. ~~Estela Barbosa Corrente~~

Goiânia, 5 de dezembro de 1985

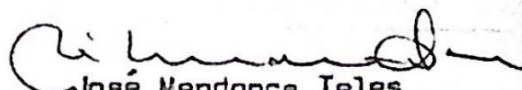
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GOIÁS

PARECER

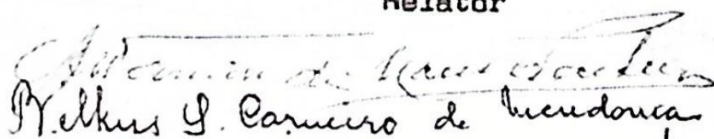

Simple, humano, humilde, atração turística em sua terra Natal, veio do século passado e "carrega todas as idades", glória maior da cultura brasileira, mito sagrado do Século Vinte, um vulto, um homem, um nome: LUÍS DA CÂMARA GASCUDO!

Rendo aqui minhas homenagens a esse homem, feliz por viver o seu tempo, honrado pela oportunidade de vê-lo nos anais do nosso Instituto Histórico e assinar este parecer.

Goiânia, 10 dezembro de 1985


José Mendonça Teles

Relator


Melkys S. Carneiro de Mendonça


SÓCIOS DO INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE GOLÁS

IHGG ASSOCIATE

SÓCIOS TITULARES

Cadeira n. 1

Patrono: *Pedro Ludovico Teixeira*
Titular: **PAULO BERTRAN WIRH CHAIBUB**
End: MI- Trecho 11- Chácara 258 - Setor das Mansões
- Lago Norte - Brasília-DF - CEP: 71540-115 -
Fone: (61) 974-0748

Cadeira n. 2

Patrono: Maria Angélica do Couto Brandão
Titular: **JUAREZ COSTA BARBOSA**
End: Rua Jaraguá nº 108 - Campinas - Goiânia - GO -
CEP: 74.515-040 - Fone: (62)233-0158

Cadeira n. 3

Patrono: Francis Castelnau
Titular: **FRANCISCO ITAMI CAMPOS**
End: Rua T-38 nº 964, Setor Bueno - Goiânia - GO -
CEP: 74.223-040 - Fone: (62)255-2123

Cadeira n. 4

Patrono: Guimarães Natal
Titular: **URSULINO TAVARES LEÃO**
End: Rua 14, nº 95, aptª 503 - Ed. João Paulo I - Setor
Oeste - Goiânia-GO - CEP: 74125-120
Fone: (62) 215-4026

Cadeira n. 5

Patrono: Albatênio Caiado de Godoy
Titular: **MARILDA GODOI DE CARVALHO**
End: Rua 15, n^a 134, apt^a 704 - Ed. Nápoles - Centro
Goiânia-GO - CEP: 74030-020
Fone: (62) 223-1248

Cadeira n. 6

Patrono: Zoroastro Artiaga
Titular: **RUY RODRIGUES DA SILVA**
End: Rua 90, n^a 210, apt^a 201-B, Setor Sul
Goiânia - GO - CEP: 74.093-020
Fone: (0xx62)241-1744/9971-1065

Cadeira n. 7

Patrono: Arlindo P. Cardoso
Titular: **JOSÉ ASMAR**
End: Rua 10, n^a 950, apt^a 1502 - Resid. Brenner - Setor
Oeste - Goiânia-GO - CEP: 74120-020
Fone: (62) 215-5992

Cadeira n. 8

Patrono: Luís Antônio da Silva e Souza
Titular: **MAURO BORGES TEIXEIRA**
End: Rua 89, n^a 333 - Setor Sul
Goiânia-GO - CEP: 74093-140
Fone: (62) 241-3612

Cadeira n. 9

Patrono: Antônio Félix de Bulhões Jardim
Titular: **MARIA AUGUSTA CALADO DI SALOMA
RODRIGUES**
End: Rua 128, n^a 150 - Setor Sul
Goiânia-GO - CEP: 74080-180
Fone: (62) 241-6598

Cadeira n. 10

Patrono: Gelmires Reis
Titular: **MOEMA DE CASTRO E SILVA OLIVAL**
End: Rua 54, n^a 304 - Jardim Goiás
Goiânia-GO - CEP: 74810-220 - Fone: (62) 241-1966

Cadeira n. 11

Patrono: Honestino Guimarães
Titular: **GERALDO COELHO VAZ**
End: Rua 14, n^a 25, apt^a 103 - Ed. João XXIII - Setor Oeste
Goiânia-GO - CEP: 74310-010 - Fone: (62) 214-2215

Cadeira n. 12

Patrono: Capistrano de Abreu
Titular: **JOSÉ LUIZ BITTENCOURT**
End: Rua Dom Orione (antiga T-48-A), n^a 225, apt^a 201 Ed. Piratini - Setor Oeste - Goiânia-GO
CEP: 74140-080 - Fone: (62) 251-7206

Cadeira n. 13

Patrono: Pe. Luiz Palacin Gomes
Titular: **JOSÉ PEREIRA DE MARIA**
End: Av. Universitária, n^a 1440 - Setor Universitário
Goiânia-GO - CEP: 74605-010
Fone: (62) 227-1000

Cadeira n. 14

Patrono: Joaquim Bonifácio de Siqueira
Titular: **ELDER CAMARGO DE PASSOS**
End: Travessa da Boa Vista, n^a 01 - Centro
Cidade de Goiás - GO - CEP: 76.600-000
Fone: (62) 371-1049

Cadeira n. 15

Patrono: Emmanuel Pohl

Titular: JERÔNIMO GERALDO QUEIRÓZ

End.: Rua 31, n. 20, apt 201 - Ed. Coimbra - Centro
Goiânia - GO - CEP: 74015-070 - Fone: (62) 223-3214

Cadeira n. 16

Patrono: Auguste de Saint Hilaire

Titular: BRASIGÓIS FELÍCIO CARNEIRO

End: Rua C-24, Qd. 22, Lt.18 - Jd. América
Goiânia-GO - CEP: 74265-140 - Fone: (62) 285-5823

Cadeira n. 17

Patrono: Raimundo da Cunha Matos

Titular: GILKA VASCONCELOS FERREIRA SALES

End: Av. Tocantins, n^a 850, apt^a 906 - Ed. Jarina -
Centro - Goiânia - GO - CEP: 74.015-010 - Fone:
(xx62) 292-1071/224-0836

Cadeira n. 18

Patrono: Couto de Magalhães

Titular: MARI DE NAZARÉ BAIOCCHI

End: Rua 3, n^a 906, apt^a 1401 - Ed. John Carneiro -
Setor Oeste - Goiânia GO - CEP: 74.115-050 -
Fone (0xx62) 245-1475 / 214-1343

Cadeira n. 19

Patrono: José Martins Pereira de Alencastre

Titular: GETÚLIO PEREIRA DE ARAÚJO

End: Av. T-5, n^a 1093, apt^a 302 - Setor Bueno
Goiânia-GO - CEP: 74230-040 - Fone: (62) 259-2366

Cadeira n. 20

Patrono: Luiz Gonzaga de Faria
Titular: **CRISTOVAM FRANCISCO DE CASTILHO**
End: Rua 101, n^a 171, apt^a 201 - Ed. Goyá -Setor Sul
Goiânia - GO - Cep:74.080-150 - Fone: (xx62)
224-1396 / 215-1736

Cadeira n. 21

Patrono: José Lobo
Titular: **LUIS ANTONIO ESTEVAM**
End: Rua T-36 n^a 2.549 Ed. Monte Parnásio, apt^a 101
Goiânia - GO - CEP: 74.223-050

Cadeira n. 22

Patrono: Sebastião Pompeu de Pina
Titular: **AUGUSTA FARO FLEURY DE MELO**
End: Rua 23-A, n^a 70 - Setor Oeste - Goiânia- GO.
CEP:74. 150 -1 10 - Fone :(62) 241 - 8424

Cadeira n. 23

Patrono: Crispiano Tavares
Titular: **MÁRIO RIBEIRO MARTINS**
End.: Rua Inglaterra, Qd.8, Lt. 6 - Nações Unidas
Anápolis - Goiás - CEP: 75001-970 - Fone: (62)
324-9266

Cadeira n. 24

Patrono: José Lopes Rodrigues
Titular: **NEY TELES DE PAULA**
End.: Rua 1.142 N 115 Setor Marista - Goiânia - GO -
CEP: 74.180-190 - Fone: 242-1907

Cadeira n. 25

Patrono: Luis do Couto
Titular: **VAGA**

Cadeira n 26

Patrono: Jarbas Jayme

Titular: **JACY SIQUEIRA**

End.: Rua 5, n 605, apt 204 - Setor Oeste
Goiânia - GO - CEP: 74125-070 - Fone: (62) 223-5467

Cadeira n 27

Patrono: Manoel Onofre Andrade

Titular: **ITABORAÍ VELASCO DO NASCIMENTO**

End.: ACS Garavelo - Setor Garavelo - Aparecida de
Goiânia - GO - CEP: 74930-540 - Cx. Postal: 150
Fone: (62) 227-1077 / 288-1632

Cadeira n 28

Patrono: Bouyhan Helou

Titular: **MARY JOSÉ YAZIGI**

End.: Rua Ipameri, n^a 232 - Campinas - Goiânia-GO
CEP: 74525-030 - Fone: (62) 233-0231 / 233-5532

Cadeira n 29

Patrono: Salomão de Vasconcelos

Titular: **JOSÉ NORMANHA DE OLIVEIRA**

End.: Rua 94, n^a 603 - Setor Sul - Goiânia-GO - CEP:
74310-010 - Fone: (62) 223-1941

Cadeira n 30

Patrono: Clifford Evans

Titular: **ALTAIR SALES BARBOSA**

End.: Av. Universitária, n^a 1440 - Setor Universitário
Goiânia-GO - CEP: 74605-010
Fone: (62) 227-1077

Cadeira n 31

Patrono: Eurídice Natal e Silva
Titular: **MARIA NARCISA DE ABREU CORDEIRO
PIRES**
End: Rua 1, n^a 480, apt^a 1101 - Ed. Tainã - Setor Oeste
Goiânia-GO - CEP: 74125-020 - Fone: (62) 215-
7955

Cadeira n 32

Patrono: José Peixoto da Silveira
Titular: **JOSÉ PEIXOTO DA SILVEIRA JÚNIOR**
End: Rua C-220, Qd. 288, Lt. 17 - Jardim América
Goiânia-GO - CEP: 74275-230
Fone: (62) 252-1914

Cadeira n 33

Patrono: Antônio Americano do Brasil
Titular: **GENESCO FERREIRA BRETAS**
End: Rua 100 n 89 apt 502, San Fernando - Setor
Sul - Goiânia-GO - CEP: 74.080-140
Fone : 223-2344

Cadeira n 34

Patrono: Amália Hermano Teixeira
Titular: **JOSÉ ÂNGELO RIZZO**
End: Rua 18, n^a 105, apt^a 102 - Ed. Stela - Centro -
Goiânia-GO - CEP: 74..030-040
Fone: (62) 521-1186 / 2 23-9652 / 821-1112

Cadeira n 35

Patrono: Moisés Santana
Titular: **MARIA TEREZINHA CAMPOS SANTANA**
Rua 215, n^a 49 - Setor Coimbra
Goiânia-GO - CEP: 74.543-420
Fone: 233-0597 / 821-1091

Cadeira n 36

Patrono: Ricardo Paranhos
Titular: **NASR NAGIB FAYAD CHAUL**
End: Rua 2, n^a 155, apt^a 501 - Setor Oeste
Goiânia-GO - CEP: 74110-130
Fone: (62) 212-4606

Cadeira n 37

Patrono: Luís Cruls
Titular: **HORIESTE GOMES**
End: Av. T-5, n 1134, apt 602 - Setor Bueno - Goiânia
- GO - CEP: 74230-040
Fone: (62) 259-2306 / 227-1077/227-1711

Cadeira n 38

Patrono: Henrique Silva
Titular: **JOSÉ SÊNECA LOBO**
End: Av. Tocantins, n 296 - Centro
Goiânia - GO - CEP: 74015-010
Fone: (62) 225-6432

Cadeira n 39

Patrono: José Honorato de S. Silva
Titular: **LICÍNIO LEAL BARBOSA**
End: Av. Goiás n^a 310 Ed. Vila Boa Sala 707 - Centro
Goiânia - GO - CEP: 74.010-010
Fone: (62) 225-0812/225-3448

Cadeira n 40

Patrono: Dom Emanuel Gomes de Oliveira
Titular: **ÁUREA CORDEIRO DE MENEZES**
End: Rua José Hermano, n^a 244 - Campinas
Goiânia-GO - CEP:74515-030
Fone: (62) 233-97 51/291-7877

Cadeira n 41

Patrono: Maria Barbosa Reis
Titular: **ANTONIO CÉSAR CALDAS PINHEIRO**
End: Av. Goiás n^a 995 apt^a 501 - Centro
Goiânia - GO - CEP: 74.4005-010

Cadeira n 42

Patrono: Ministro Jorge Latour
Titular: **BINÔMIO DA COSTA LIMA**
End: Av. Goiás, n^a 530 - Jataí-GO / Cx. Postal 422
CEP: 75800-000 - Fone: (62) 631-3418

Cadeira n 43

Patrono: Cora Coralina
Titular: **MARIA DO ROSÁRIO CASSIMIRO**
End: Rua 10, n^a 810, apt^a 710 - Setor Oeste - Goiânia-
GO - CEP: 74120-020
Fone: (62) 214-3031 / 943-3037

Cadeira n 44

Patrono: Francisco Tossi Colombina
Titular: **JOSÉ FERNANDES**
End: Av. Venerando de Freitas Borges, Qd. 35, Lt. 02 -
Setor Jaó - Goiânia-GO - CEP: 74673-010
Fone: (62) 204-1078

Cadeira n 45

Patrono: Cândido Mariano Rondon
Titular: **LEOLÍDIO DI RAMOS CAIADO**
End: Rua 22, Qd. E, Lt. 56 - Setor Oeste
Goiânia-GO - CEP: 74120-130
Fone: (62) 215-4062

Cadeira n 46

Patrono: Manoel Aires de Casal
Titular: **WALDOMIRO BARIANI ORTÊNCIO**
End: Rua 82, n^a 505 - Setor Sul
Goiânia-GO - CEP: 74083-010
Fone: (62) 223-0330

Cadeira n 47

Patrono: Regina Lacerda
Titular: **NICE MONTEIRO DAHER**
Caixa postal 79 - Agencia Central
Goiânia-GO - CEP: 74020-060 - Fone: 299-1157

Cadeira n 48

Patrono: Rosarita Fleury
Titular: **CARLOS FERNANDO FILGUEIRAS DE MAGALHÃES**
End: Rua 3, n^a 351, apt^a 103 - Ed. Rural - Centro -
Goiânia-GO - CEP: 74023-010
Fone: (62) 225-9476 / 9977-0754

Cadeira n 49

Patrono: Joaquim Teotônio Segurado
Titular: **ANA BRAGA**
Rua 85-A, n^a 60 - Ed. Estoril - Setor Sul
Goiânia-GO - CEP: 74080-020 - Fone: 212-5765

Cadeira n 50

Patrono: Gerson de Castro Costa
Titular: Vaga

SÓCIOS CORRESPONDENTES

1 - ADILSON CÉSAR

End: Rua Miranda Azevedo, nº 147, aptº. 61 - Ed. Santa Catarina - Centro - Sorocaba-SP - CEP: 18035-090 - Fone:(11) 288-9343

2 - ANA MARIA DE ALMEIDA CAMARGO

End: Av. 9 de julho, n 2861, aptª 22
São Paulo-SP - CEP: 01407-000

3 - ANDREA LUÍZA DE OLIVEIRA TEIXEIRA

End: Rua 23 n 243 apt 604 Ed. Edith - Centro
Goiânia-GO. CEP: 75015-120 - Fone: 223-9678

4 - ANTOLINDA BAÍA BORGES

End: Rua D. Cândido, nº 27 - Centro - Cidade de Goiás-GO - CEP: 76600-000
Fone: (62) 371-1931 / 371-1990

5 - ANTÔNIO FIRMINO DE LIMA

End: Av. Eptácio Pessoa, Qd. 7, Lt. 29 - Parque Anhanguera Goiânia-GO - CEP: 74335-070
Fone: (62) 287-4379

6 - ANTÔNIO OLIVEIRA MELLO

End: Rua Olavo Amorim, nº 162
Patos de Minas-MG / Cx. Postal 195
CEP: 38700-000

7 - BRÁULIO NASCIMENTO

End: Rua Sá Ferreira, nº 205 / 901 - Copacabana
Rio de Janeiro-RJ - CEP: 08900-000

**8 - BENTO ALVES ARAÚJO FLEURY
CURADO**

End: Praça Constantino Xavier n 36 Centro
Trindade-GO - CEP: 75380-000 - Fone: 505-1171

**9 - CARLOS GRANADO VIEIRA DE
CASTRO**

End: Rua Aristides Espíndola, n.^a 08, apt^a 403 - Leblon
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22440-050
Fone: (21) 294-1006

10 - CARLOS HUMBERTO P. CORREA

End: Rua Allan Kardec, n 181
Florianópolis - SC - CEP: 88025-100 - Fone: (48)
228-2185

11 - CÉLIA SIQUEIRA ARANTES

End: Rua R-11, n.^a 691, apt^a 702 - Setor Oeste
Goiânia-GO - CEP: 74140-010 - Fone: (62) 253-
1898

12 - CYBELLE MOREIRA DE IPANEMA

End: Av Augusto Severo 8/ 12 andar Glória
Rio de Janeiro-RJ - CEP: 20021-040 - Fone: (21)
3393-3927

13 - DJALMA SILVA

End: Rua L-5, n.^a 121 - Bairro Feliz
Goiânia-GO - CEP: 74630-320 - Fone: (62) 261-
1059

**14 - DOMINGOS PACÍFICO CASTELLO
BRANCO FERREIRA**

End: Rua Timóteo da Costa, n.^a 623, apt^a 802 - Leblon
Rio de Janeiro-RJ - CEP: 22450-130 - Fone: (21)
274-9794

15 - DULCE MADALENA RIOS PEDROSO
End: Rua 88-A, n^a 5 - Setor Sul - Goiânia-GO
CEP: 74085-020 - Fone: (62) 241-0988 / 227-1502

16 - ENÉLIO LIMA PETROVICH
End: Rua da Conceição, n^a 622 - Cidade Alta Brasil
Natal-RN - CEP: 59025-270 - Fone (84) 221-1228

17 - ESTHER CALDAS GUIMARÃES BERTOLETTI
End: Rua das Laranjeiras, n^a 147, apt^a 204 - Copacabana
Rio de Janeiro-RJ - CEP: 22240-000

18 - FILADELFO BORGES DE LIMA
End: Rua 27, n^a 412 - Bairro Califórnia
Rio Verde-GO - CEP: 75906-430 - Fone: (62) 621-0932

19 - GUSTAVO NEIVA COELHO
End: Caixa postal 12.062
Goiânia-GO - CEP: 74.645-970 Fone: (0xx62)
278-5218/9968-3646

20 - HILDEGARDES VIANNA
End: Av. Princesa Isabel, n^a 401, apt^a 102 - Barra
Salvador-BA - CEP: 40130-030

21 - JOÃO ALBERTO NOVIS GOMES MONTEIRO
End: Rua Barão de Melgaço, n^a 3709
Cuiabá-MT - CEP: 78005-500

22 - JOSÉ FARIA NUNES
End: Av. Idelfonso Carneiro, n^a 295, Centro
Caçú - GO - CEP: 75.813-000
Fone: (64)656-2833

23 - JORGE SALIM SAFADY

End: Rua Rui Barbos*a, n 159 - Professor Jamil Safady
- GO
CEP: 74465-000 - Fone: (62) 498-1402

24 - LENINE DE CAMPOS PÓVOA

End: Rua Estevão de Mendonça, nª 1877
Cuiabá-MT - CEP: 78020-000 - Fone: (0xx65)621-
2867

25 - MANOEL RODRIGUES FERREIRA

End: Av. Higienópolis, nª 240, aptª 31
São Paulo-SP - CEP: 01238-000

26 - MARLENE GOMES VELLASCOS

End: Rua Cândido, nª 27 - Cidade de Goiás-GO
CEP: 76600-000 - Fone: (62) 371-1931

27 - MARTINIANO JOSÉ DA SILVA

End: Cx. Postal n 26
Mineiros - GO - CEP: 75830-000 - Fone: (62) 661-
1239

28 - MARIA CAVALCANTI MARTINELLI

End: Rua T-48, nª 11, aptª 404 - Setor Oeste
Goiânia-GO - CEP: 74140-086 - Fone: (62) 251-
1168

29 - OSVALDO RODRIGUES PÓVOA

End: Rua Profª Carlos Alberto Wolney, nª 15 - Centro
Dianópolis-TO-CEP:77300-000-Fone:(63)692-
1261/224-3243

30 - SÔNIA MARIA FERREIRA
End: SQS 410, Bl. K, aptª 205
Brasília-DF - CEP: 70276-110 - Fone: (61) 244-4497

31 - STELLA LEONARDOS
End: Rua Marquês de São Vicente, nº 200 - Gávea
Rio de Janeiro-RJ - CEP: 22451-040 - Fone: (21)
239-2375

32 - TEREZY FLEURY DE GODOI
End: SQN 313, Bl. F, aptª 510
Brasília-DF - CEP: 70766-060

33 - VALDEMES RIBEIRO MENEZES
End: Rua Cesário Silva, n 365
Inhumas - GO - CEP: 75400-000 - Fone: (62) 514-
1400

34 - VALDON VARJÃO
End: Rua Cel. Antônio Cristino Cortês, nº 08 - Barra
do Garças-MT
CEP: 78300-000-Fone: (65) 446-2755 / 446-3335 /
446-1531

35 - WALDEREZ LOUREIRO MIGUEL
End: Rua 3, n 921 - Setor Oeste
Goiânia - GO - CEP: 74093-060 - Fone: (62) 214-
2912

36 - ZÉLIA DOS SANTOS DINIZ
End: Av. Catarina de Abreu, n 36
Aragarças - MT - CEP: 76240-000

SÓCIOS EMÉRITOS

1 - ÁTICO VILAS BOAS

End: Praça da Matriz, n 248
Macaúbas - BA - CEP: 46500-000

2 - BELKISS SPENCIERE CARNEIRO DE MENDONÇA

End: Av. Tocantins n 776 - Centro
Goiânia - GO - CEP: 74.015-010
Fone: (62)223-1272

3- GERÔNIMO CARVALHO BUENO

End: Rua Aporé Q-119 L-11 a 17, Residêncial Brasília Sul Vila Brasília - Aparecida de Goiânia - GO
CEP: 74.905-140 - Fone (62)824-3228

4 - JOSÉ MENDONÇA TELES

End: Rua 89, n^a 333, Setor Sul
Goiânia - GO - CEP: 74.093-140
Fone (62)241-3612

5 - LENA CASTELO BRANCO FERREIRA FREITAS

End: Rod. G - 060, Km 11,5 - Chácara Santa Cruz - Trindade Goiás - C.P. 101 - CEP: 75.380-000 -
Fone: (0xx62)294-5889

6 - MODESTO GOMES DA SILVA

End: Rua 1 n^a 967 apt^a 701 - Setor Oeste
Goiânia - GO - CEP: 74.115-040

7 - NANCY RIBEIRO DE ARAÚJO E SILVA

End: Rua 107, n 312 - Setor Sul
Goiânia - GO - CEP: 74.085-060
Fone: (62)281-9847

8 - WALDYR DO ESPIRITO SANTO CASTRO QUINTA

End: Rua 1, n 800, apt 101 - Ed. Minerva - Centro
Goiânia-GO - CEP: 74.125-020
Fone: (62)215-1985

SÓCIOS BENEMÉRITOS

1 - BASILEU TOLEDO FRANÇA

End: Rua 8 N 200 APT 202 - Setor Oeste
Goiânia - GO - CEP: 74115-100 - Fone:
(0xx62)215-7409

2 - ESTHER BARBOSA ORIENTE

End: Rua 3 n 370, Ed. Mantiqueira, apt 802 - Setor
Oeste - Goiânia - GO - CEP: 74.115-050

3 - GILBERTO MENDONÇA TELES

End: Rua Pompeo Loreiro, n 36, apt 802 -
Copacabana - Rio de Janeiro - R
CEP: 22061-000 - Fone: (21) 235-7454

4 - HUMBERTO CRISPIM BORGES

End: Rua 19, n 71, apt 906 - Centro
Goiânia - GO - CEP: 74030-090 - Fone: (62) 224-
4625

SÓCIOS HONORÁRIOS

1 - ANTÔNIO DE SOUZA ALMEIDA

End: Rua 19, nº 100 - Setor Marechal Rondon
Goiânia-GO - CEP: 74560-460
Fone: (62) 211-1616

2 - ARMÊNIA PINTO DE SOUZA

End: Rua 115 - E, n 84 - Setor Sul
Goiânia - GO - CEP: 74085-290

3 - DOMICIANO FARIA PEREIRA

End: Rua 125, nº 88 - Setor Sul - Goiânia-GO
CEP: 74093-070 - Fone: (62) 250-1188 / 250-1000

4 - GOIANDIRA DO COUTO

End: Rua Joaquim Bonifácio, n 19 - Cidade de Goiás
- GO - CEP: 74600-000 - Fone: (62) 371-1303

5 - HÉLIO SEIXO DE BRITO

End: Rua 1127, n 48 - Setor Marista
Goiânia - GO - CEP: 74.085-100
Fone: (62)241-6402/524-4314/9973-7366

6 - HÉLIO SEIXO DE BRITO JÚNIOR

End: Rua 110, nº 48 - Setor Sul - Goiânia-GO - CEP:
74093-070
Fone: (62) 241-6402 / 524-4314 / 9973-7366

7 - JORGE GABRIEL MOISÉS

End: Av. Edmundo P. de Abreu, nº 423, aptª 401
Setor Pedro Ludovico - Goiânia-GO - CEP:
74823-030

8 - JORGE DE MORAES JARDIM

End.: SAI- Sul ASP-LD. Bloco A Brasília-DF.
CEP: 71.215-000 Fone(61)415-1362

9 - JOSÉ AFONSO BARBOSA

End: Rua Rio Grande do Sul n 40 - Centro
Morrinhos - GO - CEP: 75.650-000

10 - LEONARDO MARTINS NORMANHA

End: Av. T-9, n^a 303 - Setor Marista - Goiânia-GO
CEP: 74150-300 - Fone: (62) 281-1873 / 281-1358

11 - LOURIVAL LOUZA JÚNIOR

End: Av. Jamel Cecílio, n^a 3.300 - Jardim Goiás
Goiânia - GO - CEP: 74.816-900
Fone: (62)546-2019

12 - LUIZ JOSÉ BITTENCOURT

End: Rua T-38, n^a 692, apt^a 1201 - Setor Bueno
Goiânia-GO - CEP: 74223-040

**13 - MARCO ANTÔNIO DE OLIVEIRA
MACIEL**

End: Praça dos Três Poderes, Palácio do Planalto -
Anexo 2 Brasília-DF - CEP: 70150-900
Fone: (61) 411-2230 / 411-2248 / 229-3420(fax)

**14 - MARCONI FERREIRA PERILLO
JÚNIOR**

End: Pç. Pedro Ludovico Teixeira, n^a 1 - Centro -
Goiânia-GO - CEP: 74003-010
Fone: (62) 224-0022 / 229-3420 (fax)

15 - NELSON PATRIOTA

End: Rua Pe. Pinto, n 740 - Cidade Alta
Natal - RN - CEP: 59025 - 010

16 - PEDRO PAULO MONTENEGRO

End: Rua Visconde de Mauá, n 3302 - Pio XII
Fortaleza - CE - CEP: 60125-161

17 - TEREZINHA VIEIRA DOS SANTOS

End: Rua 32, n^a 147 - Setor Marista - Goiânia-GO -
CEP: 74150-130 - Fone: (62) 281-5654

**18 - WALTERDAN FERNANDES
MADALENA**

End: BR-153 Km 1.292 - Jardim Cristal Aparecida de
Goiânia - CEP: 74.982-760
Fone: (62) 283-7777

19 - VILMAR ROCHA DA SILVA

End: Praça dos Três Poderes - Câmara dos Deputados
Brasília-DF - CEP: 70160-900
Fone: (61) 318-5151

FOTOGRAFIAS

PHOTOGRAPHIES



Público de pé, cantando o Hino Nacional. Posse dos novos Associados - 20/08/2002.



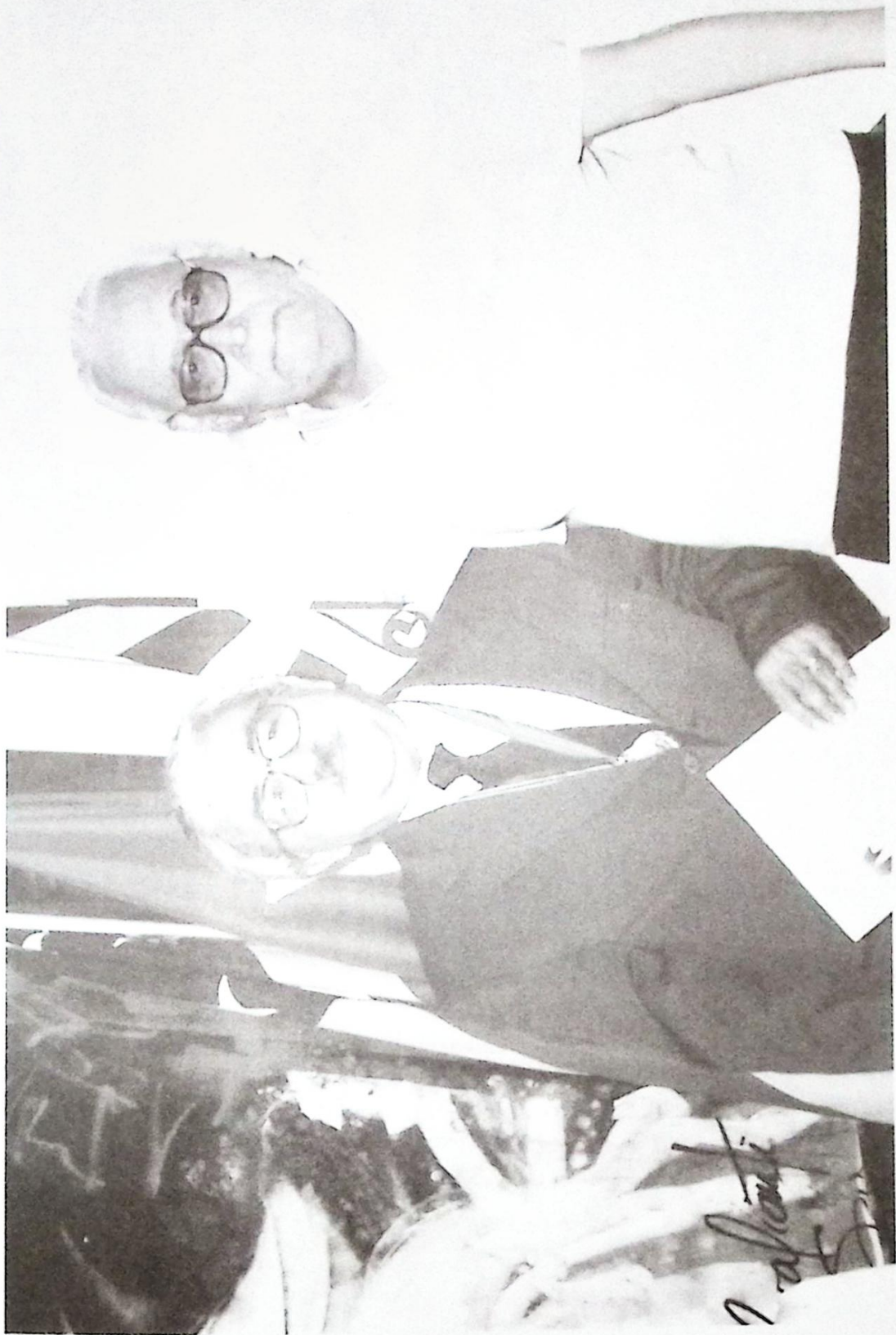
Novos associados do Instituto, da esquerda para direita: Itami Campos, Antônio César C. Pinheiro, Andrea Luiza Teixeira, Waldyr do E. S. C. Quinta Nancy Ribeiro, Lena Castello Branco F. de Freitas (diretora desta revista), Jerônimo Carvalho Bueno e Belkiss S. C. de Mendonça.



Augusta da Paixão Fleury Curado ladeada à direita pela filha Augusta Faro Fleury de Melo, Maria Augusta Calado, à esquerda por Belkiss Spenciere C. Mendonça e José Mendonça Telles.



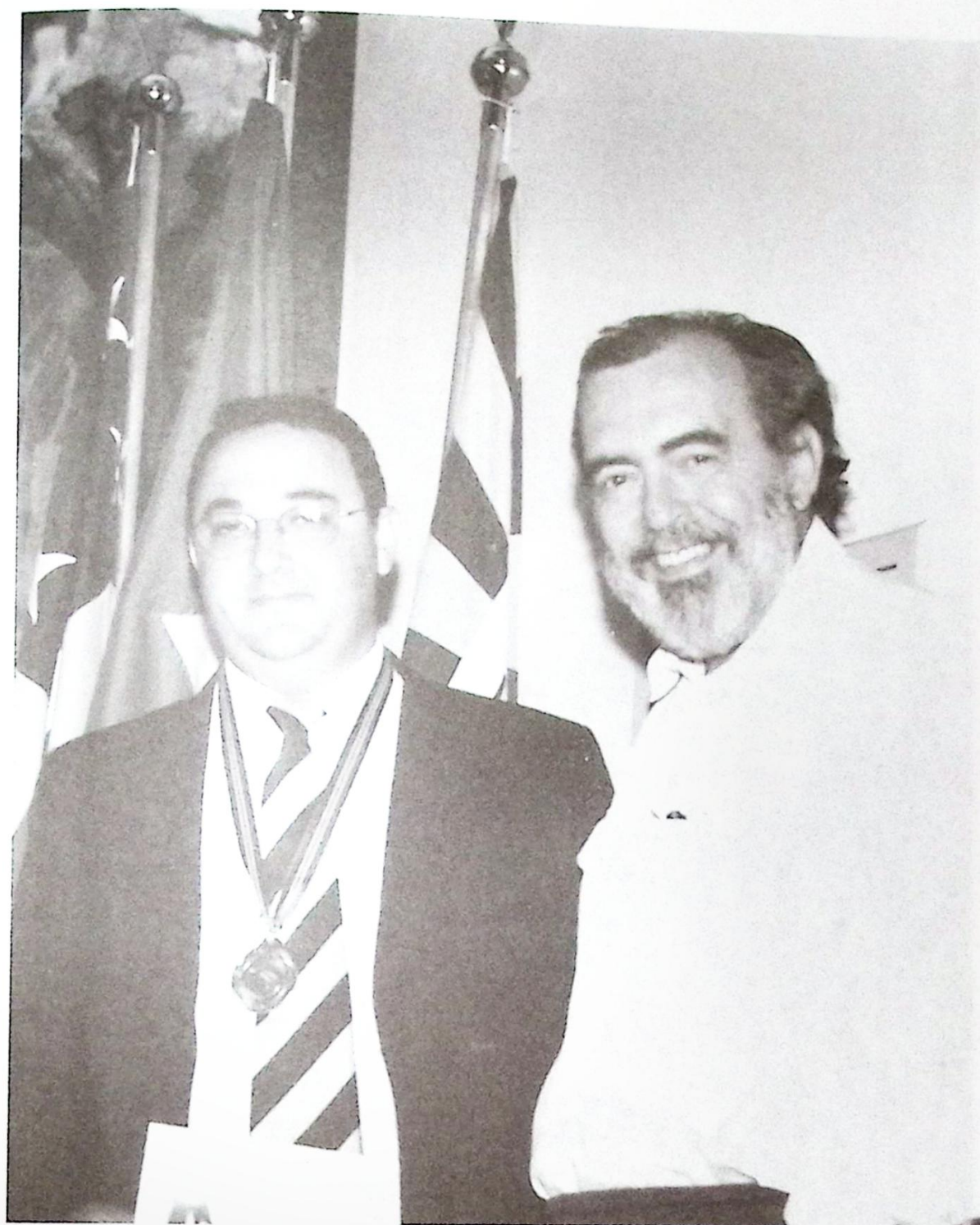
Sócios Honorários Walterdam Fernandes Madalena ao lado dos Sócios Titulares Mauro Borges Teixeira à direita, Luiz Estevam e Nasr Chaul à esquerda.



Sócios Titulares Itami Campos e Jacy Siqueira.



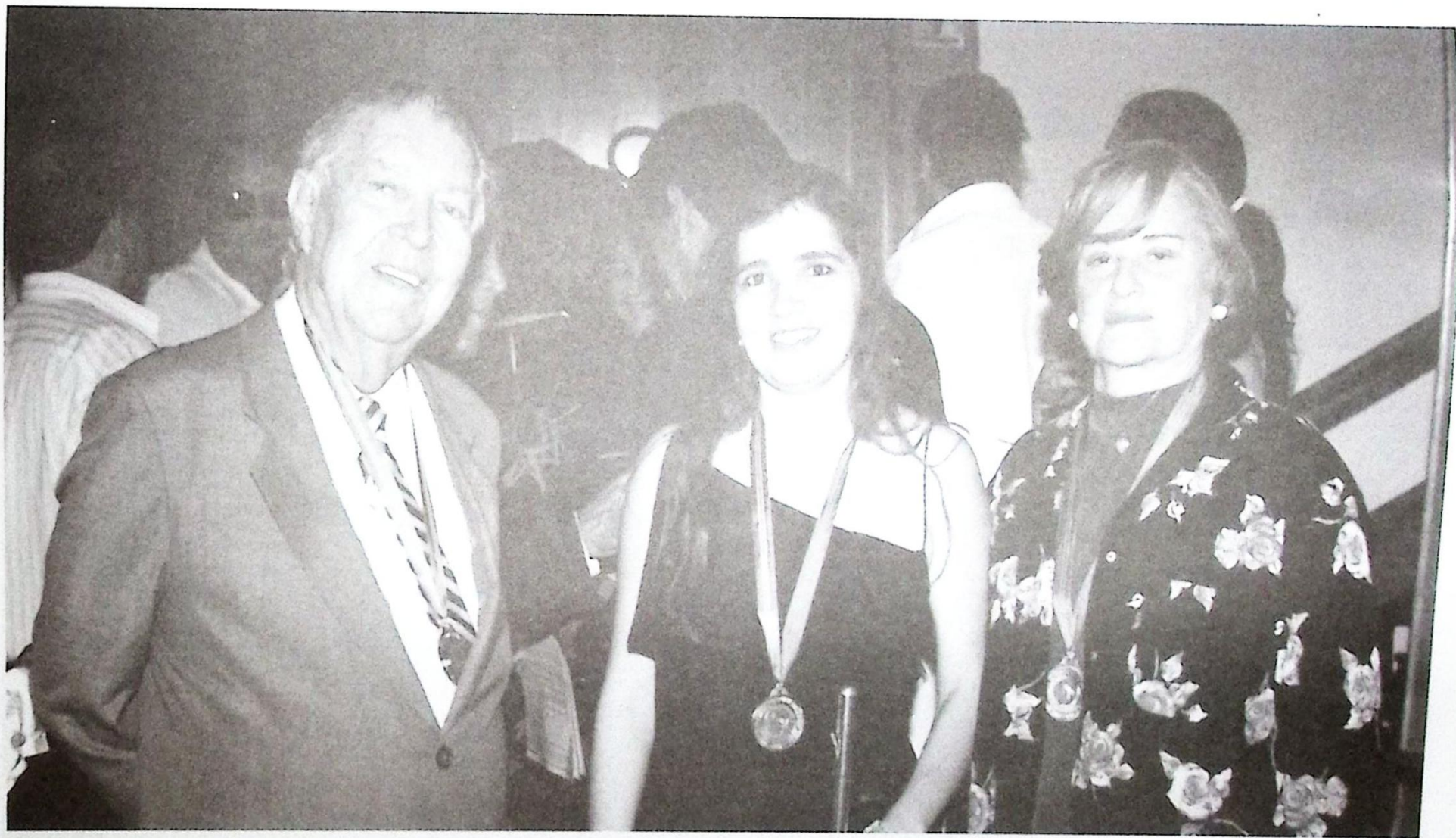
Momento em que o Diretor Presidente do Shopping Flamboyant, Dr. Lourival Lousa Jr. entrega ao Presidente do IHGG cheque de patrocínio cultura de sua empresa.



Sócios Titulares Antônio César C. Pinheiro e Paulo Bertram.



Sócia Emérita Belkiss ao lado do Sócio Titular Bariane Ortencio e escritora Malu Ribeiro.



Sócia Correspondente Andrea Luíza ladeada pelos Sócios Eméritos Waldyr do Espírito Santo e Nancy Ribeiro de A. e Silva.



Sócios Titulares Juares Costa Barbosa e Genesco Ferreira Bretas.



Presidente José Mendonça Teles tendo à sua frente a Sócia Benemérita Esther Barbosa Oriente, à esquerda a Chefe de Gabinete do Instituto Elizabeth Abreu Caldeira Brito e o Sócio Titular Geraldo Coelho Vaz e a direita, a assessora Neusa Soares de Melo.

1875
1876
1877
1878
1879
1880
1881
1882
1883
1884
1885
1886
1887
1888
1889
1890
1891
1892
1893
1894
1895
1896
1897
1898
1899
1900

EDIÇÃO DO AUTOR

Este livro foi impresso
na oficina da



ASA EDITORA (62) 211-3958
paginado numa estação gráfica
PENTIUM III
usando fonte Garamond-Normal
formatado por
MARLA MARTINS

A revisão desta obra é de total e única
responsabilidade do autor

Patrocínio:



BrasilTelecom

Apoio:

